Guido Viaro O CUBO MÁGICO

Parana'

Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Ilana Lerner

Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital **Omar Godoy**

Jurados | Romance Deonísio da Silva Luiz Rebinski

Preparação editorial João Lucas Dusi

Revisão

Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Cantalupo**

Dados internacionais de catalogação na publicação Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi - CRB/9 - 1617

Viaro, Guido

O cubo mágico [livro eletrônico]/ Guido Viaro. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2020.

194 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria romance" ISBN 978-65-89223-10-8 (e-book) PDF

1. Ficção brasileira. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22° ed.) 869.3

O CUBO MÁGICO

Guido Viaro



Romain acordou no meio da noite, caminhou até a cozinha, abriu a geladeira, tomou um copo de água e então percebeu que nada fazia sentido. Caminhou pela casa escura, viu os porta-retratos onde aparecia ao lado da mulher e do filho recém-nascido. Depois espiou o quarto do bebê, que dormia, então voltou para seu quarto. Sua mulher dormia. Perguntou-se com o que estaria sonhando. Depois foi até a janela, cuja vista conhecia de cor: uma lavanderia. Talvez fosse o momento de fumar um cigarro, mas havia se esquecido de comprá-los. Na paisagem, nada se movia. Uma corrente envolvia a porta da lavanderia cujas cores vibrantes das placas publicitárias pareciam enfraquecidas diante do poder da noite.

Escutou algum ruído vindo da tubulação do apartamento de cima. Talvez alguém indo ao banheiro. Lembrou-se que também era composto por pequenos canos que faziam seu sangue circular. Era por causa desses canos que conseguira perceber o vazio. Eram eles que lhe proporcionaram a ereção necessária para a relação sexual que tivera com sua mulher. Em silêncio, deixou o quarto, abriu a porta do apartamento, sentou-se nas escadas e ficou tentando escutar outros ruídos. O silêncio foi maciço, o sangue parecia haver deixado de circular. Reparou nas marcas que os pés, ao longo de muitos anos, deixaram nos degraus. Os pequenos desgastes

estavam por toda parte. Havia manchas na pintura, arranhões no corrimão, um vidro trincado. O tempo agia sobre aquele prédio.

Não queria ser surpreendido, ali, por algum vizinho, mas também não tinha vontade de voltar para seu apartamento. Ficou ali, sentado na madeira escura escutando e vendo nada, enquanto todos dormem. Até que, finalmente, acordou.

O sonho estranho era mais um dos muitos que vinha tendo. Em vários deles, o cenário era sempre o mesmo: o velho prédio de seis andares em que morava há quatro anos. Igual a milhares de outros: escadas de madeira, um elevador minúsculo e apartamentos pouco maiores do que o elevador. Esse prédio possuía algo diferente dos outros. Seu endereço localizava-se no número 56 da Rua Lamarck, no décimo oitavo arrondissement de Paris. Afora a particularidade do endereço, que os outros prédios também possuíam, era igual a todos. Até os moradores pareciam obedecer a cotas. Dos 24 apartamentos, dez a doze eram ocupados por velhos solitários. Dois por estudantes estrangeiros. Dois por franceses na faixa dos quarenta anos, solteirões ou divorciados. Um era sempre ocupado por uma bela jovem, às vezes estrangeira, às vezes francesa, e que tem o hábito de trazer namorados que costumam carregar garrafas de vinho e dão risadas volumosas nas áreas comuns. Há também três ou quatro famílias que conseguem se apertar em espaços de menos de quarenta metros quadrados. Os outros três ou quatro apartamentos são ocupados por gente tão sem graça que passa despercebida. São os figurantes que enchem os vagões de metrô. Não fazem barulho, chegam e saem em horários que

ninguém vê. Se quisermos, conseguimos ler seus nomes nas caixas de correio, mas são nomes que, assim como eles, não despertam qualquer interesse.

Mas, deveria haver algo que, nos últimos dias, fazia com que esse prédio virasse cenário de seus sonhos. A mulher e o bebê que encontrara durante a noite foram derretidos pela manhã. Os porta-retratos ainda estavam lá, mas neles Romain aparecia em frente às pirâmides do Egito ou ao lado da estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. A vontade de fumar era outro mistério — de onde havia saído aquilo? Já o vazio, bem, esse não era difícil de descobrir. Aos 29 anos, a adolescência já havia ficado para trás há um bom tempo. As primeiras expectativas da vida adulta também. Ao mesmo tempo em que conhecia as primeiras desilusões, precisava continuar jogando lenha na fogueira das esperanças. Além disso, tinha de sobreviver. Muita coisa ao mesmo tempo, fácil de escorregar em algum vão e permanecer confortavelmente por algum tempo escondido, sem pensar em nada.

Romain revisa textos para uma grande editora francesa. Foi o que havia conseguido assim que se formou em Filosofia, e lá se vão quatro anos. Mas ele escreve textos também. O problema é que ninguém os lê. É isso que desconfia, porque os envia frequentemente para editoras, que não aquela em que trabalha, para que sejam publicados. Mas eles voltam em tempo recorde, acompanhados por uma carta que ressalta as qualidades do material, mas lamenta que não esteja alinhado com o perfil editorial da empresa.

Depois daquele sonho estranho, a manhã continuou. Havia algo diferente em suas horas. Logo que acordou, foi até a varanda e as primeiras pessoas que viu foram dois anões, um casal. O rapaz era um carteiro e percebeu quando entrou em seu prédio. A anã ficou esperando do lado de fora. Resolveu descer para ver se aquele anão carteiro poderia trazer-lhe alguma boa notícia. O anão ainda colocava correspondências em algumas caixas postais e ofereceu sua ajuda para colocar nas caixas mais altas. O anão aceitou, mas não agradeceu. Romain achou rude de sua parte, e só então percebeu que o homem, além de anão, era obeso, o que acabou amolecendo seu coração, que abriu a porta para que ele saísse do prédio. Ele novamente não agradeceu. Ainda conseguiu ver o casal de mãos dadas procurando outro endereço. Quando voltou para dentro, percebeu um grande envelope saindo de sua caixa postal. Enfiou-o embaixo do braço sem olhar, pegou o elevador e, enquanto subia, mesmo sem olhar, já sabia do que se tratava: mais uma correspondência de uma editora para a qual havia enviado seus originais. Provavelmente com a mesma resposta das outras. Mas, talvez não. A sorte sempre pode mudar, e aquele sonho estranho poderia ser o prenúncio do exato oposto, um tempo de prazer e realizações que se iniciariam junto com o início de sua terceira década.

Abriu a porta, entrou e deixou o envelope em cima da mesa. Não tinha pressa. Precisava usufruir o instante. Leu seus e-mails, propagandas, textos para revisão enviados por sua editora, uma longa correspondência em inglês que o informava que ele era herdeiro de uma imensa fortuna, nada de interessante. Verificou as redes sociais. O mundo e as pessoas não tinham mudado desde a noite passada, e não prometiam mudar tão cedo. Uma vez decidira encerrar suas redes sociais, mas fora aconselhado

a continuar com elas apenas para manter um ponto de contato com seus eventuais leitores. Preparou seu café da manhã, ligou a televisão e logo a desligou ao sinal do primeiro debate sobre algum assunto que nem conseguiu saber qual era. Não queria discórdia, precisava de aceitação. Um pouco de Mozart espalhou-se pelo apartamento, foi até a varanda tomar ar e deu de cara novamente com o casal de anões, que desta vez parecia discutir sobre algum assunto, o homem apontava em uma direção, mas ela estava brava, e apontava na direção oposta.

Romain decidiu terminar logo com a espera. Abriu o envelope e ele trazia exatamente a mesma mensagem de uma dezena de outros. Rasgou o papel e jogou os pedaços pela janela. Foi então que percebeu que havia uma luz piscando em sua secretária eletrônica. Talvez quando tivesse descido para buscar a correspondência, alguém ligara. Escutou a mensagem, que, assim como tudo o que havia vivido desde que acordara, parecia-lhe estranha. Era de uma editora para qual ele havia enviado originais há quatro anos. Pedia para que ele entrasse em contato urgentemente. Em pouco mais de uma hora seria a segunda resposta de editora que receberia, e aquilo não lhe pareceu proporcional, pois às vezes passavam--se longos meses, ou até um ano, sem receber qualquer resposta. Estranhou também receber um telefonema, as respostas vinham sempre através de cartas ou e-mails. E ainda o pedido de urgência depois de um envio acontecido há quatro anos. Ninguém teria tamanho trabalho apenas para lhe dizer que seu texto não havia sido aceito. Na mensagem havia um nome, ele deveria falar com Jacqueline.

Respirou fundo e pensou bastante sobre a lei das compensações. Após um resultado negativo, surge outra resposta, se precisasse adivinhar, diria que as maiores chances seriam de uma resposta positiva. Mas tudo era possível. Talvez pedissem para que alterasse algo no texto. Decidiu que precisaria bancar o durão, alegar que tudo estava entrelaçado e que se retirasse algo, desapareceria a coerência. Entretanto, conhecia os meandros do mundo editorial e sabia que, principalmente um autor novo, precisaria ser flexível se quisesse prosseguir em sua carreira. Lembrou-se que a voz não dizia qual de seus originais tinha sido submetido à apreciação. Não se lembrava mais do que havia enviado, mas isso surgiria ao longo da conversa.

Lembrou-se do pedido de urgência da voz e não quis perder tempo. Ligou, escutou algumas músicas gravadas para a espera, até que finalmente Jacqueline atendeu. Identificou-se, mas ela custou a lembrar-se de uma ligação feita há meia hora. Depois que o localizou, informou-o com um tom de voz mecânico e parecendo estar lendo que os originais de *A Laranja Verde*, enviados há quatro anos, tinham sido analisados pela comissão de seleção e recusados. E que, e essa era a urgência do telefonema, ele tinha 72 horas para buscá-los na sede da editora, porque depois seriam incinerados. Essa última palavra teve um efeito devastador sobre Romain... Três segundos de silêncio seguidos por todos os palavrões que conhecia. A mulher não desligou, e quando esgotou seu arsenal de ofensas, foi ele quem bateu o telefone.

Aquilo consumiu uma energia imensa. Romain deitou-se e poderia dar o dia por encerado, mas ainda eram

dez horas da manhã. A panela cheia de ódio foi perdendo o calor e quando estava prestes a jogar todo o conteúdo fedorento no lixo, o telefone toca. Era Alone, sua namorada. Demorou a reconhecer a voz, porque ela chorava. Ela era tatuadora e, no dia anterior, havia tatuado um homem que hoje viera reclamar do resultado. O jovem encomendara um policial sendo atacado por um grupo de mascarados que racharam seu capacete com uma marreta. E foi o que Alone fez. Ele reclamava que aquele que estava sendo atacado não era facilmente identificado como policial, mas apenas alguém com uma roupa preta usando um capacete. Queria que ela adicionasse detalhes, talvez um carro de polícia com as luzes ligadas. Ela disse que havia se baseado na conversa deles e que ele havia aprovado o desenho que fizera.

O jovem permaneceu irredutível, gritando e fazendo ameaças. Um vizinho ouviu e chamou a polícia. Quando eles chegaram ela explicou a situação e disse que ele queria ver policiais mortos. Alone ainda adicionou mais alguns ingredientes raciais nesse cozido, suficientes para que algemassem o jovem. Antes de sair, ele cuspiu em seu rosto e ameaçou-a de morte. Disse que ela não tatuaria mais ninguém em Saint-Denis.

Romain ainda estava atordoado pelo telefonema anterior, então demorou a digerir todas aquelas informações. Seu silêncio despertou uma enorme irritação em Alone, que com um grito obrigou-o a viajar de onde estava *A Laranja Verde* até seu pequeno estúdio de tatuagem na periferia pobre de Paris. E ele, talvez, tenha escolhido o caminho mais longo e complicado para essa viagem.

"Quantas vezes já te disse: tatuar árabes em Sain-

t-Denis, o que você esperava? Se você trabalha em um depósito de lixo, o que encontrará todo dia? Registre uma ocorrência por ameaça, mas o melhor é sair daí. Vê se aprende. Qualquer coisa é melhor do que isso! Vá fritar hambúrgueres, cuidar de crianças..."

Foi a vez de ela mergulhar na panela vazia do silêncio, mas quando saiu dali foi em alto volume:

"Filho da puta mimado, é fácil falar, pra você todo mundo é um lixo. Só não é lixo aquelas porcarias que você escreve e ninguém lê. Saía daí, como se fosse fácil, investi tudo que tinha nessa loja. Não vou abandonar tudo. Compro uma arma, se ele quiser me matar, vai morrer, o desgraçado. Daí vou pra cadeia, não tem problema."

Romain percebeu que o caminho adotado foi errado, aquela estrada não levava até Alone. Passou a mão pela testa e reparou que estava pingando, aquele minuto de conversa havia custado caro em termos de energia gasta.

"Querida, calma, sei como deve estar. Tem de agir com inteligência, afinal você é muito mais inteligente do que aquele lixo. Preste queixa de ameaça. A essa altura ele já deve estar fichado, isso se já não for um criminoso conhecido. Se quiser vou aí te buscar quando for fechar. É melhor, pelo menos por enquanto, nunca sair desacompanhada."

Então ela disse que precisava desligar porque um policial chegara na loja e queria conversar. Quando bateu o telefone, sentiu-se como o carregador de piano que descobre que está no andar da entrega. Limpou a testa com uma toalha e percebeu que o clima não estava quente: um termômetro que tinha pendurado na parede indicava 18 graus. Deitou-se no sofá e decidiu não pensar em nada,

mas logo vieram Alone, os árabes de periferia, a polícia, as tatuagens, e precisou organizar as ideias.

Precisava de uma estratégia, oferecer-lhe um caminho, convidá-la para dividirem seu apartamento, ajudá-la com um dinheiro suficiente para alugar um quarto, incentivá-la a permanecer onde estava, e armar-se para proteger-se da eventual vingança. Ou então, e essa foi a última possibilidade imaginada, abandoná-la, bloqueá-la, sumir, nem que fosse preciso mudar de apartamento. Pesou prós e contras e decidiu que a última opção era a mais lógica. Entretanto, a de mais difícil realização. Também não dispunha de dinheiro para financiar Alone. Talvez o melhor fosse esperá-la na saída da loja, ao menos por uma semana, aos poucos ela iria se esquecendo do incidente, ele não precisaria mais perder tempo em Saint-Denis, e eles continuariam com seus encontros de final de semana.

Tomada a decisão, deixou-se flechar pelo ódio, "aqueles imbecis da editora de quinta categoria"... A Laranja Verde podia não ser uma obra-prima, mas era muito melhor que a maioria dos livros que eles publicavam. Nada além de um lixo politicamente correto feito para encantar uma classe média carregada de culpa cristã. Romain deu alguns passos — três, era o que o apartamento permitia. Precisava movimentar-se para que o ódio não queimasse as bordas de sua alma. Isso fez com que ele, o ódio, mudasse de lugar, e escorresse sobre a figura de sua namorada. As tatuagens que se espalhavam por seu corpo foram as primeiras coisas que apareceram. Uma vulgaridade construída em cima de vários pilares: superficialidade, vazio, burrice, mau gosto, elas em si representavam aquilo que ela era, uma periférica imbecil, que desconhece

o que faz no mundo e apenas copia tendências, sempre as mais simples de serem entendidas.

Mas, não conseguiu se isentar. Se havia iniciado uma relação com uma pessoa desse naipe, era porque ou era parecido com ela ou, de alguma maneira, aquele tipo que julgava desprezível exercia algum fascínio sobre ele. Sua parte de culpa fez com que o ódio esfriasse, porque a última pessoa que odiaria, mesmo que merecesse, era ele próprio. Sabia disso, e da hipocrisia que essa escolha representava. Varreu tudo para debaixo do tapete, inclusive a si mesmo. Fechou os olhos e imaginou sua raiva sendo colocada dentro de uma panela de ferro, e ela sendo enterrada no fundo de uma geleira. Aos poucos a matéria incandescente iria perdendo vermelhos e ganhando azuis, até que nenhum calor seria liberado e uma paz Antártica tomaria conta de seu espírito.

A técnica funcionou, e Romain às 10h30 da manhã, sentiu-se como se tivesse acabado de acordar de uma longa e revigorante noite de sono. Momento que combinaria com as "Gymnopédies", de Erik Satie. As notas suaves se espalharam pelo pequeno apartamento e ele lembrou-se de Alone, dos bons momentos que já viveram, das dez qualidades que possuía. Se era uma periférica de pouca cultura e nenhum refinamento, isso não era sua culpa. Quando estava prestes a enfileirar um segundo argumento de defesa, um barulho vindo de fora do prédio perfurou as "Gymnopédies".

Da janela, Romain viu metade de um longo carro preto estacionado sobre a calçada, de lá saíram dois homens que abriram a parte de traz do furgão e arrastaram um caixão. Instintivamente, desligou o aparelho de som.

Torceu para que entrassem em outro prédio, mas entraram no seu. Agora precisava torcer novamente, pois, dependendo do andar e do apartamento, aquela visita seria algo que receberia com alegria. Mas, dependendo, aquilo poderia se tornar doloroso. Especialmente se eles optassem pelo terceiro andar. Ele saiu do apartamento e, pelo vão do elevador, conseguiu acompanhar a movimentação dos agentes funerários. Eles passaram pelo primeiro andar sem vontade de parar. Subiram as escadas para o segundo e diminuíram o ritmo. Romain deixou de ouvir passos. Alegrou-se, desceu alguns degraus e viu os dois homens. Eles estavam parados no corredor. Pareciam descansar. Um deles era bastante idoso. Romain percebeu quando ele sinalizou ao homem mais jovem, que já estava pronto para continuar.

Eles avançaram na direção do terceiro andar. Talvez o velho estivesse retomando o fôlego porque ainda teria de subir mais três ou quatro andares. O destino deles era o primeiro apartamento, logo ao lado da escada, no terceiro andar. Romain voltou para dentro de seu apartamento e fechou a porta. As lágrimas correram, e ainda não eram 11 horas. O velho mágico húngaro era uma figura doce a quem se apegara. Ensinara-lhe algumas mágicas logo que se mudou para seu apartamento. O velho possuía uma pureza infantil, vivia de pequenos espetáculos, costumava distribuir balas assim que via alguma criança. Romain escreveu em um pedaço de papel: morreu aquele que não merece viver neste século. Lembrou-se das tatuagens de Alone e dos árabes cantando rap em Saint-Denis, aquilo sim era um retrato fidedigno do século 21.

Escutou o barulho dos agentes funerários descendo

a escada, aumentou o volume do computador. Não queria ouvir aquilo, aqueles barulhos ocos povoariam seus sonhos nos próximos dias. Mozart era sempre uma boa escapatória, um antídoto contra as barbáries. Do barulho do caixão sendo colocado dentro do carro funerário não conseguiu escapar, ainda ouviu uma voz, que deveria pertencer ao homem mais velho: "Mais um."

Romain admirava aquele outro mundo, onde a gentileza era um valor importante, a natureza não era uma religião, e por isso muito mais natural. Onde tudo podia existir sem depender da aparência do respectivo objeto, ação ou pessoa. Onde o tempo escorria acompanhando o declínio do sol, e os passarinhos, mesmo presos em gaiolas, retiravam bilhetes da sorte para os tocadores de realejo. Era claro que aquele mundo que idealizava havia conduzido a humanidade a duas grandes guerras, que acabaram derretendo a maioria dos valores dessa mesma civilização. Romain sabia disso, mas, mesmo assim, escolhera o tempo em que o cinema encantava e os garçons costumavam usar um pano branco sobre a manga do casaco. Escolhera o tempo lento das mesinhas à beira da calçada, quando um café durava uma tarde inteira.

Apesar da relativa pouca idade, recusava viver como seus contemporâneos, não porque tivesse preconceitos contra a modernidade, mas considerava as suas consequências feias, vulgares, vazias. Sándor estava morto. Um homem que tratava seu velho coelho como um amigo inseparável. Que andava sempre com uma flor da estação na lapela. Que quando cozinhava pratos típicos de seu país, deixava um pratinho de plástico com um pouco de comida na porta de todos os apartamentos do prédio. E o que

dizer de sua roupa de mágico, um clássico *smoking* negro, camisa branca com colarinho engomado, uma capa azul escuro e a cartola, de onde costumava retirar seu velho amigo. Tudo sempre muito limpo e bem passado, cheiroso, mas odores discretos e sofisticados que, segundo uma vez disse, deveriam combinar com a apresentação.

O relógio marcava meio-dia. Se os acontecimentos prosseguissem naquela velocidade, às seis da tarde teria envelhecido dez anos. Mas eles decidiram parar por aí. Talvez haja alguma lei não escrita que compensa dores, alegrias, agindo quando qualquer sentimento ou sensação começam a se acumular em demasia, abrindo as torneiras e deixando com que a pessoa seja liberta. E foi o que aconteceu. Romain viveu uma semana sem qualquer percalço. A tristeza amainou, afinal, Sándor já não pertencia mais a esse mundo. E tudo que prendia Romain o interessava, despertava ódios e amores, fazia com que se rebelasse ou se tornasse indiferente, pertencia.

Nos últimos dias, Alone desaparecera. Romain preocupou-se, até encontrar em seu celular uma mensagem dela dizendo que deixaria a loja com uma amiga e iria passar uma semana em Bordeaux, na casa de uns parentes. Aquela informação provavelmente era falsa, mas era melhor assim, preferia que fosse ela que carregasse o peso da mentira. Enviou uma mensagem dizendo que ela realmente estava precisando de umas férias e que aproveitasse para descansar bastante. Para completar a farsa, adicionou um *emoji* em que um coração vermelho era atravessado por uma flecha.

O trabalho na editora havia mudado um pouco. Normalmente ele revisava ficção, o que costumava mexer com seus brios quando encontrava algum autor que era editado sem merecimentos, ou então o contrário: quando revisava algum livro que julgava jamais seria capaz de escrever. Em ambos os casos era movido por emoções que não deveriam estar ali. Mas, temporariamente, fora transferido para o departamento de Filosofia Contemporânea. Revisava uma longa obra coletiva chamada "Neoestruturalismo, o pensamento dos netos de Derrida". Para Romain a obra tinha uma virtude rara, que o afastava de qualquer ligação emocional: era o texto mais prolixo, chato e arrogante que já havia lido. Na verdade, a obra parecia uma imensa colagem de notas de rodapé, algumas com

até duas páginas de extensão. Diante disso, sua atenção era somente em relação à língua, o que fazia com que o tempo passasse mais depressa.

Sentia, principalmente nos fins de tarde, um otimismo que há tempos não experimentava. Parecia que as surpresas agradáveis estavam todas prontas, guardadas em algum depósito, e havia alguém, com uma lista de datas, encarregado de entregá-las. Não demoraria, algum de seus livros seria aceito, Alone tomaria seu caminho e, talvez, algumas outras surpresas com as quais nem sonhava.

Romain, ao sair da editora, costumava passear a pé por Paris, atravessava longos trechos reparando nas pessoas, cafés, restaurantes. Gostava de chegar em casa e anotar aquilo que vira. Usava partes desse material em contos, poemas ou romances. Sempre atravessava a Galeria Vivienne, uma charmosa passagem coberta construída em estilo neoclássico no início do século 19. Conhecia as lojas de cor, mas um dia percebeu uma pequena porta com algo que chamou sua atenção. Uma loja de chás do mundo inteiro. A atendente era oriental e falava um francês suficiente apenas para efetuar as vendas. Mas a loja era muito bem organizada, com informações sobre as qualidades e nacionalidades de cada um dos chás. Tornou-se freguês, começou pelos chineses. Comprou também alguns equipamentos para a preparação do chá. Chegava em casa e, ao som do velho Mozart, degustava seu chá olhando pela janela. Aquilo lhe trazia uma paz rara, a um custo muito pequeno.

A campainha tocou no auge da paz, talvez fosse a entrega da primeira surpresa. Uma velha senhora que mo-

rava ao lado do apartamento de Sándor. Romain a vira umas poucas vezes e nunca havia ido além de um bom dia. Ela desculpou-se pelo incômodo. Ele resolveu compartilhar com ela o chá. Parecia ansiosa para chegar em algum assunto, enquanto isso dava voltas que começaram a fazer Romain reparar se a xícara transparente estava prestes a ficar vazia. Ela bebia lentamente, sempre assoprando entre dois goles. Elogiou a decoração do apartamento e perguntou com o que ele trabalhava até que a xícara e os assuntos secaram. Depois de algum silêncio, ela finalmente revelou a razão de sua visita. Depois da morte de Sándor, os vizinhos procuraram algum parente e não encontraram ninguém. O locatário, também húngaro, que o conhecia há quarenta anos, garantiu que ele era sozinho no mundo. Então, em unanimidade, os moradores decidiram partilhar seus bens entre si. Segundo ela, ele possuía quase nada, três ou quatro móveis, alguns livros velhos todos em húngaro, suas roupas e seu equipamento de mágica.

Foi só então que Romain reparou que a senhora carregava uma pequena sacola plástica. Ela explicou que o mais difícil foi encontrar quem quisesse ficar com seu coelho, velho e obeso. Mas finalmente a única criança do prédio conseguiu convencer seus pais. Foi quando lhe entregou a sacola, dizendo que sabia que o mágico gostava muito de Romain, por isso havia separado para ele a peça mais valiosa.

Sem saber o que dizer e nem se deveria aceitar aquela sacola, ele segurou-a na mão, sem abrir. A mulher pareceu realizada e nesse mesmo instante informou que agradecia por toda a gentileza com a qual fora rece-

bida, mas precisava sair porque seu marido, que havia tido um AVC, precisava dela para se alimentar. Romain não se opôs, apenas permaneceu em silêncio e em poucos segundos estava novamente sozinho em seu apartamento. Antes de examinar o conteúdo da sacola passeou os olhos pela mesa, onde havia as duas xícaras de chá vazias. Era a primeira vez que compartilhava com alguém seu novo hábito. Aquilo lhe pareceu estranho.

Abriu a sacola e encontrou um embrulho feito com jornais, por curiosidade leu a matéria antes de desfazer o pacote. Falava sobre um homem que havia sido preso por pousar um avião de pequeno porte em plena Avenida Champs-Élysées. Questionado sobre as razões que o levaram a fazer isso, o homem respondeu que não havia razões, o avião não tinha problemas técnicos e ele não estava protestando contra nada. Apenas sentira vontade de pousar em uma das avenidas mais movimentadas do mundo. Romain rasgou a manchete e embaixo dela havia outra camada de jornal, dessa vez não quis ler, enfiou as unhas até encontrar um objeto estranho. Levou algum tempo até conseguir identificar o que era.

Um cubo decorado com retângulos de vidro. Depois de manuseá-lo, descobriu que havia uma abertura no alto e que a peça funcionava como uma caixa que, da mesma maneira que era por fora, também era cravejada de retângulos vítreos por dentro. Aquilo deveria ser algo utilizado por Sándor em algum truque de mágica. Talvez tirasse dali alguns lenços que iriam mudando de cores, ou então cartas selecionadas de baralho. Mas o objeto era muito pequeno para o coelho.

Lembrou-se então das palavras da velha: "a peça

mais valiosa". Colocou-o em sua prateleira, que continha uma centena de seus livros favoritos, algumas fotos de lugares que gostava e vários originais encadernados dos nove livros que já havia escrito, e que esperavam ali, deitados tranquilamente, até o dia em que seriam descobertos e não teriam mais paz. Romain sentou-se em uma cadeira e por longos minutos não pensou em nada, não queria voltar a sofrer por Sándor. Aos poucos, ideias negras foram sendo regadas por substâncias ainda mais escuras. Provavelmente havia sido enganado. Não se importava com valores, e qualquer peça poderia ser um bom suvenir do amigo, mas aquelas pessoas do prédio não tinham o direito de distribuir suas coisas e decidir quem ficaria com o quê. Em casos como esse deveria haver algum procedimento legal padrão. E não era esse.

Duvidava que Sándor possuísse algo de valor, mas, talvez, algum objeto pudesse valer o suficiente para satisfazer os desejos mesquinhos daqueles pequenos egoístas. Imaginou aquela velha mostrando para sua filha a sua nova cristaleira. As horas foram passando e a raiva sendo moída e adicionada a cada uma de suas ações. Não conseguiu fixar a atenção em nenhum canal de televisão. O último programa que se lembrou estar assistindo era sobre americanos que eram fanáticos por cupons de compras. Em geral mulheres na faixa dos 30 ou 40, vindas de cidades de porte médio do interior dos Estados Unidos, que viviam para juntar cupons e conseguir enormes descontos em suas compras. Às vezes, conseguindo--as gratuitamente. O problema era que nem sempre as compras correspondiam aos desejos das famílias. Essas consumidoras orgulhavam-se de seus enormes depósitos que exibiam com orgulho para as câmeras. Uma delas mostrava oitenta latas de comida para gato, mesmo sem possuir um.

Essa mesquinhez juntou-se àquela que atribuía à velha que o veio visitar, e a provavelmente todos seus vizinhos do prédio. Suas pálpebras começaram a pesar e ele só foi despertado pela campainha. Imaginou que se fosse a velha ou qualquer outro dos vizinhos querendo entregar-lhe algum objeto pessoal ou utensílio de cozinha que pertencera a Sándor. Iria expulsá-los aos gritos.

Mas a surpresa, que imaginava que seria entregue, veio em dose cavalar. Um de seus vizinhos tocava a campainha, e assim que abriu a porta apertou sua mão. Romain demorou a reconhecê-lo, e assim que o fez, custou a acreditar no que via. E assim que acreditou, custou a recuperar a voz. Sándor precisou acalmá-lo. O jovem fingiu que estava tudo bem e não tocou no assunto que o fizera passar mal. O mágico vinha convidá-lo para um espetáculo que iria começar em alguns instantes no pátio do prédio. Sem saber como responder ao convite, e puxado pela mão de Sándor, que lhe pareceu tão fria quanto a sua própria, deixou-se levar. Quando chegaram à escada, conseguiu liberar-se do mágico. Aquilo estaria mesmo acontecendo? O mágico estranhou que o amigo não viera e veio ao seu encontro, os olhos de Romain mergulharam nos olhos daquele homem que sempre parecera estranho, e agora estava ainda mais. Algo havia mudado em sua aparência, seus olhos pareciam escuras projeções de outros olhos sobre o buraco ocupado anteriormente por seus olhos. Sua pele, sempre morena, ganhara uma tonalidade pálida, e até sua maneira de falar, seu pequeno sotaque húngaro, parecia aumentado e ele cometia os erros de francês que costumam cometer aqueles que estão há pouco tempo no país.

Quando olhou para Romain, o jovem permanecia no alto da escada, sem saber se avançava, voltava para seu apartamento ou tocava naquele espinhoso assunto. A frase pronunciada por Sándor assustou-o: "Desce... a mágica nasce, preciso de nascimento"... O velho subiu os degraus e puxou Romain pela mão, que pensou em fazer-lhe uma pergunta, mas desistiu. Desceram até o pátio e várias cadeiras estavam posicionadas em fileiras. A iluminação usava pequenos canhões de luz em cores escuras, havia um minúsculo palco de um palmo de altura onde estava posicionada uma mesa e alguns objetos, entre os quais, reconheceu um cubo de vidro igual àquele que a velha o presenteara. Na plateia viu alguns rostos que conhecia dos corredores, foi cumprimentado, mas só teve forças para acenar com a cabeça.

Sándor desapareceu, e por um instante Romain teve vontade de ir embora. Lembrou-se de Alone. Neste caso, ficaria feliz se a visse entrando pela porta do prédio e sentando-se ao seu lado. Mas quem entrou em cena foi o velho mágico, vestido com sua roupa para espetáculos. E também ela, a roupa, parecia estar diferente. As cores do colete e da capa, antes brilhantes, agora estavam opacas, e na lapela havia um broche feito de prata e decorado com pedras vermelhas: uma caveira.

Romain reconheceu a velha vizinha do mágico, cumprimentou-a, sem notar em sua expressão qualquer estranhamento em relação àquela apresentação. Parecia algo completamente natural, para todos ali, um dia al-

guém morrer e, no dia seguinte, convidar a todos para uma apresentação de mágica. Romain estava angustiado, pois pequenos sinais por toda parte indicavam que aquilo ali não era exatamente o que parecia ser. Havia cores diferenciadas, comportamentos exóticos, luzes estranhas e até sensações inusitadas de tato. A cadeira de madeira sem estofamento em que estava sentado parecia macia como um colchão de espuma.

Sándor retirou o coelho de uma cartola. Quando foi colocá-lo em sua gaiola, ele escapou, veio na direção de Romain e permaneceu quieto, olhando-o com seus olhos vermelhos. Depois disso Sándor fez um número com grandes anéis que se entrelaçavam sem que o espectador percebesse como. Os aplausos vieram em grande quantidade, mas até eles possuíam algo de diferente, pareciam ensaiados e obedeciam a um ritmo quase musical. Sándor suava bastante e aparentava que aquela apresentação representava um enorme esforço físico. Ele desceu do palco e se misturou com a plateia. Era a hora de retirar moedas da orelha de espectadores. Fez com uma criança, depois com a velha, sua vizinha, e finalmente aproximou-se de Romain, que se assustou porque percebeu que os olhos do mágico tinham a mesma cor dos do coelho que, aliás, permanecia olhando para ele.

Romain já estava meio cansado daquele espetáculo e desejava explicações sobre o que significava tudo aquilo. Talvez no dia anterior todos o estivessem enganando, inclusive o pessoal do serviço funerário. Mas com que propósito? Sándor então pediu para que abrisse sua mão porque encontraria algo dentro dela. Romain abriu e não encontrou nada. Mas um segundo depois percebeu que

havia algo desenhado na palma de sua mão. Parecia uma moeda. Examinou melhor, espalhou saliva pelo desenho e esfregou com o polegar, descobriu que não se tratava de um desenho, mas sim de uma tatuagem. E o que estava tatuado era uma moeda, cuja figura central era seu retrato. Romain decidiu que não poderia mais suportar aquilo, e que não queria perder tempo enfileirando perguntas que provavelmente seriam respondidas de maneira estranha.

Decidiu abandonar o espetáculo, mas, no exato momento em que se levantaria, uma ideia fez com que voltasse a se sentar. E se não fosse Sándor aquele que morrera, mas sim ele mesmo? Isso talvez explicasse grande parte, talvez todas as incoerências. Romain manteve os olhos abertos na direção do palco, mas estava distante, procurando lembrar-se de alguma pista que indicasse seu próprio falecimento. Enquanto isso Sándor fez duas pombas pintadas de laranja voarem, saídas da mesma cartola de onde saiu o coelho, o qual, aliás, sem Romain perceber, dormia sobre seus pés.

Os espectadores todos abandonaram suas cadeiras deixando Romain sozinho. Sándor apenas desapareceu sem deixar vestígios e quando, depois de muito tempo em que não foi percebido ou sentido, Romain movimentou seus pés, o coelho abriu uma boca muito maior do que a deveria possuir, e mordeu-o. Ele não sentiu dor, mas o movimento brusco que fez acordou-o.

Aquele havia sido um dos mais estranhos e assustadores sonhos que já tivera. Respirou fundo e sem olhar para fora, esperava encontrar uma noite pesada que lhe pediria para voltar a dormir e talvez assistir a uma segunda parte do espetáculo de mágica. Olhou para

o relógio e descobriu que já eram oito da manhã. Sentiu um alívio, que aumentou quando se levantou e percebeu um dia ensolarado.

Precisava aproveitá-lo. Vestiu-se e foi tomar o café da manhã em uma padaria. Agora, tudo parecia o oposto de seu sonho, o sol leve espalhava uma luz otimista que se refletia nos sutis sorrisos dos primeiros fregueses. A temperatura amena e o céu com poucas nuvens espalhavam uma alegria de outono que, quando desce sobre Paris, costuma ficar bastante tempo. Aquele era seu dia de folga, então não tinha horários. Esqueceu-se de seu caderno que costumava carregar consigo nessas ocasiões, sentava-se em um café ou banco de praça e escrevia o que via e sentia. Às vezes aproveitava parte disso em contos ou romances. Pensou em comprar um caderno, mas decidiu que desta vez não iria tentar aprisionar o tigre, o deixaria caminhar livre pelas ruas da cidade. Se escolhesse uma praça, apenas se sentaria em um dos bancos e sentiria o dia acontecendo ao seu redor. E foi o que fez. Sol, pessoas, algumas figuras interessantes, mas não fixou atenção em ninguém, sabia que esse era o primeiro passo para recolocar o tigre dentro de sua jaula. Romain deixou que o sol pincelasse sua pele, depois foi tomar um sorvete e, sentado embaixo de uma castanheira, sentiu o cheiro de um monte de coisas misturadas, que a princípio julgou se tratar do cheiro da cidade, e um minuto depois renomeou como "o cheiro da vida".

Em uma parede, viu um cartaz colado que anunciava uma exposição sobre o mágico Harry Houdini. Isso fez com que imediatamente se lembrasse de Sándor, do sonho e de tudo mais. Havia também uma grande expo-

sição dedicada a Pompéia. As duas pareciam interessantes, mas não queria mexer em time que estava ganhando, por isso seguiu flanando, olhando vitrines, bancas de jornais, pessoas, sentindo o sol e escutando trechos de frases ditas por quem cruzava com ele.

Quando se deu conta, estava em frente à Galeria Vivienne. Lembrou-se dos chás, descobriria outros sabores vindos de países longínquos. Antes de entrar na loja, percebeu que, talvez, essa vontade de explorar sabores desconhecidos vindos de longe apenas demonstrasse um desejo inconsciente de mexer no time, mudar sua vida, outra cidade, outro país, novo emprego. Estava na idade em que as mudanças ainda são fáceis, o que acaba gerando uma pressão e fazendo com que sejam sempre adiadas, tornando-as mais difíceis que aos 50.

A mesma vendedora do outro dia era a única pessoa dentro da loja. Ela cumprimentou-o como se o tivesse reconhecido. Ele procurou simplificar frases e foi direto ao assunto: chá indiano. Demorou um pouco para entender o que disse, mas o apresentou a uma infinidade de opções. Sempre sorridente, a chinesa usava todo seu vocabulário para explicar sobre as características particulares de cada chá. A palavra "amargo" era acompanhada por "calma", em seguida "estômago" seguiu-se a "sono", na terceira caixinha ela usou "sol" e "flores". Romain percebeu que com um pouco de esforço poderia juntar todas essas palavras em um haicai. Então leu em seu crachá: Shua-Hua.

Para que ela não despendesse energia demais tentando explicações, escolheu um chá à base de flor de mostarda da Caxemira. Na hora de pagar, agradeceu-a pronunciando seu nome, o que causou a ela um grande

espanto. Constrangida, respondeu com embaraço o sinal de despedida que Romain fez com a mão.

Ele sentiu fome e, quando isso acontece em Paris, e quando o dia está bonito e não se está amarrado a horários, abre um imenso leque de opções, preços, países, localizações, há de tudo. O que costuma fazer com que os parisienses vão sempre aos mesmos lugares. Mas essa era a única opção que Romain queria evitar, então, para não ficar andando muito, enfiou-se no primeiro restaurante exótico que encontrou. Era um curdo.

Logo na entrada, percebeu pela vestimenta um grande número de fregueses de origem curda, o que costumava ser um bom sinal. Vasculhou o cardápio bilíngue e escolheu um kuku, torta de carne acompanhada por birinç, arroz com legumes. Para beber escolheu o mastow, que era iogurte com sal diluído em água. Depois de feito o pedido ficou em dúvida sobre a bebida, talvez o melhor fosse pedir água. Enquanto o prato não vinha passeou os olhos pela decoração do ambiente. O lugar tinha pouca luz e as paredes eram carregadas com objetos curdos, selas de cavalo penduradas, fotos do país e sapatos típicos sobre prateleiras. Os tapetes que cobriam o chão, todos trabalhados com bordados, subiam até o teto, criando um ambiente acolhedor em tonalidades escuras de vermelho. Romain era a única pessoa sozinha, as outras mesas eram ocupadas por casais ou famílias curdas. E ele deliciou-se com a sonoridade do idioma, que parecia misturar notas orientais com a harmonia das línguas europeias. A comida chegou e a quantidade o surpreendeu. Mas sua fome também não era pequena: durante quase uma hora desafiou aquelas travessas e, no final, venceu. Aquilo era delicioso,

inclusive a bebida. Quando pediu a conta, nova surpresa agradável, o restaurante era bastante barato. Um lugar para voltar, talvez com Alone.

Assim que se lembrou dela, a tela azulada de seu celular mostrou seu nome. Ele deixou-a ali dentro, até que ela desistiu e deixou uma mensagem que ele preferiu ouvir depois. Foi quando uma ideia estranha aterrissou: ao invés de Alone, poderia convidar a vendedora chinesa da loja de chás. A Galeria Vivienne não ficava longe, poderiam vir a pé no intervalo para o almoço. A chuva de contra-argumentos foi torrencial. Ela poderia ser casada ou comprometida, ela mal falava o suficiente para vender algumas caixas de chá, mesmo se conseguissem se comunicar, provavelmente faltariam assuntos para ambos.

Saiu do restaurante tentando se livrar dessa batalha de prós e contras, evitou mentalmente tudo o que lembrasse chá e oriente. Sentia-se bem, o dia estava lindo, lembrou-se da exposição sobre Houdini. Mas aquilo o conduziria a Sándor, morte, pesadelo. Paris oferecia tanta coisa, jardins, museus, música. Pegou o metrô e desceu em frente à Biblioteca François Mitterrand; era lá que acontecia a exposição sobre Houdini. Quase não frequentava aquele lado da cidade, o décimo terceiro arrondissement, grandes espaços cimentados feitos para o homem percorrer a pé. Uma arquitetura futurista que começava a colecionar pés-de-galinha por todo o rosto. Lembrava o filme Playtime, de Jacques Tati, uma França que nos anos 1960 sonhava com os anos 2000. E transformou os presidentes franceses que se seguiram em faraós, que precisavam marcar suas passagens com grandes obras.

Caminhava sobre a pirâmide de Mitterrand, quatro imensos prédios em formato de livro abrigando um dos maiores acervos do mundo, além de vasto espaço para exposições, exibição de filmes e peças de teatro. Mas o gigantesco pátio central, que na cabeça do arquiteto deveria ser destinado ao convívio e à integração entre a comunidade e usuários da biblioteca, permanecia quase completamente vazio, à exceção de dois ou três adolescentes que usavam o pátio como pista de skate ou patins.

Enquanto atravessava essa massa de concreto, que depois se transforma em uma pista feita de tábuas de madeira, Romain teve a ideia, apenas uma frase que buscaria encaixar em algum texto que ainda escreveria: "Caminho sobre a solidão feita de concreto", então percebeu que a frase era fraca porque poderia ser invertida e o sentido permaneceria o mesmo "Caminho sobre o concreto feito de solidão". Já havia percebido que muitos dos aforismos de Oscar Wilde, à primeira vista cheios de espírito e sagacidade, não passavam de meros jogos de palavras que não resistiam a um exame mais aprofundado. Era melhor caminhar sozinho por ali, sem querer eternizar aquilo que não merecia eternidade. Quando chegou à bilheteria, leu as duas palavras que o faziam fugir de exposições: crianças e filas. Elas estavam lá, a fila era demarcada por correntes, que até aquele ponto indicavam quantos minutos demoraria, e assim que entrou percebeu que faltavam ainda quinze minutos, o que considerou o máximo do aceitável. Havia outra exposição em cartaz e chamava-se: "A vida secreta de Mickey Mouse". Provavelmente aquelas crianças todas estavam mais interessadas nos segredos do camundongo do que na vida de um mágico que viveu há mais de um século.

Os quinze minutos demoraram 35 e quando entrou na exposição, Romain achou que Houdini não valeria aquela espera. Logo de cara olhou para um grande pôster onde o mágico recepcionava os visitantes olhando-os com seus olhos perturbadores. Como resposta, desafiou-o com um olhar cheio daquilo em que seu dia alegre havia subitamente se transformado: um pasto seco. Então, antes de prosseguir, refletiu: apenas alguns minutos de espera seriam capazes de transformar flores em ervas daninhas? Provavelmente havia enxergado cores onde não havia, e isso era tão perigoso quanto o contrário.

A primeira parte era cheia de dados biográficos. Houdini nascera em 1874 em Budapeste, mas aos quatro anos imigrou para os Estados Unidos. Exerceu diversas profissões na juventude, fotógrafo, malabarista, perfurador de poços, assistente de ferreiro, e foi aí, quando seu patrão lhe pediu que abrisse um par de algemas, o que a sua vida mudou. Ao em vez de cerrá-las, como ele havia pedido, conseguiu destravar o mecanismo com uma pinça. O par de algemas original estava exposto e, assim que o viu, Romain sentiu que algo havia mudado. Se ao invés de 35 minutos, tivesse passado três horas ou mesmo três dias na fila, ainda assim teria valido a pena. Uma porta parecia aberta e dentro dela havia muitas luzes de diversas cores iluminando objetos curiosos que queria conhecer. Houdini transformou-se em mágico, e principalmente em escapista. Era amarrado, acorrentado, enterrado vivo ou colocado em um aquário do qual precisava escapar ou morreria afogado.

Filmes e fotos ilustravam a exposição, objetos pessoais, cartas de próprio punho e até sua máscara mortuária estavam expostos em vitrines decoradas com reproduções da mesma foto da entrada: os olhos encantadores, que dominavam a todos. Romain sentia que poderia passar a tarde toda ali, lamentou não haver trazido nada para anotar os detalhes, mas decidiu que compraria tudo o que estivesse à venda sobre a exposição.

Um pouco adiante havia uma reprodução em tamanho natural do caixão em que havia sido enterrado naquele que se tornou seu mais famoso truque. E, de fato, não havia truques, eram habilidades em escapar. Destravar algemas, escorregar de correntes, quebrar a tampa do caixão e cavar, a tempo de não morrer sufocado. Havia um texto interessante que explicava que, apesar de o truque ter sido um sucesso, deixou marcas psicológicas profundas em Houdini, que até o final de sua vida teve pesadelos recorrentes sobre ser enterrado vivo e não conseguir escapar das algemas.

Foi após a experiência de ser enterrado vivo que a vida do mágico mudou. Ele começou a se interessar por uma possível vida após a morte, mas usou toda sua experiência como mágico para desmascarar charlatões que diziam trazer mensagens do além ou materializar objetos.

Romain olhou para o teto e lá estava o pequeno aquário em forma de ampola onde Houdini, pendurado pelas pernas e acorrentado, havia sido colocado e, três minutos depois, conseguira escapar. A exposição se aproximava do final e ele sabia que, de agora em diante, abordaria sua morte. Romain pensou em pular essa parte e sair, mas acabou ficando. Houdini era um homem muito atlético e, entre suas múltiplas habilidades, constava a capacidade de suportar na barriga o soco de qualquer

homem, mesmo campeões de boxe. Uma vez recebeu a visita de três jovens em seu camarim, um deles golpeouo muito forte, sem que ele estivesse preparado. Acabou rompendo seu apêndice. Um tempo depois, enquanto
apresentava novamente o número do aquário, Houdini
desmaiou, foi levado ao hospital e morreu em seguida. A
causa: hemorragia interna. Tinha 52 anos.

Romain acordou e, antes de descobrir qual o tipo de dia o esperava em sua varanda, teve outra pista sobre o dia que, para ele, acabava de nascer. E essa pista não veio da quantidade de sol disponível ou de eventuais gotas que cairiam do céu; veio da tela azulada de seu celular, que indicava 11 chamadas perdidas. Todas vindas do mesmo número, o de Alone. Além disso, havia quatro mensagens de voz da mesma remetente. Ele decidiu que não escutaria nada antes de uma xícara de café. Ligou a cafeteira e avançou até a varanda. Dia nublado, com mais nuvens do que céu azul, Paris parecia especialmente poluída e barulhenta. Um policial de moto multava um carro parado em lugar irregular. O café ficou pronto e Romain, por um instante, teve vontade de misturar nele um pouco de conhaque.

Na primeira mensagem Alone reclamava porque ele nunca atendia o telefone, e também dizia que estava indo para a casa de uma prima em Arras. Antes de escutar a segunda mensagem, Romain perguntou: "Não conseguiu arrumar um lugar ainda mais sem graça?". A segunda mensagem começava com um choro. Assim que ouviu, travou a exibição do áudio e terminou seu café, comeu algumas bolachas e ligou o rádio. Não queria aquela unanimidade discursando tristezas logo pela manhã. A voz animada do radialista parecia dividir com ele o peso que teria

de carregar. Ela dizia que estava sendo perseguida por vários árabes, amigos daquele com quem se desentendera, e que sua saída foi fugir. Depois dizia que ele nunca fora um companheiro de verdade, que só o que lhe interessava era o sexo que eventualmente faziam. Romain sorriu, como se quisesse compartilhar com seu amigo radialista o absurdo daquela acusação: "Ela fala como se fosse o único ser no mundo capaz de me fornecer sexo". Interrompeu e saltou para a terceira mensagem. Nessa ela não chorava, o tom era mais moderado e ela parecia se arrepender de algumas coisas que havia dito, e que provavelmente Romain nem escutara. Contava um pouco de sua rotina e dizia ter saudades. No final derretia-se em juras de amor, descambava para algumas acusações e, finalmente, chorava até não conseguir pronunciar direito as palavras.

A quarta e última mensagem informava com uma voz clara e equilibrada que ela achava que o perigo já havia passado e que decidira retornar "custasse o que custasse". Ela então desligava o telefone sem se despedir. Romain examinou os horários em que tinham sido enviadas as quatro mensagens. Da primeira à última decorreram apenas 14 horas e meia. Para ela, tempo suficiente para rebelar-se, retroceder, criar uma rotina e desistir de tudo porque todos os perigos que a tinham feito viajar, de repente, não existiam mais. Lembrou-se da ópera "Rigoletto": "La donna é móbile, qual piuma al vento, muta d'accento e di pensiero". "Tudo bem, as mulheres são volúveis e esse não deixa de ser parte de seu encanto, mas acho que, no momento em que estou, um barco sem remos levado sem destino por correntezas que não domino, essa característica, simplesmente não me faz bem. Talvez no futuro, quando tudo já estiver mais estabelecido, sinta falta dessa qualidade".

Depois disso, todas as palavras que os vizinhos eventualmente escutaram foram pronunciadas pelo radialista, que procurava extrair daquela manhã cinzenta e fria uma alegria que, para ser sustentada, precisaria descer do prédio e mergulhar no coração da infinidade de turistas que todos os dias desembarcam na cidade e esperam ser deleitados com beleza, arte e surpresas. Mas como Romain não era turista, aquelas palavras e aquela tonalidade de voz tornaram-se falsas e desnecessárias. Desligou o rádio decidido a terminar sua relação com Alone. Se ela chorasse muito, fizesse ameaças, criasse situações complicadas envolvendo ele e outras pessoas, então continuaria, diria que a amava e que toda relação passava por dificuldades.

Sim, era um fraco. E não escondia isso de si mesmo. Na verdade, tinha justificativas que o satisfaziam: a vida cotidiana não importava muito, e nem mesmo aquela moral judaico-cristã, ou burguesa, como preferirem, que diz que devemos respeitar aos outros e só fazer a eles aquilo que gostaríamos que fizessem a nós. O que importava então?

Vocês desconfiaram, não? Algo importava para ele, o que o fazia tão burguês ou judaico-cristão quanto qualquer outro. Sim, a carta estava escondida em sua manga, e orgulhava-se de que ninguém desconfiasse de sua existência. Romain escrevia. Essa era sua vida.

Instantes dentro de um elevador, o momento que antecedia o gozo, um enterro, ou programa de televisão, tudo servia apenas para ser aprisionado, para depois ser

transferido para a linguagem das palavras, poemas, contos, romances, cada acontecimento encontraria sua respectiva gaveta e ganharia nova vida. Desta vez uma que merecesse ser vivida. Sim, era um pessimista. A vida em si era vulgar, vazia, desprovida de sentido, como uma noite muito quente de insônia, onde o ar começa a faltar. Quando recriava o mundo com palavras, ele emprestava um sentido ao cotidiano. Mas qual? Revelar a falta de sentido já é estabelecer um. Sim, mas havia decidido viver para escrever, então isso não acabaria secando sua fonte de matéria-prima? Acabaria tendo de se nutrir da sua própria recriação da realidade. Como alguém que decide parar de beber água para consumir apenas a própria urina.

Sabia desse risco, mas tudo era arriscado, qualquer caminho levava a ruas sem saída. Todo mundo, no fundo, acaba bebendo o próprio sangue, até que as próprias veias se transformem em dedos secos, que se movem, parecendo chamar outros, mas que são como o arbusto movendo-se no deserto, ou as dançarinas em uma miragem.

Ou seja, sua relação com Alone dependeria apenas das atitudes dela, ele se deixaria levar pela correnteza. Foi nesse instante em que o telefone tocou mais uma vez. Era ela. Pensou em não atender. Não faria diferença. Atendeu. Ela chorava e dizia que não poderia viver sem ele. Se ele a abandonasse iria dar um fim a sua vida. Ele pediu calma, perguntou onde estava e, assim que descobriu, disse que logo chegaria lá. Um homem sensato, solidário, pronto para espalhar conselhos, pregar o caminho do meio e oferecer amor e solidariedade. Seis estações de metrô depois, encontrava um rosto seco, mas que parecia o leito de um rio por onde recentemente muita água havia passado.

Abraçou-a e, como já esperava, a princípio, foi rejeitado. Como um bom homem, aceitou a recusa e, com a mais doce das vozes, iniciou um processo de reversão daquela repulsa: a primeira tarefa consistia em aceitar qualquer força contrária que viesse em sua direção, sem ao menos querer se defender. A segunda etapa consistia em acalmá-la, apontando que algumas de suas atitudes poderiam estar certas, mas outras eram injustas. Essa fase começava a gerar nela laivos de arrependimento e a preparavam para a próxima. Na terceira fase ele deveria começar a falar de maneira um pouco mais dura, mas sem jamais ser agressivo. Revelaria seus sentimentos e como ela, muitas vezes, o havia magoado com atitudes impensadas.

Havia ainda a quarta e a quinta fases, mas em quase todos os casos apenas as três primeiras eram suficientes para colocá-la na palma de sua mão. Era quando, então, ele conseguia inverter os papeis e jogá-la na condição de culpada. Então, sentindo-se assim, como ela julgava-se uma pessoa boa e justa, tentaria compensar seu erro, porque errar era humano. Olhos e ouvidos prontos para solidariedade e conselhos também estarão à disposição daquele que antes era julgado algoz, mas em um novo julgamento, havia sido considerado vítima.

Durante todo esse processo, que era bastante desgastante, Romain precisava prestar atenção em todos os detalhes, frases, olhares, ritmo das lágrimas e frequência dos soluços. Às vezes, a grande riqueza acontecia em um longo momento de silêncio, em que ele a via olhando para um ponto vazio, e imaginava como as ideias iriam sendo formadas dentro de sua cabeça. Então olhava pela janela e via o mundo lá fora, era ele, o mundo, o responsável pelas ideias que iam se formando dentro da cabeça de Alone. Não ela mesma. Pelo menos era isso o que achava. Talvez o mesmo processo acontecesse consigo mesmo, por isso ficava atento quando percebia o menor sinal de que vontades alheias às suas estavam no comando de seu destino. O que mais lhe incomodava era quando isso acontecia com seus textos. Era claro que ninguém estava imune a influências, e elas, na devida dosagem, são benéficas, mas quando relia seus textos mais antigos identificava longos trechos que iam além da influência, e se aproximavam da fronteira da cópia.

Romain orgulhava-se muito de algumas de suas piores obras, por pelo menos serem originais, dentro dos limites que essa palavra permite. Quando iria começar uma análise honesta de A Laranja Verde, ela o beijou e disse que o amava. Ele precisou retribuir, sempre atento a seus movimentos, procurando descobrir em cada detalhe o que havia de original, ou de uma grande cópia coletiva oferecida gratuitamente, sem necessidade de direitos autorais. Aliás, não eram apenas as relações amorosas que se transformavam em caricaturas: a arte, a política, a mídia e finalmente, as pessoas também. Caricaturas não desenhadas a partir de um rosto, mas reinterpretações de um desenho mal feito. A única vacina contra esse mal era a atenção. Precisava prestar atenção para descobrir como as coisas funcionavam, como as engrenagens se encaixavam umas nas outras, dando origem à produção em massa.

Ele tinha dificuldade para dar sequência a seus raciocínios e interagir com Alone. Tanto que uma de suas reclamações clássicas era sobre seu silêncio, sua falta de posicionamento sobre qualquer assunto. Ela o conside-

rava um alienado completo. Ele sabia disso e não conseguia esconder alguns sorrisos quando percebia que ela o condenava mentalmente. Mas agora, nesse instante julgado intenso por ela, não existiram reclamações, apenas grandes pausas onde mãos se afagaram, e onde Romain procurou não deixar brechas para irritações. Sabia que ela esperava ansiosamente que ele encerrasse o silêncio, e ele o fez com uma frase que achou que faria sucesso: "Você sabe o quanto eu gosto de você". Ela permaneceu calada e apertou sua mão com uma força que desconhecia. Encarou isso como um sinal de sucesso, havia dito exatamente o que ela esperava. Olhou pela janela e, sabia que a frase não era sua, mas vinha lá de fora. "Gostar a gente gosta do nosso cachorro, da lanchonete da esquina ou de cachorro-quente."

Mesmo desejando obedecer ordens vindas do lado de fora da janela, Romain julgou-se incompetente. Talvez os ruídos saídos de dentro de sua própria cabeça evitaram que ouvisse a frase adequada e pudesse repeti-la corretamente. Foi quando tomou a decisão que, se tardasse mais alguns segundos, poderia ter consequências trágicas: "Amor, essa palavra você entende? Acha que essa palavra se refere a cachorros-quentes ou bombas de chocolate? É isso que sinto por você, e ninguém vai tirar isso de meu peito". As frases tiveram efeito imediato, um beijo de uma duração que chegou a incomodá-lo pela falta de ar, e a abertura das comportas que agora molhavam seu rosto abundantemente.

Romain sentiu o próprio rosto esquentar, e pediu que ambos se sentassem. Ela quis sentar-se em seu colo, mas ele pediu espaço. Aquela frase comprava-lhe muitos créditos e, de agora em diante, o silêncio não seria recriminado, ao contrário, o homem apaixonado necessita de tempo para compreender seu grande amor. Os dois permaneceram de mãos dadas por longos minutos, mas Romain não estava lá. Havia visitado mentalmente *A Laranja Verde* e tentado descobrir se no esqueleto de seu romance existia algum resquício de algo parecido com as frases que havia acabado de pronunciar. E a resposta era *sim*. Abaixou a cabeça entristecido, então decidiu, por enquanto, deixar o livro para trás e prosseguir, caminhando para mais longe; atravessaria a janela e continuaria até os limites da cidade, depois, do país, atravessaria o oceano e então abandonaria o planeta.

E agora flutua, enxergando a Terra, azul, depois um ponto cuja cor é difícil de definir. Vê incontáveis estrelas sumirem, cometas e planetas são apenas reflexos de uma viagem à velocidade da luz, a Via Láctea mostra sua espiral e depois se despede, mais uma forma que a velocidade e a distância transformam em minúscula. Trilhões de trilhões de mundos, alguns com possíveis Romains e Alones são deixados para trás, imensas nuvens de gás e as inesquecíveis supernovas impressionam, mas em seguida perdem o vigor diante da imensidão. E eu, Romain, a consciência, prossigo, na direção de mais estrelas e planetas, que instantes depois já são pontos no horizonte, quatrilhões deles, rochas, gelo, gases, silêncio, rochas, gelo, gases, silêncio, a grande poesia universal metrificada com esse mantra, repetindo tanto que acho que não há mais velocidade e estou parado. Até que, subitamente, tudo desaparece, é o fim do universo observável, de agora em diante não há luz, pois ela levou 13,8 bilhões de

anos para chegar até a borda do último planeta e, como estou viajando a uma velocidade muitas vezes superior à da luz, talvez alguns bilhões de vezes mais rápido, terei de prosseguir no escuro.

Não há oxigênio, portanto nada de vento, sem luz e som, perco qualquer referência, e viajar se iguala a ficar parado. Há muita coisa pela frente, e estou bastante curioso a respeito da borda do universo. O que haveria fora dele? Entretanto, decido voltar. Pelo mesmo caminho. Começo a desfazer tudo, escuto novamente o mantra do universo, mas as palavras estão invertidas: oicnêlis, sesag, oleg, sahcor, o ritmo também parece acontecer no sentido inverso, ali à frente uma grande curiosidade, um buraco negro;;;;;;;;; vou entrando;;;;;;;;; e;;;;;;; nãooooooo......estendo meus sentidos...... estico<<<<< a compreensão e......??????? nada é como sempre^^^^^^^saio do outro lado, sem tempo para explicar o que é e significam os buracos negros. A única coisa que cabem em palavras é que são atalhos. O que me poupou um longo trajeto. Já avisto a Via Láctea e suas nebulosas, estrelas acompanhadas por tediosos sistemas solares, os solitários cometas e os submissos satélites. Mais repetições e lá está ela, o grão de areia insignificante que, para aqueles que nada enxergam além de grãos de areia, é tudo o que existe e importa. Ele vai ganhando imponência e minha velocidade diminui. O azul toma conta da bola, os continentes interrompem a cor, é ali que existo e todos os outros existem. Entro na atmosfera e meu corpo, se é que possuía um, incendeia-se. Rumo em direção europeia e quando menos percebo, caminho pela rua Darwin, a uns duzentos metros de meu apartamento. Decido ir a pé, e

percebo que o corpo incinerado na reentrada da atmosfera, renasceu, ou então, aquele era um outro eu. Quero voltar, atravessar aquela janela e participar da cena que vinha interpretando com Alone. Mas agora que sou um homem com pernas e que perdeu a capacidade de voar, como conseguirei flutuar até a janela?

Chego ao prédio, pego o elevador, toco a campainha e adivinhem quem atende? É claro, eu mesmo. Volto para minha posição e aquele outro eu funde-se comigo. Agora estou de mãos dadas com Alone. Havia acabado de dizer que a amava e em tempo terrestre, deve haver transcorrido uns cinquenta segundos em que ficamos mergulhados no mais enferrujado dos silêncios. Reparo em sua mão, e uma força maior do que eu mesmo me conduz para dentro dela. Reparo nos tendões, cartilagens e ossos, a viagem prossegue, enfio-me em uma falange e, assim como fiz com o universo, viajo agora na direção do infinitamente pequeno. Em instantes encontro células, um pouco mais adiante, descubro moléculas e em seguida os átomos. Ainda não satisfeito, prossigo minha viagem, talvez rumo ao nada. Encontro os inesperados elétrons se comportando como adolescentes embriagados. Escondendo-se para depois reaparecerem em lugares inusitados. Sorrio, esse mundo parece mais interessante do que aquele feito de pedras e silêncio. Depois de ficar escondido atrás de um nêutron, consigo surpreender um elétron e, sem piedade, furo sua carapaça. Avanço naquele novo mundo que parecia o menor de todos, mas que se revela um universo em si. Não sei nominar os pequenos entroncamentos energéticos que vou encontrando, dentro deles há realidades ainda menores, pequenas cordas que vibram e conforme se movimentam, vão compondo a sinfonia de todas as coisas.

Talvez consiga ir ainda mais adiante, mas o que vem a seguir é o equivalente do universo escuro. Acho que é hora de voltar. Em uma fração de segundo contemplo a mão de Alone, e sua horrível tatuagem de um polvo que, com cinco tentáculos, envolvem seus dedos. Os três que sobram circundam seu pulso, desenhando uma espécie de pulseira de carne de polvo. Uma bela mistura do vazio com o ridículo embalado em uma estética saída de cérebros avariados por anos de metanfetaminas. Mas, no caso de Alone, esse vício é apenas idealizado, já que ela considera sua droga do coração a maconha vendida por africanos na rua Saint-Denis.

Ela tomou a iniciativa e se levantou, sorria e parecia bastante feliz. Romain mantinha hasteado o meio-sorriso que costumava irritá-la, pois ela achava que aquilo poderia significar muitas coisas, e de algumas delas não gostava. Romain achava que ela queria se referir ao sarcasmo, mas não conhecia a palavra. Mas dessa vez ela não reclamou; permitiu pensamentos escondidos, olhando-o com uma certeza que fazia parecer que ela aprendera a decifrar seus mistérios. Depois de alguns instantes de silêncio, ela puxou-o pela mão: "Uma mulher apaixonada ganha segurança". Ele não entendeu a frase, aliás, ela não parecia fazer muito sentido, então apenas ampliou o sorriso, o que poderia significar que ria da falta de sentido de algo pronunciado com tanta certeza.

Pela manhã, Romain foi convocado para uma reunião na editora. Suspeitou que o objetivo do encontro seria uma possível demissão — ou talvez forçá-lo a pedir demissão, a opção que custasse menos para a empresa. Mas isso não o assustava; forçaria uma mudança que, a longo prazo, poderia ser benéfica. Antes de entrar na sala de reuniões até torceu para que isso acontecesse, talvez pudesse usar esse acontecimento para mudar de cidade, de país. Sabia que, quanto mais tempo passasse, menores seriam as chances de que mudanças significativas acontecessem.

Na sala de espera, ao seu lado, havia um tipo muito estranho, quase cada centímetro de seu corpo era coberto por tatuagens, que avançavam até cobrir o pescoço e lamber seu queixo. As figuras pareciam que tinham sido tatuadas umas sobre as outras e o homem assemelhavase a um quadro abstrato pintado em tons escuros. Afora isso, espalhavam-se por seu rosto uma série de objetos de aço e plástico, piercings, alargadores e pequenas bolotas colocadas sob a pele que davam a impressão de chifres. A idade era difícil de ser definida, mas devia se aproximar dos 40. A barba era milimetricamente desenhada e tingida de vermelho e seus olhos brilhavam mais do que o normal, indicando algum tipo de lente colorida. Apesar dessa aparência rebelde, o sujeito estava calmamente sentado e

lia com grande interesse uma daquelas revistas sem alma que são distribuídas nos aviões.

Seu chefe abriu a porta e chamou Romain, o homem levantou-se e revelou sua imensa altura. Entrou junto com Romain. A reunião era a três. O chefe, utilizando-se de um inglês rudimentar, apresentou Romain a Rudi, esse era o nome do gigante. Então iniciou as explicações. Romain percebeu que não haveria demissão, o que não deixou de decepcioná-lo um pouco. Segundo Olivier, o patrão, Rudi era um filósofo holandês especializado em arte de rua. Mais especificamente na parte literária dessa arte.

Essa frase teve efeitos devastadores sobre o aparelho digestivo de Romain, que precisou usar de toda sua concentração para que nenhum músculo se movesse involuntariamente, fazendo com que uma lufada de ar escapasse. Imaginou-se narrando a cena para Alone e deixando que ela gargalhasse abundantemente. Teve sucesso em seu intento, e conseguiu que nenhum músculo de seu rosto sofresse a menor alteração. O holandês parecia vigiá-lo, o que só aumentou a tensão e culminou com um ataque de tosse. Bebeu um grande copo de água, aplicando aos lábios uma força maior do que a necessária para sugar o líquido. Olivier pareceu levemente irritado com a cena. Não queria perder tempo. Retomou suas explicações: o projeto era um livro sobre a literatura escrita nos muros parisienses e na periferia da cidade. Mas nada de reprodução de poemas clássicos; queriam a poesia de grafiteiros, pichadores, poesia muitas vezes escrita em códigos. Romain deveria ajudar Rudi nessa pesquisa, descobrindo lugares, artistas, traduzindo para Rudi as entrevistas. Seria seu contato com o mundo ou o submundo de Paris e

arredores. Também teria de escrever um prefácio para a obra e, claro, revisá-la. Antes de encerrar, Olivier informou-o que outro profissional assumiria a revisão do livro "Neoestruturalismo, o pensamento dos netos de Derrida".

Antes de decidir se aqueles 15 minutos tinham sido positivos para si mesmo, Romain sentiu um grande alívio por conseguir se livrar das 750 páginas daquele que considerava o mais pretensioso e chato livro jamais escrito. Quando chegou em casa, precisava compartilhar o acontecimento com alguém e, depois de muito refletir, escolheu Alone que, antes mesmo dele, ficou muito feliz com o convite. Ela gostaria de ajudar na pesquisa, e disse que conhecia muita gente interessante que trabalhava com arte de rua. Muitas ideias pediam passagem ao mesmo tempo dentro da cabeça de Romain, por isso não conseguiu acompanhá-la no entusiasmo que demonstrava.

Quando desligou, tentou analisar a situação como se fosse outra pessoa, considerando os pontos positivos e negativos. Sem dúvida a melhor notícia havia sido o convite para escrever o prefácio de um livro em uma grande editora. Seria a primeira vez que seu nome estaria associado a algo que... Teve dificuldades para concluir a frase. Em uma segunda tentativa conseguiu, mas não ficou satisfeito: pertencia ao grande esquema. Essa definição era típica daqueles que fazem tudo para participar desse esquema e, como não conseguem, denunciam-no, assumindo o papel de justiceiros imbuídos de uma moral pura e de interesses nobres e invendáveis.

Mas não seria esse exatamente o seu caso? O que de realmente novo tinha a dizer? Perguntas espinhosas, mas essa não era a hora de tentar descascá-las. Terminaria com as mãos sangrando e nada mais. Outro ponto que considerou positivo era o fato de entrar em contato com gente que jamais conheceria de outro modo. Não que se interessasse por aqueles versos indigentes rabiscados em muros por viciados em drogas baratas e fanáticos religiosos. Mas experiências novas sempre são enriquecedoras para um escritor. O grande ponto negativo era o projeto em si, o establishment, representado pela editora de assuntos "sérios" que emprestava sua credibilidade em forma de esmola ou cota para que os excluídos sem qualquer talento fossem aceitos e admirados pela classe média, apenas pelo fato de serem excluídos. O projeto fedia à carniça. Romain então desenrolou possíveis consequências: os grandes poetas periféricos passariam a acreditar que são grandes poetas até chegarem à conclusão de que a arte é uma ferramenta de inclusão, e que aquele que não pertence ao sistema deve ter o direito de protestar até que lhe seja liberada a entrada. E quando estiver usufruindo de tudo o que antes criticava, deve esforçar-se para que outros como ele também possam entrar. Até que não exista mais ninguém do lado de fora.

Mas, aí, não terão mais contra o que protestar e, como a sua poesia é um instrumento político de inclusão, quando aquilo pelo que lutam se realizar, ela simplesmente deixará de existir.

Mas ele não precisava participar disso, poderia simplesmente pedir demissão. Qualquer caminho oferecia penas e compensações. Tomou uma decisão. Ainda não era sobre o mérito da questão. Decidiu que em qualquer caminho que escolhesse jamais carregaria consigo o peso do arrependimento.

Deu de cara com o cubo herdado de Sándor, pegou-o nas mãos e começou a manipulá-lo. Alguns pedaços de vidro que o cobriam estavam faltando, e outros pendurados por um filete de cola seca. Decidiu que quando tivesse tempo, iria deixá-lo como novo. Quando estava prestes a recolocá-lo na prateleira, percebeu que ele se abriu.

É estranho dizer isso, mas pareceu a tentativa de iniciar uma conversa. Aceitou o pedido e sentou-se na poltrona com o cubo na mão. Ele era feito de duas partes de madeira recobertas por retângulos simétricos de espelho, tanto por fora quanto por dentro. O encaixe era justo, e precisava empregar alguma força para que as partes se entrelaçassem. Separou os dois lados que pareceram uma grande boca aberta. Por um instante passou-lhe pela cabeça que Sándor estaria usando daquele artifício para se comunicar com ele. Talvez o velho mágico desejasse aconselhá-lo sobre as novidades do dia. O instante passou depressa e foi soterrado pelas certezas cartesianas com que gostava de sustentar os pilares de sua vida. Sándor estava morto, mortos não falam. Mesmo assim manteve o cubo aberto, com a boca prestes a dizer algo, ou então gritar.

Teve vontade, ele mesmo, de gritar, mas em nome da vida em condomínio engoliu seu desejo. Fechou o cubo, que custou a encaixar corretamente, fazendo um barulho parecido com algum lamento. Imaginou uma pequena versão de Sándor sendo fechada dentro daquele cubo, para sempre. Sabia que o pensamento que sucederia esse seria algo relacionado com a imagem atual do amigo. Levantou-se rapidamente para evitar um prosseguimento desse raciocínio.

Enquanto preparava o chá, lembrou-se da vendedora, a chinesinha. Havia algo nela que, apesar de não conseguir definir, parecia ser o exato oposto da essência de Alone. Não conseguia diagnosticar se isso era bom, mas quando a namorada se tornava insuportável, parecia que o contrário de tudo aquilo se transformava em um lugar aprazível. O chá de flor de mostarda tinha um amarelo lindo. Sorriu ao imaginar como um péssimo escritor definiria essa tonalidade: "Amarelo como um pôr do sol no Rajastão", ou então "Um rio de ouro que descia dos céus para morrer no mar."

Mas abandonou os maus escritores assim que deu o primeiro gole. Uma paz digna de drogas pesadas espalhou-se por todas as extremidades de seu corpo. Sentiu como se mãos orientais massageassem os músculos de suas costas e distendessem quaisquer tensões. O gosto era amargo e lembrava levemente a mostarda de Dijon, mas nunca havia sentido nada parecido comendo nenhuma mostarda. Fechou os olhos e encontrou Shu--Hua, a vendedora, massageando-o. Dormiu longas horas e quando acordou, a primeira coisa que viu foi o cubo de vidro. A paz prosseguia e sentia que os sonhos que tivera haviam sido embalados por ela. Quando se preparava para voltar a dormir, percebeu que já era dia. Na verdade, faltava meia hora para o horário em que devia entrar na editora. Mesmo com toda a pressa do mundo, acabou chegando atrasado. Olivier costumava reclamar de dez minutos de atraso, o que diria de quarenta?

Nada, não disse nada. Cumprimentou-o com um sorriso e pediu para que fosse até sua sala para conversarem. Seria a tão esperada demissão? O sorriso, um

disfarce para atenuar mal-estar, um grande profissional, "mas nossa empresa precisa cortar quadros, as vendas baixaram"... "A proposta de ontem? O cara desistiu, recebeu uma oferta melhor de uma editora americana". Olivier fez Romain sentar-se e começou agradecendo pela reunião de ontem. Estava muito feliz porque as coisas tinham dado certo e disse que de agora em diante ele não precisaria mais cumprir horário na editora, pois necessitaria de tempo livre para pesquisa. Receberia também uma ajuda de custos para despesas extras e uma participação de dois por cento nas vendas. Tirou da gaveta um contrato e, enquanto assinava, Romain teve a certeza de que estaria mais contente se tivesse sido demitido. Mas agora era tarde, pois, de certa forma, havia sido promovido. Percebeu que Olivier mantinha olhos ansiosos sobre seus dedos, parecia com medo que desistisse. Quando finalmente terminou de escrever seu nome, o patrão entregou-lhe um envelope contendo seis notas de cem euros, a título de adiantamento.

Saiu da editora sem destino. Aquele dinheiro representava um vínculo com algo que não tinha certeza de que desejava participar. Decidiu que se livraria dele o mais rápido que pudesse. A primeira ideia: enfiaria na mão de algum mendigo junto com alguma frase que marcaria sua vida para sempre: "Saiba que alguém gosta muito de você". Tentou encontrar algum, de preferência um idoso. Depois de três quadras viu aqueles tipos que usam cachorros para gerar piedade. Decidiu que para eles nada daria. Caminhou mais um pouco e viu uma família de imigrantes sírios com uma criança, aproximou-se deles, mas o homem estava dormindo. Desistiu. Não preci-

sava de mendigos. Gastaria seu dinheiro de outra forma. Caminhou até o Pigalle. Sentado nos bancos, admirou os que passavam, alguns apressados, outros lentamente. Encontrou um mendigo velho enrolado em um cobertor que seria a pessoa que buscava há dez minutos. Mas os tempos agora eram outros.

Entrou em um dos inúmeros sex shops, inimaginável a quantidade e qualidade de objetos contra a solidão e o vazio. Admirou a sessão de filmes, sexo com mulheres grávidas, com idosas, anões. Engraçado, mas não queria gastar o dinheiro com isso. Uma cabine que prometia fortes emoções ao vivo. Seis cubículos circundavam uma cama, onde uma mulher seminua iniciava um strip-tease e se insinuava para aqueles que tinham gastado cinco euros por dez minutos. A mulher parecia uma imigrante da América Latina que, além de estar longe da boa forma, exibia uma vasta cicatriz de cesariana. Seu rosto maquiado parecia um depósito de dores, a alegria e a sensualidade que tentava demonstrar faziam força para continuar existindo. Saiu da cabine tendo gastado cinco euros, mas mantendo intacto o maço de seis notas de cem.

Caminhou mais uma quadra e descobriu um lugar onde os seiscentos euros poderiam ser gastos facilmente. O bar tinha luzes roxas e vermelhas escuras. Logo na entrada era distribuída aos fregueses uma ficha que deixava clara a intenção da empresa. Se caminhasse duas quadras encontraria cervejas por um décimo do preço oferecido. Mesmo assim Romain pediu uma. Em poucos minutos uma bela loura com sotaque da Europa do leste pediu se podia lhe fazer companhia. Disse que se chamava Édith, como a Piaf, que, aliás, passara boa parte de sua vida na-

quela região parisiense. Apesar das luzes dificultarem a avaliação correta, Romain achou-a linda. Pele muito clara, alta, belo rosto e corpo bem proporcionado. Poderia ser uma das dançarinas do vizinho Moulin Rouge, ou, se pegasse um metrô, modelo da Maison Dior.

Mas, apesar da beleza, qualquer exame mais apurado, mesmo com pouca luz, identificaria que, por detrás daquele sorriso, havia uma tristeza que talvez não se originasse dela, mas acompanhasse sua família por várias gerações. Em dois segundos construiu um percurso de seus antepassados ucranianos, desde a primeira guerra mundial até o nascimento de sua filha, que havia deixado na Ucrânia com sua mãe, e para quem enviava mensalmente os euros que lhe sobravam após pagar o aluguel de um quarto e as polpudas comissões dos cafetões.

Ela pareceu perceber que ele a analisava e deixou sua mão descansar sobre a coxa de Romain. Antes que ela precisasse pedir, ele ofereceu-lhe uma bebida. Mas ela não quis cerveja, escolheu um drinque adocicado que vinha em pequenas garrafas. Ela agradeceu a gentileza e entrelaçou dedos com ele. Romain queria puxar assunto, mas não era a falta deles que o deixava sem palavras, mas o excesso. Não sabia por onde começar, mas teria de ir com cuidado para não ofendê-la. Seu lado escritor detectou um excelente personagem, e seria um ótimo investimento gastar ali os seiscentos euros.

Ele errara sua nacionalidade, não era ucraniana, mas bielorrussa. Estava há dois anos em Paris e morava em... na mesma região em que Alone trabalha: Saint-Denis. Romain cometeu um erro, e logo de cara disse ser escritor, o que de fato, nem era verdade. Ela sorriu e

disse que adorava ler, mas que não tinha muito tempo. Mas adoraria ler seus livros. Ele desviou o assunto, que requereria longas explicações e poderia atribuir-lhe a imagem de fracassado. Depois pensou se todas as prostitutas não carimbam seus clientes com esse rótulo. Isso não importava muito.

Pediu mais uma cerveja e outra garrafinha para ela. As risadas começaram a explodir por razões cada vez menos importantes. A fome pediu o cardápio, apenas porções a preços de restaurantes estrelados no Guia Michelin. Pediu salsichas à moda da casa e mais uma cerveja. Ela fez um sinal para o garçom e, quando Romain percebeu, bebia algo que parecia uma dose de uísque. Eles riram muito, e colocaram fichas na máquina de músicas. Ele escolheu *rock* dos anos 1980, ela música francesa dos anos 1950. Dançaram de mãos dadas. De pé, pareceu ainda mais bonita, imaginou-se casado com ela, perdoando sua vida pregressa e se mudando para a Bielorrússia, onde daria aulas em um liceu francês e ela abriria um pequeno negócio qualquer.

A porção foi deixada sobre a mesa. Ele descobriu que "à moda da casa" significava salsichas fritas, envolvidas por duas folhas de alface meio murchas. Devoraram o prato em dois minutos, chegando a um consenso de que aquilo era muito bom e que precisavam de mais um. Comeram o próximo acompanhado por uma garrafa de algum vinho espumante. Romain percebeu que Édith pouco bebia, seu copo ou estava completamente cheio ou totalmente vazio.

O ambiente roxo, vermelho escuro e negro parecia oferecer uma barreira intransponível ao tempo. Se saísse da boate e já fosse noite, ou ainda fosse dia, ou então um novo dia, Romain aceitaria sem questionar. A companhia de Édith engolia ponteiros. Seus sorrisos fáceis, mesmo manchados por pingos de uma tristeza que a maquiagem não conseguia cobrir, eram suficientes para transformar aqueles instantes em sonhos vivos, recheados por um prazer que até então desconhecia.

Novas músicas na máquina, uma seleção de canções italianas dos anos 1960, que Romain fez questão de dançar de rosto colado. Foi nesse momento que percebeu algo estranho, era o único cliente daquele lugar. Todas as outras mesas estavam vazias. Voltou para a mesa de mãos dadas e pediu outra garrafa de vinho espumante. O garçom dessa vez veio acompanhado por um homem grande de aspecto mau. Sua enorme barriga inflava a camisa ao limite máximo e alguns pelos pretos escapavam pelos buracos entre as casas de botões. Antes que ele abrisse a boca, Romain reparou, mesmo com aquela luz, na coleção de cicatrizes que carregava sobre o rosto. Começavam no supercílio, desciam até a bochecha, e deveriam prosseguir embaixo da barba grisalha. O homem sorriu e apertou a mão de Romain. Ele logo viu que nunca conhecera uma mão como aquela, capaz de esmagar ossos como quem quebra ovos. Mas o homem foi suave com o aperto e com o tom de voz que, assim como a de Édith, carregava um sotaque da Europa do leste, mas provavelmente de outro país.

Com toda a gentileza possível, ele informou que a conta já estava um pouco alta, então disse que Romain deveria encerrá-la, pagando-a, e depois, se quisesse, abririam outra, e ele poderia ficar ali até quando quises-

se. Ele não teve outra escolha a não ser concordar. O homem afastou-se para trazer a conta e desta vez foi a vez de Édith apertar sua mão. O aperto dela foi mais forte do que o do homem, e ele encarou isso como um bom sinal. Foi nesse instante que Romain percebeu que havia bebido muito e que tudo ao redor começou a girar. Abraçou Édith e pensou em beijá-la, mas desistiu com a chegada do homem trazendo na mão uma espécie de fatura.

Logo que pegou o papel reparou na palavra Champanhe, seguida pelo número 2. As luzes dificultavam a leitura e o homem o ajudou com uma lanterna. No final da cartela havia o número 110. Romain sacou uma das notas de 100 e mais uma de 10 que trazia na carteira, e entregou ao homem. Dado o caso por encerrado, estranhou quando o leão de chácara bateu com a lanterna em seu ombro. Ele dizia que estava faltando dinheiro. Examinaram a conta novamente e Romain encontrou algo que não esperava: um zero. A soma total era de 1.100 euros. O impacto da notícia fez a embriaguez reduzir pela metade o seu poder. Questionou. Recebeu respostas à altura. A soma era exata, o problema eram os preços. As duas garrafas de vinho ruim com bolinhas foram vendidas como Champanhe ao preço de trezentos euros cada.

Percebeu que havia caído em uma armadilha e que de agora em diante tinha duas escolhas, ou pagava a conta ou enfrentava o homem, chamava a polícia e tudo terminaria em longas discussões, acusações e um acordo, com talvez 50% de desconto. Enquanto tomava sua decisão, as mãos de Édith acariciavam uma de suas coxas, e tiveram papel importante em sua escolha.

Sem pedir desconto, Romain colocou os seiscentos

euros sobre a mesa e pediu para que lhe trouxessem a máquina de cartão. Édith, nesse momento, apertou-lhe o bíceps e ele sentiu que havia feito a escolha correta. Enquanto digitava sua senha, perguntou a ela se não queria acompanhá-lo a um outro lugar. Ela disse que precisava de permissão do patrão e que normalmente era necessário que se pagasse uma multa. Mas que tentaria convencê-lo. Ela enfiou a cabeça ao lado do ouvido do homem que ainda segurava a máquina, que nesse instante fabricava a via do cliente. Segundos depois sorriu para Romain, iria sair com ele.

Mergulharam em uma noite recente e bastante movimentada. Menos tempo do que imaginara havia transcorrido. Enquanto ele sugeria um lugar para jantarem, ela pareceu perder a alegria, seus dedos relaxaram na convicção com que agarravam os de Romain. Ela olhou em seus olhos e disse que a comissão que ganhava sobre bebidas era muito pequena, e pediu-lhe se não poderia pagar algo pela companhia. Nessa hora a outra parte da embriaguez decidiu ir embora, ele ficou sem palavras por alguns instantes e foi ela que continuou a falar. Tinha uma filha a quem precisava enviar dinheiro, o pai da criança era alcoólatra e não colaborava com nada. Nesse instante ele percebeu que ela era bem menos bonita do que julgara, algumas linhas de velhice desciam da testa e invadiam as maçãs do rosto, e a maquiagem parecia não ser suficiente para conseguir encobrir. Mas isso era o de menos. A impressão sutil de tristeza que localizara no rosto dela quando ainda estava dentro da boate multiplicou-se por dez.

Tanto que o fez sacar da carteira e mostrar que não tinha mais nada. Decepcionada, olhou-o de um jeito que

o fez, apesar de tudo, sentir-se culpado. Ela, então, pediu o seu relógio. Ele não hesitou, retirou do pulso e entregou-o. Ela deu as costas sem se despedir. Romain viu sua figura sumir no meio da multidão, parecia pequena e comum, mais um rosto anônimo. Correu atrás dela, que se assustou com sua presença. Seus olhos diziam que ela não devolveria aquele relógio. Ele pediu seu telefone. Uma chuva inesperada molhou toda a cena. Ela queria ir embora, mas antes de partir sacou da bolsa algum panfleto que recebera na rua e anotou seu número.

Ele sorriu e, sem perceber que partira, não conseguiu tirar os olhos do papel, que trazia um número de telefone, e um nome: Svetlana. Alone ligou e Romain não atendeu. Trinta segundos depois nova ligação. Se não atendesse viriam mais trinta ou quarenta, e depois mensagens ofensivas e lágrimas. Para evitar tudo isso atendeu, com uma voz animada, perguntando-lhe se ela havia visto o dia lindo que estava lá fora. Sua cabeça latejava, o estômago revirado, mesmo assim tentou ser o mais feliz dos homens.

Com o telefone na mão, foi até o banheiro verificar os danos que a noite passada impunham a sua imagem. Eram maiores do que imaginava. Estava pálido, com grandes olheiras, aspecto de um doente de malária. Alone continuava falando sem interrupção, voltara para a loja de tatuagens de Saint-Denis, aparentemente o perigo havia passado, mas continuava se cuidando. Romain procurou falar o menos possível, já que seu estômago dava sinais de que não suportaria mais reter tudo o que havia sido consumido na noite passada. Ela percebeu a pequena quantidade de palavras e reclamou, dizendo que parecia estar incomodando.

Ele foi obrigado a usar suas últimas reserva de forças, de pedir ao estômago uma pequena trégua e animá-la com alguma pequena mentira para que o pequeno córrego depressivo não se transformasse em rio caudaloso em dois ou três minutos: "Eu pensei bastante antes de aceitar o trabalho, e foi você quem me fez

dizer sim. Pensei que era algo que te interessava, e que poderíamos fazer juntos"... Funcionou! Ele conseguiu extrair um pequeno elogio dela e, sobretudo, a frase que o libertou daquela agonia: "É cedo ainda, sei que gosta de dormir até mais tarde, depois nos falamos". A despedida aconteceu exatamente quando o estômago anunciou que desistia, e que preferia iniciar vazio aquele novo dia. Conseguiu chegar até o vaso e cinco minutos depois voltava para a cama. Esvaziado de fluídos, vontades e moral. Um bom tempo olhando para o teto seguido por uma leve sensação de que, de agora em diante, se fosse bastante cuidadoso, as coisas prometiam melhorar.

A carteira sobre a mesa de cabeceira fez com que se lembrasse da conta recente. A ressaca moral foi mais desagradável que a física. Mais de mil euros jogados na lata de lixo. Na verdade, seiscentos eram para ser desperdiçados, mas os outros quinhentos iriam lhe fazer falta. Verificou a carteira e pelo menos os documentos estavam ali. Não havia nenhum dinheiro, mas encontrou o bilhete com o telefone da mulher que o fez gastar tudo aquilo e ainda pediu o seu relógio — que, ele mesmo, escolheu doar. Era um relógio Watch, vermelho, que havia ganho de sua mãe em seu aniversário de 15 anos.

Mergulhou em um desânimo que perdurou até as três da tarde. Precisou olhar no celular para perceber que horas eram e tomar a difícil decisão de se levantar. Lembrou-se que talvez, para casos como esses, fosse indicado um chá. Mas o que tinha em casa era o de flor de mostarda, que relaxava bastante. Precisava caminhar um pouco, tomar ar e, depois de algum tempo, comer

algo leve. Era sábado e não sabia se a loja de chás estava aberta. Rapidamente descobriu que sim, e decidiu que era para lá que iria. Não tanto pelo chá, talvez mais pela vendedora, que parecia o exato oposto daquela mulher que o fizera gastar os primeiros quinhentos euros que havia economizado para uma possível viagem de descoberta do mundo, Ásia, África, muitos lugares para mergulhar dentro de histórias, e depois escrevê-las.

Caminhou até a Galeria Vivienne. O ar lhe fez bem e sentiu-se melhor. Lá estava ela, atrás do balcão, olhando para a porta para surpreender com um sorriso o primeiro cliente que entrasse. E foi o que aconteceu. Saudou-o, inclinando o tronco para frente e unindo as mãos. Ele tentou imitar o gesto e, pouco inspirado para construir frases simples, optou por uma palavra: estômago. Ela compreendeu na hora e apresentou-lhe muitas opções vindas de todos os cantos do planeta. Como queria algo simples, escolheu um chá italiano feito a partir da folha da oliveira. Custava apenas três euros. Voltou para casa pensando em Shu-Hua e em seu cumprimento, não se lembrava de haver sido saudado daquela maneira nas outras vezes. Preparou uma grande caneca e tomou. O efeito foi quase imediato. Imaginava as grandes feridas que deveriam existir dentro de seu estômago sendo costuradas e cicatrizando imediatamente. Uma hora depois a ressaca ocupava apenas um distante canto de sua cabeça, uma pontada que não resistiria a um par de aspirinas. O dinheiro também conseguiria ganhar novamente. Erros todos cometem, mas os estúpidos os repetem.

No domingo pela manhã, Alone tocou a campainha. Previu tempestades, mas elas não vieram, passaram um dia tranquilo de passeios a pé pelos jardins do Palais Royal e sanduíches comidos a duas bocas. Ela parecia mais tranquila e, por um instante, uma ideia estranha fez com que Romain sorrisse. Um sorriso que tinha o mesmo peso e qualidade da ideia: não estaria o comportamento de Alone, pacífico e doce, sendo uma influência da energia absorvida por ele de Shu-Hua? A ideia logo foi soprada para longe pelos ventos da razão, ventos esses que costumam soprar indistintamente tanto nuvens carregadas de chuva quanto as brancas, que só sabem desenhar carneiros no céu.

No final da tarde despediram-se, e Alone pegou o metrô para Saint-Denis. Na segunda-feira, quando chegou à editora, Romain deu de cara com Rudi, que o informou que Olivier os esperava para uma reunião. Rudi parecia íntimo da editora e caminhou na frente na direção da sala do chefe. Foi quando uma estranha impressão atingiu Romain: parecia que, por baixo das calças, Rudi usava calcinhas de mulher. O desenho que se formava sobre sua bunda era idêntico àquele que vira em Édith, ou Svetlana. Dessa vez talvez fosse a energia da puta que, hoje pela manhã, fez com que Rudi se enganasse e, ao invés de uma cueca, vestisse uma calcinha. Teve de segurar o riso e, quando entrou na sala, precisou ouvir o pedido de Olivier para que a piada fosse contada para todos.

Conseguiu mudar de assunto. Olivier parecia mais animado do que nunca. Romain nunca o havia visto nutrir tanto entusiasmos por um livro. Para ser sincero, Romain o julgava um daqueles tipos que, por obrigação ou moda, fala muito de livros, mas raramente os

lê. Olivier discursou sobre a importância histórica e sociológica do livro. Muitos daqueles poetas nunca seriam conhecidos do grande público se não fosse por esse estudo, que, além de exibir fotos de onde os poemas nasceram, apresentaria um estudo literário feito por um professor de literatura da Sorbonne.

Romain até então não sabia desse estudo literário. Uma piada nasceu, passou por seu próprio conselho censor e foi vetada, sendo expressa apenas por uma sobra de sorriso sarcástico acontecida no canto direito de seus lábios A piada era essa, uma pergunta: "O professor da Sorbonne também precisará fumar crack para colocar-se à altura dos artistas?".

Olivier então pediu para que Romain iniciasse sua pesquisa, mas para adiantar o serviço passou para suas mãos um álbum fotográfico com vários poemas pintados em paredes. Junto de cada foto havia o endereço onde se localizava. Alguns eram em Paris, mas a maioria em cidades da periferia. Com o álbum em mãos a conversa passou a acontecer entre Olivier e Rudi. Rudi leu algumas linhas de um poeta que, segundo ele, atualmente cumpria pena por assassinar a mulher, mas que era genial. Romain escutou os três versos pronunciados em inglês e desconfiou da tradução, que poderia haver estragado o poema. Pediu se Rudi possuía também o original, escrito em francês. Ele entregou um caderno com os poemas originais numerados, esse era o primeiro. Romain conseguiu que nenhuma expressão facial manifestasse o que havia sentido, mas não conseguiu controlar as próprias narinas, que se abriram e se fecharam involuntariamente. Então passeou rapidamente os olhos por várias páginas do caderno. Teve de abrir e fechá-lo rapidamente, como se um cisco estivesse atrapalhando sua visão. O holandês perguntou-lhe o que havia achado. Demorou mais do que o necessário para encontrar algumas palavras, de fato só conseguiu uma: interessante.

Então Rudi disse que, se quisesse, poderia ficar com aquele caderno para ir se ambientando com aquela linguagem... Demorou um pouco para concluir a frase, tempo suficiente para que Romain imaginasse muitos adjetivos. Finalmente o holandês concluiu: vibrante.

Vibrava no coração de Romain uma vontade de encerrar o dia por ali e voltar para casa. Mas, enquanto não encontravam outro revisor para substituí-lo, precisava continuar trabalhando com os Neoestruturalistas, aqueles que eram netos de alguém que preferia não se lembrar. Por outro lado, estava cheio de ideias — não eram propriamente ideias, mas intuições. Lembrou-se das atuais, e não sabia ainda por quanto tempo, três mulheres de sua vida: Alone, Shu-Hua e Édith Svetlana. Lembrou-se também daquilo que sentiu durante o passeio com Alone. Talvez energias de outras mulheres, as duas outras ou apenas uma delas, estivessem influenciando a personalidade dela. Aquilo era uma mera suspeita sem fundamentos, mas poderia ser verdade e, se fosse, poderia funcionar também com qualquer outro tipo de relação. E por que não na literatura também? Não seria Madame Bovary um personagem rico justamente porque em sua personalidade guardava traços do marido a quem traiu? E Raskolnikov, não seria complexo porque, de certa

forma, também era, em determinado grau, a velhinha a quem assassinou? Talvez fossem essas riquezas que ainda estivessem faltando em *A Laranja Verde*.

Não se importaria em reescrever o livro, mas, antes de tudo, precisaria primeiro compreender a própria teoria, que ainda não passava de um vislumbre intuitivo. Hamlet influenciado por seu pai, Otelo por Desdêmona, e assim por diante. Dante não conseguiria descer ao inferno se não fosse pela pequena porção de Beatriz que morava dentro dele.

Quem seriam os complementos dos netos de Derrida, de quem revisava o texto? Talvez fossem os pequenos burgueses que tomavam taças de vinho orgânico em cafés da moda, talvez fosse apenas o caderno cultural do *Libération*, talvez fosse a certeza de que, com seus textos, trabalhavam para uma causa maior, que melhoraria a vida das pessoas, e essa certeza os faziam melhores do que aqueles que teriam suas vidas melhoradas. Mas não seria toda a civilização judaico-cristã construída da mesma forma, uma constante luta por suas próprias ideias, que servirão para beneficiar vidas alheias? Isso não importava, e para construir sua teoria de influências precisava se despir de preconceitos. E tinha muitos.

Poderia falar sobre isso no prefácio que lhe havia sido encomendado. Quem seria o complemento daqueles artistas de rua que escreviam seus poemas sobre muros? Ou dos músicos que compunham *raps* de protesto? Isso era fácil responder: aqueles poemas e aquelas músicas desejavam possuir justamente aquilo que desprezavam em seus versos. O complemento era o dinheiro, em todas as suas manifestações, sobretudo as mais evidentes

e vulgares. Portanto, aquela era uma arte que utilizava como matéria-prima o dinheiro. Era com ele que sonhavam enquanto compunham, escreviam, era ele que desejavam e era ele que amaldiçoavam, justamente por não o possuírem. O dinheiro ocupava o lugar da mulher amada, de Deus, da honra, e da própria arte.

Sabia que um prefácio como esse jamais seria aprovado. Sua "Teoria das Influências" era de difícil digestão. Mas talvez sua missão fosse a mesma de uma jiboia da floresta amazônica, que depois de aprisionar um boi, o mata espremido, o engole, e passa alguns meses para fazer a digestão. Era muito mais fácil maldizer o dinheiro que nunca conseguiriam ganhar. Terminaria seu prefácio fantasma, que jamais será escrito, dizendo que, alguns dos poetas, quando atingem o sucesso, e conseguem as coisas que tanto desprezam em seus versos, tornam-se imediatamente os maiores consumidores dos luxos que anteriormente abominavam. Depois de concluir mentalmente o texto do finado prefácio, inventou um título para ele: "Vítimas de si mesmo."

Romain voltou para casa e sentiu uma imensa vontade de beber uma cerveja. Havia duas latas na geladeira, e elas não resistiram nem quarenta minutos. Depois disso sentiu vontade de beber uma terceira, isso nunca acontecia, principalmente numa segunda-feira. Mexeu na carteira para pegar algum dinheiro e comprar mais. Encontrou o papel com o telefone de Svetlana. A tentação de ligar foi grande.

Lembrou-se que errar era normal, mas repetir o erro era estupidez, aquela mulher havia feito com que gastasse 1.100 euros em poucas horas, e não satisfeita, havia pedido seu relógio. E ele o entregara. Voltou da rua com mais três latinhas, e na metade da segunda discava seu número. O que diria? Pediria o relógio de volta? Talvez ela nem se lembrasse dele, era melhor desligar. No quarto toque sem resposta decidiu que deixaria aquilo de lado. No quinto ela atendeu.

Depois de muito gaguejar e de responder sobre como havia conseguido aquele número, ele conseguiu identificar-se e ela se lembrou dele. Sua voz parecia de alguém que acabara de acordar, e nenhuma de suas respostas trazia qualquer entusiasmo. Romain pensou em desligar, mas fez o contrário, convidou-a para tomar uma cerveja. Depois de um silêncio maior do que a ocasião pedia, o que fez com que ele perdesse as esperanças, ela disse que sim. Eles se encontrariam em um bar na avenida do Pigalle, não muito longe da boate. Assim que desligou o telefone, arrependeu-se. Acabara de se tornar um estúpido, e aquilo poderia ser apenas a primeira de uma longa série de estupidezes, que lhe sugariam, além de dinheiro, muitos outros valores importantes. Poderia simplesmente não ir ao encontro, mulheres como ela deviam estar acostumadas a isso. Depois simplesmente bloquearia o seu número. Mas ela poderia ficar com raiva e telefonar de outro número em horários inconvenientes.

Escolheu sua melhor roupa, fez a barba, perfumou-se, e 15 minutos antes do horário marcado, pedia sua primeira cerveja no balcão. Enquanto ela não chegava, planejou o que diria. Nada de pedir o relógio de volta ou qualquer mesquinharia. Seria generoso, amigo, preocupado com ela. Depois de muito conversarem

dispararia a frase: sabe que essa vida não dá futuro, né? Poderiam se tornar amigos, confidentes, poderia extrair dela muito material para seus futuros livros. Ela poderia ser seu vínculo com um submundo que jamais conseguiria entrar em contato em situações normais. E depois, é claro, acabaria conseguindo de graça aquilo que os outros pagam muito caro.

Sua cerveja terminou, pediu outra e já se passaram 15 minutos do horário combinado. Estava tranquilo, se ela não viesse, tudo bem, melhor ainda, escaparia, por uma circunstância, de sua própria estupidez. Terminou a segunda cerveja e já eram 35 minutos após o horário do encontro. Resolveu pedir a conta e voltar para casa. Pagou as duas cervejas e quando guardava as notas em sua carteira sua visão escureceu. Uma mão tapava-lhe os olhos. Não teve muita dúvida de quem era quando com o canto do olho reconheceu a pulseira vermelha de seu ex-relógio. Para não estragar a brincadeira disse um nome qualquer de mulher, antes de dizer o dela, na dúvida sobre qual dos dois nomes deveria utilizar, chamou-a de Édith.

Ela retirou as mãos e a primeira coisa que disse foi: "meu nome é Svetlana." Romain desculpou-se e perguntou se ela queria permanecer ali ou ir para outro lugar. Antes que ela respondesse, sua beleza passou por uma terceira avaliação. Se, no segundo exame, ele havia diminuído a nota deixada pela primeira impressão, agora, aumentava a que dera na primeira vez que a vira. Era uma linda mulher, um porte elegante e bem proporcionado, ombros e colo definidos, braços longos e pernas vibrantes — isso mesmo, estranha defi-

nição, mas foi esse o adjetivo que mais combinava com suas pernas. Seus olhos tristes eram de um verde que só existe em florestas tropicais. O cabelo dourado lembrava a cor dos ornamentos que decoravam a entrada da Ópera Garnier. Os traços de seu rosto eram todos suaves, típicos de belezas do leste europeu, e apesar de terem sido atravessados por tristezas e vulgaridades, mantinham uma graça quase intocada.

Ela sorriu, mas essa era sua pior parte. Os dentes eram perfeitos e bem cuidados, mas era através do sorriso que sua vida noturna se manifestava. Ele suspeitou que seria por ali que começaria seu envelhecimento, o sorriso carregava um sarcasmo apodrecido, lembrava alguns sorrisos que vira nas dançarinas decadentes retratadas por Toulouse-Lautrec. Subitamente, percebeu que a influência que ela sofria, continuando com sua teoria das influências, era a da morte. Mais do que Emma Bovary, que se suicidou, ela era inspirada pela morte. Isso não significava que iria se matar ou que morreria cedo. Poderia viver uma longa vida, mas sempre acompanhada pela morte.

Ela preferiu ficar ali mesmo, pois em menos de uma hora teria de entrar na boate. Sentaram-se e, diante do silêncio, Romain teve imensa dificuldade para encontrar um assunto. Perguntou se ela queria comer alguma coisa, ela olhou o cardápio e nada decidiu. Então só lhe sobrou elogiar sua beleza, o que teve o efeito de encerrar qualquer arremedo de sorriso que estivesse brotando em seu rosto. Percebeu que aquela era uma estrada sem saída e tentou ser original e fazer o que em encontros quase nunca fazia: falar de si mesmo. Contou sobre a editora em que

trabalhava e o projeto que lhe ofereceram. Ela pareceu interessada e fez algumas perguntas. Mas quando falou que também escrevia e que tinha vários livros esperando publicação, o interesse se multiplicou. Quis saber se suas histórias tinham finais felizes. Depois de vacilar ele respondeu: "às vezes, como na vida real." Ela então sorriu seu sorriso mais mortal, parecia que aquela pele branca, bem hidratada e jovem iria se desprender do crânio, e que quem continuaria falando seria somente uma caveira: "na vida real, algumas pessoas ganham na loteria, mas são muito poucas."

Novo silêncio que só conseguiu romper pedindo uma cerveja e perguntando se ela queria uma. "Não, ainda tenho muita bebida pela noite, quer dizer, pela frente." "Então me diga, o que acha da... vida?" Ela pareceu surpreendida com a pergunta, mas retirou do rosto os restos de tédio que começavam a se acumular ao redor dos lábios. "E você, o que acha?" "Eu acho que ela é... Um horror... Não, quer dizer, é um horror também, mas é muitas outras coisas também..." "Como o quê?" "Surpreendente..." "É verdade..." "Agora é a sua vez, me diga o que acha..." "Surpresa atrás de surpresa, às vezes queria ser menos surpreendida..." "Interessante..."

O silêncio se instalou enquanto Romain terminava sua cerveja e ela olhava para um ponto vago, parecendo recordar-se de algo. Ele, o silêncio, espalhou-se pelo bar e por alguns instantes foi absoluto. Ele, Romain, também mergulhou em sua bolha de memória arrastando para o presente situações que o influenciaram e que, de certa forma, eram responsáveis por sua presença ali, naquele lugar, acompanhado por aquela mulher. E que,

a seu modo, transferiam-se para qualquer palavra que escrevesse.

"Você gosta de circo?" Romain ficou sem saber como responder àquela pergunta, tentou descobrir possíveis armadilhas, olhou-a, ela estava bela, a caveira parecia haver se ausentado. "Quando era criança adorava." "Vi que tem um circo tcheco se apresentando em Roissy, perto do aeroporto, você iria comigo?" Nesse instante ela pareceu uma grande criança bielorrussa, seus seios encolheram, os quadris secaram e ele viu a menina que pedia ao pai alcoólatra para que a levasse ao circo que estava na cidade. As próximas duas décadas de acontecimentos poderiam ser totalmente modificadas, dependendo da resposta do pai. "Sim, claro, vou adorar ir ao circo com você."

Ela olhou no relógio, agora seu, e viu que precisava ir, era seu horário de entrar na boate. Despediram-se com beijos no rosto e a promessa de combinarem a ida ao circo no próximo final de semana. Romain pagou a conta pela segunda vez e, quando se sentou no metrô, estava mais feliz do que costumava estar nas segundas-feiras à noite. Havia bebido razoavelmente e não queria ir direto para casa. Desceu uma estação antes e caminhou um pouco, até encontrar a praça que homenageava a cantora Dalida. A escultura em bronze era feia, não fazia jus à beleza da homenageada.

Havia lâmpadas que iluminavam a estátua. Aproximou-se e percebeu que, talvez, o escultor tivesse retratado ali não apenas a figura física, mas um pouco de seu mundo interno. Havia no rosto de bronze semelhanças com aquele sorriso esquelético que enxergara em Svetla-

na. A morte acompanhara Dalida e talvez se tornara sua amiga íntima, ao ponto de ela convidá-la para jantar na noite em que se suicidou. Um escritor medíocre deduziria que, assim como Dalida, Svetlana também se suicidaria. Mas as coisas são muito mais complexas do que parecem, as influências muito mais sutis e as falsas influências mais presentes do que aparentam.

Se fosse escrever a história das duas, uma, a cantora de fama internacional, e a outra, uma prostituta imigrante em um pequeno prostíbulo escondido no Pigalle, misturaria tudo: épocas, personalidades, dores, amores mal curados, vícios. Uma sorriria enquanto a outra derramaria lágrimas. Uma seria de bronze enquanto a outra, em carne e ossos, passearia na praça em que a outra era homenageada, mas tanto a que está viva quanto a que se transformou em estátua mudariam de nome. Dalida, em pleno século 21, seria uma incógnita prostituta com sotaque carregado, enquanto Svetlana faria duetos com Alain Delon: "Parole, Parole, Parole...". Ambas temeriam certas cores, que furtivamente aparecem onde menos se espera, ao lado de gavetas, no canto perdido de um armário, são as cores da desesperança.

Quando aparecem, as vontades vão embora, o cansaço prevalece, e elas, Svetlana, Dalida, costumam escrever notas: "A vida para mim tornou-se insuportável. Perdoem-me". Mas antes de as escreverem, sorriem de um jeito triste, espalham garras pelo mundo, tentando fazer com que elas consigam atá-las a ele. Gritam, com clientes, com Alain Delon, choram, viajam e se lembram de suas infâncias quase felizes.

Romain percebeu que ao pé da estátua havia uma

grande flor vermelha com um pedaço de papel amarrado a ela. Abriu-o e leu: "Dalida, saudades eternas". Guardou o pedaço de papel no bolso e foi então que percebeu que aquela estranha e rara felicidade ocorrida em uma noite de segunda-feira havia ido embora. Tirou o celular do bolso e se deu conta de que já passava um minuto da meia-noite. Caminhou na direção de seu apartamento, lembrou-se de Proust e de Bergson, o filósofo do tempo. Deveria haver uma saída, Svetlana ainda estava viva, enquanto Dalida era um pequeno pacote de ossos descansando no cemitério de Montmartre. Um salvamento, em teoria, era algo possível. Isso se encarasse o tempo como um fluxo linear de acontecimentos que caminham em uma direção. Mas, a maldição acontece para todos os lados, os rios inundam-se e secam em paralelo, há mares e lagos, todos correndo para todos os lados e ficando parados por eternidades, e, no meio dessa confusão estou eu, conversando com Dalida no dia em que ela ganhou o título de Miss Egito. Estou eu, com mais de sessenta anos, acompanhando o funeral de Svetlana, após uma vida juntos. Estou eu, no exato primeiro instante em que a vi, e também está ela, no dia em que me conheceria, mas eu simplesmente mudei a direção de onde ia, e nunca entrei no puteiro. Estamos todos nós, singrando mares ou os observando, sentados em nossas cadeiras de praia, enquanto elas, crianças, e ao mesmo tempo adultas, que observam as crianças, brincam de construir castelos de areia. E choram, buscando pelas mães, quando alguma cor estranha aparece na sombra de uma velha macieira.

Enquanto isso, sentados no canto menos iluminado

da Praça Dalida, Proust e Bergson gargalham de meus esforços para compreender como as coisas funcionam. Eu me levanto e percebo que é hora de ir embora. Uma última olhada para a estátua faz com que a noite parisiense seja rasgada por risadas ainda mais agudas.

Mais uma reunião com Rudi e Olivier. Romain pouco fala, anota algumas palavras em um bloco. O entusiasmo dos dois primeiros não o contamina. Nomes e endereços são sugeridos por Olivier, cabe a Romain agendar encontros e entrevistas. Cabe também a ele uma primeira leitura de um material referente a cinco poetas, e uma apreciação crítica sobre o conteúdo. Enquanto falavam, Romain distraiu-se, mergulhou em uma piscina funda, onde encontrou os personagens com quem convivera na noite passada, Svetlana, Dalida, Proust e Bergson. Então algo estranho aconteceu: uma ideia-compreensão instalou-se ao seu lado e um instante depois já fazia parte de si mesmo. As influências, sim, elas eram importantes, mas eram apenas parte da realidade, e ela, a realidade, era muito mais complexa do que parecia ser.

Por um segundo, Romain desconfiou que pudesse não ser escritor, mas sim o personagem de uma história. Isso mesmo, um personagem do jeito que imaginou que seriam os verdadeiros e duradores personagens, com vida interior e principalmente contradições. Aliás, se o que suspeitasse fosse verdade, estava mergulhado na maior das contradições. Existia em dois mundos, mas, talvez, existisse em apenas um, e esse não era aquele em que acreditava existir. Havia ainda a possibilidade de apenas existir dentro da imaginação de

alguém, o que para alguns, não todos, poderia indicar, que ele, simplesmente não existia.

O peso de não existir era bastante leve em relação às outras possibilidades existenciais. Assim como, se ele fosse apenas o personagem de um romance, sentiria irem embora todas as mais profundas dúvidas e medos plantados nos escuros de suas noites, e que por vezes vinham à tona, obrigando-o a engolir cervejas, calmantes ou pessoas que lhe faziam mal.

Espetou a mão com a ponta da caneta e percebeu que as dores não deixavam dúvidas de que era humano, sofreria antes de morrer e não conseguiria responder a nenhuma das grandes questões. Mas talvez (quem poderia garantir que não?) personagens também sentissem dores e conseguissem descrevê-las utilizando-se da primeira pessoa.

O ponto azul em minha mão logo se avermelhou, uma gota de sangue saiu e percebi que por pouco não furei uma veia. Consegui disfarçar, e nenhum dos dois percebeu meu ferimento. Talvez pudesse incluir, em *A Laranja Verde*, uma cena como essa, onde o personagem, ou o autor, suspeita de sua condição. Não sei se o termo correto é suspeita ou desejo. E não será esse o destino humano, desejar o alheio? Madame Bovary sonhava em ser Gustave Flaubert, e vice-versa. Ambos estavam insatisfeitos com suas condições existenciais. Basta existir para desejar, e acabamos sempre desejando aquilo que não somos.

A tarde está passando lentamente, estou de volta, reviso o livro mais chato já escrito. Desejo, novamente ele se manifestando, desejaria conseguir me ater apenas às palavras sem que elas me contaminassem com seus signi-

ficados, como um matemático em busca de números primos. Mas cada palavra, por mais insignificante que seja, emenda-se a uma ideia e ela me conduz a aceitá-la ou desprezá-la, o que, existencialmente, é exatamente igual, mas no cotidiano me conduz a pequenas alegrias e a ódios um pouco maiores. É por isso que acabamos lendo sempre livros que confirmam as ideias nas quais acreditamos.

Seis horas, volto para casa, não quero usar o metrô, aqueles milhares de pessoas acumuladas em grandes latas que se movem confundiriam ainda mais minha percepção e misturariam ideias com imagens. Já estou suficientemente misturado. Sei do que estou precisando: um chá. A folha de mostarda vai me ajudar, uma folha de papel em branco ao lado, para ver se o personagem que surge sou eu mesmo, ou se ele, o outro que não sou eu, vai me fazer escrever. Preciso ler essas cinquenta páginas de poemas. Então a sequência será: flor de mostarda, descobrir se sou eu mesmo e poetas da periferia. A perfeita receita para um longo pesadelo.

O papel aceitou essa reflexão: cada homem que nasce é um rei, e todos os outros que conhece, ao longo de sua vida, seus súditos. A dor humana tem uma só origem: os reis julgam que os súditos estão usurpando seus poderes. Nada que possa ser usado em *A Laranja Verde*. Talvez nunca termine de escrever esse livro, ou se terminar, o escreverei novamente, com outros enredos e títulos. Sinto a flor de mostarda agindo sobre meu sistema nervoso. Se os maconheiros da periferia descobrissem os efeitos da mostarda, além do quê, é mais barato. Não quero ler esse lixo agora. Iria estragar minha viagem rumo à paz. Meu telefone vibrando, deve ser a

Alone, deixa ela pra lá. Quero escrever mais alguma coisa, é minha única maneira de me sentir vivo: descobri que não existia e decidi me calar. Naquele momento, era o que de mais espalhafatoso poderia fazer.

Se realmente descobrisse que não existia, e que não passava de uma ideia alheia, não sei qual seria minha atitude. Talvez me comportasse como um estoico que, com coragem apenas aceitaria seu fardo, fosse ele qual fosse. Mas acho que não. Lutaria para que pelo menos um pouco de livre-arbítrio me fosse legado. E será que isso não aconteceu também com personagens clássicos? O suicídio de Emma Bovary e de Ana Karênina podem não passar de protestos contra o destino conformista desejado para elas por seus respectivos criadores.

Amanhã quero ver se me lembro de passar numa loja que conheço, onde vendem de tudo para a feitura de mosaicos. Vou comprar cola e os retângulos de espelho que faltam no cubo. Vejo ele aqui em minha mão, aberto como uma boca pronta para devorar algo, há algo de hamletiano nele. Ainda ontem transformava lenços vermelhos em azuis, e agora está aqui, vazio, sem espelhos, sem mágico, pronto para não existir. E eu amanhã injetarei vida nesse pedacinho reluzente de morte. Colarei espelhos, polirei os brilhos, cobrirei o crânio que encanta e assusta Hamlet com novas carnes, e então soprarei dentro de sua boca toda a vida que eu e ele, o crânio, conseguirmos suportar. Então o escárnio e o desprezo por esses curtos anos, que Shakespeare, fingindo--se de Hamlet, magistralmente, e isentando-se de qualquer culpa, plantou em sua peça, desaparecerão. Hamlet perceberá que a morte é tão perecível quanto a vida, e

suas dúvidas, que já não eram pequenas, aumentarão. Mas serão dúvidas de outra ordem, não mais será o cego obediente aprendendo a só duvidar daquilo que lhe é ensinado ser uma dúvida. Desconfiará de suas origens, não biológicas, mas literárias, de sua personalidade e da de seus próximos. O quanto delas seria decorrente de seu sangue e influências sociais, e quanto dela foi plantada por aquela influência oculta, contra a qual ocupará seu coração, um coração contaminado pela peste da revolta, que comandará cérebro e corpo na busca da descoberta de suas origens? Hamlet se fundirá com Édipo e ambos, cegos por rebelaram-se contra seus criadores, percorrerão noites escuras, cruzarão com Dante em busca de sua Beatriz, e o sábio italiano, percebendo do que se trata aquele périplo, e mesmo possuindo o mesmo nome de seu criador, se unirá aos dois na busca por aquilo que desconhecem. Depois de muitas noites sem dias que as entremeassem, os três esbarram em outro homem, que há muito busca sua Dulcinéia e combate moinhos de vento. Dom Quixote escuta o que os três homens têm a dizer, e resolve acompanhá-los em uma caminhada que ninguém garante que possua um final.

Muitos outros e outras se juntarão ao grupo, uma multidão que, assim que se une, perde a visão, e caminha por uma noite devastada cuja paisagem é aquela que sucede à erupção de um vulcão. Todos cheios de uma energia solar, capaz de iluminar a cegueira e guiar corações. Todos caminhando na direção de seus criadores.

Partindo dessas reflexões chego a uma conclusão: A Laranja Verde precisa de retoques. Vários. Talvez precise amadurecer e se transformar em uma laranja cor de laranja. Outro livro. Quando uma ideia, mesmo que vaga, se aproxima de mim e me sussurra "escreva-me", nesse instante sinto uma alegria que só conheci na infância. As coisas brilham, e talvez seja essa sensação que outras pessoas chamam de paixão. Comigo nunca aconteceu com uma pessoa, mas com ideias, e como toda paixão, também acabou. Mesmos sintomas que ocorrem com o amor romântico: dor, revolta, juras de que nunca mais acontecerá, até que, de repente, planc, novamente. Mas, no meu caso, há algumas paixões que cozinho em fogo baixo, anoto-as em um caderno, para quando estiver pronto para levá-las adiante. Ao contrário das mulheres, elas não envelhecem, não arrumam maridos ou namorados, estão lá, sempre dispostas a serem escritas. Gostaria muito de escrever um romance histórico, mais especificamente sobre o início da Idade Média em Roma. As invasões bárbaras, os últimos filósofos importantes que ditaram o pensamento do mundo pelos próximos mil anos. Imagino-me vivendo naquele período, com as perspectivas e o nível de conhecimento da época. Vejo-me como uma alma inquieta, muito mais do que sou, tentando descobrir os segredos do mundo e da vida e utilizando-me para isso dos parcos recursos científicos e intelectuais da época. Como deveria ser a cabeça daqueles saqueadores de Roma, que chegavam com machados dizimando qualquer ser vivo, mulheres, crianças eram feitas em pedaços, para roubarem o que encontrassem pela frente?

Eles deviam criar numa ética que sustentasse seus atos e os deixasse dormir tranquilos. Alguns séculos depois foi a ética cristã que justificou as cruzadas, onde o que acontecia não era muito diferente disso. Mas os sa-

queadores de Roma não eram cristãos. Talvez acreditassem que a determinação de um povo sobre o outro pudesse ser exercitada sem limites, e que o fato de pertencerem a uma sociedade que, naquele instante, pelo menos militarmente, era mais eficiente do que aquela que estava sendo invadida, e justificasse a ação e aquietasse as consciências. Aqueles eram homens coletivos. Jamais exerceriam aquela violência de maneira isolada, pois sabiam que a única salvaguarda contra suas atitudes era o fato de não estarem sozinhos, e iguais a eles, estarem ao seu lado realizando as mesmas coisas.

Esse raciocínio me leva a outro, na verdade a uma encruzilhada. De um lado a cidade de Aubervilliers, periferia pobre parisiense onde moram muitos dos poetas grafiteiros que tenho em minhas mãos. Na outra estrada, vamos para Viena, mas, como gostam nossos amigos Proust e Bergson, há mudanças na direção da flecha do tempo. Estamos no frio inverno que separou os anos 1825 e 1826. Sozinho em sua casa, o jovem Franz Schubert, mas apenas dois anos distante da própria morte, escreve seu mais luminoso quarteto de cordas, "A morte e a donzela". Schubert trabalhou sozinho. Seus companheiros eram os sons de um riacho, o ritmo dos galhos de uma árvore balançando ao vento e uma substância invisível, inodora, indefinível, que parece colocar o mundo de pé e amarrar todas as coisas, que está no sorriso das crianças e na maneira como os cavalos relaxam quando levados ao sol em uma tarde de inverno.

Essa é a questão. Enquanto os poetas de Aubervilliers precisam da sociedade para existir, Schubert precisa apenas de um sopro de brisa que, mesmo anônimo, leva embora uma pétala de camélia que acabou de se desprender da flor. Assim, há semelhanças entre uma horda de bárbaros e os poetas de Aubervilliers, mas Schubert, por sua vez, mesmo que consideremos que fosse moralmente equivalente aos bárbaros, jamais cometeria violências porque precisa da solidão e apenas de companheiros invisíveis para criar e, por consequência, para existir.

A música de Schubert é uma resposta a seu confronto com a vida. Os poetas de Aubervilliers respondem à sociedade, reivindicam a sociedade que os tornaria mais confortáveis, com a maior quantidade de direitos e a menor de deveres. Um platonismo para crianças, que muito interessa ao grande capital, porque, enquanto as críticas a ele forem essas, permanecerão inofensivas.

Dito isso, por que aceitei essa coisa? Fraqueza? Mediocridade? Talvez nem despedido fosse. Se, com jeito, agradecesse a oferta dizendo que não me julgava capaz de participar de um projeto tão importante e preferiria continuar revisando livros. A mesma passividade e falta de pulso com que conduzo minha relação com Alone manifesta-se também em relação ao trabalho. E, provavelmente também, em relação a todo o resto. E nos livros? Talvez me falte distanciamento para julgar, mas posso ser, também ali, aquela garrafa plástica que é levada pelo mar e aceita o que as correntezas impuserem. Às vezes me pergunto, com toda a franqueza, por que escrever é tão importante para mim? A resposta é difícil, e as primeiras frases que saem podem ser facilmente derrubadas, então é preciso prosseguir: porque quero deixar minha marca no mundo. Sim, mas todo mundo deixa uma marca no mundo, sobreviver mais alguns anos que os outros também

não fará muita diferença. Então, o que mais? Porque quero fazer com que os outros enxerguem o mundo de um jeito menos superficial. Mas não sei se meus livros conseguem fazer isso. Para dizer a verdade, não sei se nenhum livro é capaz disso. Porque quero escrever de uma maneira diferente, ampliar os horizontes da literatura. Não creio que meus livros tragam nada de inovador em termos literários, pois tudo o que poderia ser imaginado como inovação literária já foi feito, e a maioria não foi longe, permaneceu como experimento. A verdade mais pura é que por maiores e mais ambiciosos que sejam meus sonhos, eles resultarão em nada, e digo isso considerando até a remota hipótese de ter sucesso como escritor. Mesmo assim, tudo terminará como começou, uma imensa página em branco. E aquelas que por mim foram manchadas com tinta, amarelarão e sumirão. Esquecidas para sempre como se nunca tivessem existido. É a partir dessa constatação que as coisas começam a ficar mais interessantes. A única ação que nos resta, a mim, e a todos os outros, é aceitarmos o caminho, prosseguir nele, de cabeça baixa, marchando e olhando para os próprios pés, admirando-os por nos conduzirem adiante, e, de vez em quando, erguermos a cabeça para admirarmos a paisagem e, sem conseguirmos entendê-la, achar graça de rios, montanhas e desertos.

Foi duro, para mim, conseguir aceitar isso, mas sinto que, apesar de achar que já consegui engolir essa imensa pílula, ela, de certa forma, ainda está enroscada em meu esôfago e provoca crises de irritação em situações que aparentemente não tem nada a ver com essa questão. Outro dia, quando menos percebi, dei de cara com uma das sedes do Paris Saint-Germain, então fiquei pensando:

como a sociedade remunera aqueles jovens que ali jogam? E como remunera os que são encarregados de pensar, de criar, de desenvolver ideias, os escritores, conhecidos ou não, os filósofos, os cientistas, por que essa monumental diferença? Localizei ali uma injustiça que por alguns instantes me revoltou e me fez sofrer. Logo percebi meu erro: era a pílula que deveria ter ingerido que estava presa no meio do meu trato digestivo, e incomodava.

Tomei um grande gole de água mental e ela desceu. Não havia erro ou injustiça naquela situação. A sociedade remunera abundantemente aquilo que faz parte dela e sustentava seus pilares. Não precisaria remunerar bem aqueles que produziam um conhecimento com pouca ou nenhuma utilidade para o corpo social. Esse alimento, que não servia para nutrir a sociedade, eventualmente poderia ser de grande valia para os homens e mulheres, enquanto entes individuais e pensantes. Então, que fossem alimentados por outros homens e mulheres na mesma condição. Foi quando tive de correr até um café e pedir uma caneta e um pedaço de papel emprestados, porque queria anotar uma frase que resumia toda essa história: "O mundo é muito mais justo do que parece".

Depois me lembrei do velho Sócrates, que dizia que a injustiça prejudica mais quem a pratica do que quem a sofre. Caminhei bastante sem perceber aonde ia, o importante era me movimentar, apenas mudar constantemente de lugar, até que vi uma praça e senti vontade do contrário, me estabelecer ali e deixar com que as ideias continuassem a caminhar. Foi o que fiz. Logo que sentei o telefone tocou, um número desconhecido. Talvez fosse Svetlana para tratar de nossa ida ao circo, talvez Rudi

querendo me passar os nomes de outros poetas. Não atendi, senti que o que tinha para fazer ali era mais importante, mesmo que não fizesse nada.

Agora sou só eu e a praça, ou só eu e a vida, a eternidade, não importa como chame aquilo que não sou eu. Muitas pessoas não têm um único momento como esse ao longo de suas vidas. Então vamos lá, aproveitar ao máximo o que nem sempre acontece: nasci. Como acontece com todos. Essa decisão não foi tomada por mim. Vou morrer, isso é definitivo. Tenho um curto espaço de tempo entre esses dois eventos, o tempo até não seria tão pequeno, mas é desperdiçado de mil maneiras. Se retirarmos da conta a infância e os primeiros anos de juventude, a velhice, as horas de sono, o tempo gasto com trabalho, transporte para o trabalho, preguiça, cansaço, doenças, diversão, escola e outras perdas de tempo, talvez a vida útil de um homem que se dispõe a refletir sobre si mesmo e o mundo seja algo em torno de cinco anos. Nesses menos de 2 mil dias, terá de localizar-se no meio do deserto e iniciar sua caminhada na direção de algum lugar com água e comida. Não importa que ele sempre termine, como todos os outros, morrendo de sede no meio das areias escaldantes. O importante é que pelo menos tentou. E essa é minha tentativa: admitamos que somos exatamente aqueles que imaginamos ser. Em outra tentativa vou abrir possibilidades sobre a autenticidade do ser, mas isso é para depois, vamos ver se meu tempo não se encerra antes dessa próxima tentativa.

Somos quem somos, estamos conscientes da exiguidade do tempo e da tonelada de desejos que curvam nossos ombros. A primeira grande questão é: viveremos para

saciarmos os desejos que gritam? Ou então tentaremos responder à questão: qual o sentido da vida? Terá ela um? Ou então optamos por um meio termo, um pouco de desejos realizados e alguns dogmas capazes de aliviar o peso das questões. Vamos dizer que optei por apenas responder às grandes questões (o que não é verdade, mas a verdade, nesse caso, tem pouca importância). A partir do momento em que percebemos o absurdo (nesse caso absurdo não tem conotação negativa, apenas indica o inexplicável) de se estar vivo, as outras pessoas pouco importam. Elas têm tantas respostas quanto nós mesmos, e não podem nos ajudar em nada, portanto, devem ser deixadas de lado. Estamos sozinhos sobre o planeta e só podemos contar com nosso corpo e mente para resolver a questão que nos inquieta. O sol arde e cria dificuldades que acabam nos distraindo da missão: calor, suor e queimaduras na pele. Lá pela metade do dia, a fome torna-se o maior inimigo e precisamos nos preocupar em comer para manter intactos a curiosidade e o espírito. Com os estômagos cheios vem o sono. Nesse instante, ou lutamos contra ele, diminuindo assim nossa capacidade de raciocínio, ou nos entregamos a ele, diminuindo ainda mais o tempo que nos resta. Acabamos escolhendo prosseguir, o sono deixamos para ser dormido durante a eternidade. O mundo está vazio. Tudo o que existe precisa ser mentalmente ignorado, pois apenas serve para nos desviar de nosso objetivo. O homem nu olha para a terra e para o céu. Não consegue extrair desse confronto nenhuma ideia. O silêncio o agonia. Pergunta ao sol, em voz alta, o que é tudo o que existe. Por que não há apenas o nada. Por que e de onde surgiram as consciências que se ligam a um corpo perecível?

A falta de respostas afunda uma lâmina afiada em suas costas O peso faz com que caia no chão. O desespero manifesta-se, arranha a terra até que um pequeno buraco nasça. Ele para, olha, reflete, o sol brilha silencioso. Aquela talvez seja a resposta que procurava. Seus olhos estão transbordando. Encontrou o veio dourado da significação. Cava com todas suas forças. As horas passam, o calor aumenta e seu corpo pede água. Mas ele não o escuta, apenas prossegue. Aumentando o buraco em largura e fundura, destruindo suas mãos. Mas elas foram feitas exatamente para isso. Devem ser utilizadas, e se necessário destruídas, em situações como essa. A lua substitui o sol. O homem desaparece dentro do buraco. Por algum tempo ainda se ouve os ruídos de suas mãos retirando terra. Depois apenas o silêncio. A noite se faz profunda e, depois de mais algumas horas, outro sol e outro dia nascem. Eles estão à espera do próximo homem.

Olivier surpreendeu Romain. Havia encomendado a um estagiário uma longa pesquisa sobre o assunto do livro. O jovem havia conseguido muito material: endereços, telefones, contatos Alguns já estavam cientes do projeto, mas outros precisariam ser contatados pessoalmente e convencidos a participar. O cachê para cada participante era pequeno, portanto, caberia a Romain criar uma estratégia, usar o emocional para convencê-los. Precisaria dizer que aquele seria um livro histórico, a primeira obra que colocaria juntos tantos artistas da periferia. Uma homenagem a injustiçados. Nesse instante Romain perdeu um pouco da atenção, porque se lembrou de suas reflexões sobre justiça. Olivier percebeu, e perguntou se desejava dizer algo. Romain teve de improvisar:

"Talvez possamos oferecer-lhes um espaço, algumas linhas para que possam também dizerem algo sobre o projeto."

"É, a ideia é boa, mas acho que a maioria não vai querer. Sei como eles são, querem que a poesia fale por eles mesmos. E depois, sabe, não é muito politicamente correto dizer isso, mas entre os poetas há alguns bem radicais, é bom não darmos muita voz a essa gente. Deixamos apenas a poesia e a arte gráfica que produzem".

Então Olivier perguntou-lhe se ele sabia dirigir.

"Tenho carteira, mas faz muito tempo que não pego um carro."

"Não tem problema, isso é que nem sexo..."

"A gente nunca esquece..."

Rudi entrou na sala e foi surpreendido com o clima descontraído. Ficou combinado que no dia seguinte, bem cedo, Romain o apanharia de carro e iniciariam as visitas que já estavam agendadas. Depois continuariam à procura de alguns poetas na região metropolitana, artistas que não tinham telefone, redes sociais ou e-mail, e que talvez se recusassem a recebê-los. Romain passou os olhos pelo nome dos lugares por onde passariam. Em Paris todos os endereços eram nos arrondissements 18, 19 e 20. Depois havia, como já esperava, Aubervilliers e Saint-Denis, além de Bobigny, Argenteuil, Mantes--La-Jolie, Le Murreau, Sarcelles e aquele que era considerado um dos lugares mais perigosos da França, não apenas pela elevada taxa de criminalidade, como também por abrigar células terroristas que enviavam combatentes para lutar na Síria e no Iraque em favor do Estado Islâmico: Trappes.

Um sorriso brotou no rosto de Romain e teve de ser contido. Em dois segundos ele imaginara um tipo de turismo alternativo, nada de Monte Saint-Michel, castelos do Loire ou grandes catedrais góticas; nada dos Alpes, do lago de Annecy, ou da Côte. O pacote que imaginou incluiria uma visita a todas as cidades que constavam em seu dossiê. Poderia adicionar mais algumas: Cergy, Montrouge, Issy-les-Molineaux. Lugares ou perigosos, ou completamente sem interesse e, na maioria dos casos, as duas opções. O pacote seria vendido no exterior como "França de Merda". No folheto promocional algumas frases tentariam promover a viagem: "Para você, que pensa que a Europa são só belezas, fica o nosso convite. Nada de cultura, história ou gastronomia. Em nossa viagem você conhecerá grandes supermercados com imensos estacionamentos, acampamentos de refugiados e muita, mas muita pobreza". Ilustraria a publicação, fotos de grandes conjuntos habitacionais, carros ardendo em chamas e gangues de árabes vestidos como na época de Maomé.

Deixou de lado o pacote turístico forçado pelos olhares de Olivier, que parecia conhecer bem o exato instante em que costumava ausentar-se mentalmente. Romain olhou para o lado e percebeu uma genuína felicidade espalhando-se pelo rosto de Rudi enquanto lia o nome das cidades, tentando pronunciá-las em francês e pedindo ajuda para descobrir a pronúncia correta.

Nova distração, desta vez foi apenas uma palavra: "Rousseau". "Ele acha que aqueles bons selvagens, que há alguns anos fuzilaram 130 pessoas nas ruas de Paris, e esmagaram bebês em seus carrinhos com um caminhão em Nice, agiram por culpa da sociedade. Mas agora, como

são fundamentalmente bons, voltaram a ser o que eram, figuras pastoris que, entre uma e outra cachimbada de crack ou metanfetaminas, picham alguns muros com rimas que fariam inveja a Baudelaire ou Verlaine."

Os três se apertaram as mãos, ainda sob os olhares desconfiados de Olivier, que detectara nos últimos trinta segundos uma ausência espiritual de Romain. Antes que Olivier pudesse repreendê-lo, ou pedir para que ficasse após a reunião para conversarem, Romain avançou e combinou o local e horário em que deveria apanhar Rudi no dia seguinte.

Ele sabia que o dia seria longo: acordar muito cedo, ir até a locadora de veículos, buscar Rudi e seguir adiante, visitar os artistas que já estavam agendados, dois em Paris e um em Bobigny. Esquentou água, mas desistiu do chá. Precisava conversar com alguém. Pesou prós e contras e ligou para Alone. Ela parecia tranquila. Na verdade tranquila demais: ria sozinha e falava lentamente. Romain logo adivinhou que deveria ter fumado alguma coisa. Aquela maconha batizada com fertilizantes que se encontra nas ruas de Saint-Denis. Fingiu nada notar, contou de sua aventura, que aconteceria no dia seguinte. Ela achou engraçado, o que o irritou um pouco. Para fazer com que parasse de rir, ele surpreendeu-a, e pela primeira vez disse que a amava. O resultado foi imediato: um silêncio completo O raciocínio deveria estar sendo exigido, mas o cérebro respondia lentamente e tinha dificuldades para processar uma informação que parecia bastante relevante. Finalmente ela sorriu, murmurou algo incompreensível e depois disse que estava muito feliz. Romain permaneceu em silêncio, talvez apenas para que ela parasse de rir, fato que o estava irritando. Ele havia pronunciado uma frase que seria lembrada por longo tempo e que traria muitas consequências. Arrependeu-se da ligação e disse que precisava desligar, pois teria de acordar muito cedo.

No dia seguinte o despertador tocou às cinco da manhã. Lembrou-se de algumas cenas vagas: Alone, casamento, brigas, ciúmes e maconha. Tudo perdido, engolido pelo novo dia que ainda não raiara. Desvencilhou-se de todas as burocracias e cinco minutos antes das oito da manhã estava na recepção do hotel de Rudi, anunciando-se.

Os dois tomaram café da manhã juntos. O holandês parecia exultante e explicou que o primeiro artista que visitariam era o criador do grafite minimalista. Ele criara um molde com a letra "N", de três centímetros de altura por dois de largura. E aplicava-o em cantos quase imperceptíveis da cidade. A letra significava "Nós", ou então, "Nosso". E aí vinha algo interessante, segundo Rudi: o artista também era conhecido como "N". A mensagem, o meio utilizado para sua difusão e o próprio nome do artista coincidiam. Afora isso não havia mais nada, nenhuma outra mensagem ou manifesto, ele havia concentrado tudo nessa letra simbólica. Já que tudo estava concentrado ali, Romain imaginou que qualquer entrevista seria uma contradição. De qualquer forma rumaram para o 20º arrondissement. O ponto de referência era a praça Édith Piaf, o que o lembrou de outra Édith (ou quase isso) que conhecera recentemente, para quem, ao invés de Alone, poderia ter ligado na noite anterior. A praça não foi difícil de encontrar, mas o número indicado não existia, o que obrigou Romain a ligar para o número que em sua lista constava como o de "N". Quem atendeu foi alguém com forte sotaque indiano. A comunicação foi difícil, e finalmente Romain entendeu que o número não se referia à praça, mas a uma rua próxima dela.

Encontraram o local, que era uma espécie de lan house com telefone disponível para chamadas internacionais. Romain logo entendeu. Esses lugares eram quase todos geridos por indianos. Seria "N" indiano? Aquilo poderia trazer algum interesse para algo que parecia tão vivo e brilhante quanto uma demonstração contábil de vinte anos atrás. Ambos entraram na loja e perguntaram ao indiano do balção sobre "N". Ele chamou outro indiano mais velho e os dois trocaram algumas palavras em hindi. Então apontaram para uma escada e pediram para que subissem. O corredor estreito misturava diversos cheiros fortes, entre eles os que mais se destacavam eram o de detergente, o de curry e o de maconha. No alto da escada havia uma porta com várias palavras escritas, e todas começavam com a letra "N". Romain percebeu que a que estava escrita com maior destaque era "Nada".

Bateram na porta e ninguém respondeu. Nova batida e um ruído começou a surgir. Cinco minutos depois a porta foi aberta e uma mão convidou os dois para entrarem. Só então as luzes foram acesas. Romain não sabia se olhava primeiro para "N" ou para seu quarto. A peça era minúscula e incluía uma cama, um vaso sanitário, que ficava sob um chuveiro, e uma pequena pia onde se acumulava louça por lavar e um forno de micro-ondas. Nas paredes, múltiplos grafites com símbolos anarquistas e caveiras sendo atravessadas por espadas. Havia também, sobre sua mesinha de cabeceira, uma seringa, que parecia

haver sido usada recentemente, e um cachimbo envolvido por papel alumínio. Sobre a cama uma pequena prateleira com meia dúzia de livros, a maioria de literatura fantástica, com capas coloridas e bem usadas. E o que dizer de "N"? Surpreendentemente um branco, beirando os 40 anos, muito magro, vestindo roupas com meia década de uso e um mês sem serem lavadas. Seus traços eram suaves e o estrago dos anos de excessos não conseguiram destruir por completo uma certa pureza, que acompanha pessoas que em suas infâncias foram tratadas com muito amor. Mas havia algo a mais ali, parecia que as coisas em que acreditava cobravam-lhe um preço muito alto e sugavam as energias que as drogas não consumiram.

"N" foi gentil e ofereceu a única cadeira para Rudi, Romain permaneceu em pé, até "N" insistir para que se sentasse junto com ele em sua cama. Romain percebeu que os lençóis estavam sujos e pareciam não haver sido trocados há muito tempo. Surpreendentemente, "N" falava um inglês bastante razoável, o que isentou Romain de traduções. Antes de qualquer pergunta, "N" abriu uma gaveta de onde retirou um bolo de papel pardo, começou a desenrolá-lo até revelar dois moldes da letra "N", que usava para suas *marcações*. Era esse o termo que utilizava. Rudi pediu se podia fotografá-los e os segurou com uma reverência digna de restauradores de tesouros.

Depois das fotos, o silêncio foi rompido por "N": "Minha obra fala por si mesma". Rudi anotou essa frase em uma caderneta. Então "N" voltou à mesma gaveta e de lá retirou um velho caderno, abriu-o e mostrou-nos de longe. "Nesse caderno estão anotados todos os lugares onde coloquei minha marca." Os olhos de Rudi brilharam

e Romain também se impressionou com a revelação. Rudi pediu para fotografar algumas páginas. "N" fez sinal negativo com a cabeça. O ar pareceu mais pesado do que quando entraram. Romain então perguntou qual era o número de intervenções até agora. "O número exato não posso revelar, mas vou dizer que não são menos de 80 nem mais de 90."

Aquela pareceu uma informação relevante e Rudi anotou. Depois disso, novo silêncio que parecia transformar o ar do quarto em uma substância tão pesada que poderia ter a consistência do queijo Camembert. "Vocês aceitam um pouco de maconha?" Romain apressou-se em responder que não, o que pareceu descontentar um pouco Rudi, que talvez achasse que a droga ajudaria a fazer com que ele falasse algo sobre o conteúdo de seu trabalho. Então "N" rapidamente enrolou um cigarro e começou a fumar, o que fez com que o ar do quarto se tornasse pesado demais, até mesmo para a caveira pintada na parede. Romain agradeceu pelo tempo dispensado a eles e Rudi pediu se poderia fazer uma foto dele em seu quarto. Ele aceitou. Foi fotografado fumando maconha e sorrindo, o que revelou que seus dentes estavam em estado parecido com suas roupas ou com o lençol que cobria sua cama.

Quando saíram do apartamento, Romain mostrou a palavra "Nada" escrita na porta de "N", e traduziu-a para Rudi. O holandês manteve-se frio e não aceitou o sorriso que lhe era proposto. O outro endereço era próximo dali e o percurso foi feito em absoluto silêncio. Chegaram ao local, que parecia um cortiço dominado por nigerianos. Logo encontraram quem procuravam: o jovem não deveria ter mais do que 20 anos. Negro, simpático, vestido como um adolescente da periferia de Washington ou Filadélfia, filho

de imigrantes malineses, Mc Le 4000 convidou-os para sentarem-se em algo que parecia um bar improvisado no meio da rua. Seu nome artístico era homenagem a um imenso conjunto habitacional com quatro mil apartamentos que existira em La Courneuve, e que se transformou em uma imensa favela até finalmente ser demolido.

Ao contrário de "N", Le 4000 era bem falante. Sua música era um protesto contra os burgueses opressores, e sonhava em ser grande, como Hatik ou Mc Solaar. Quando Rudi perguntou sobre o que o atraía no sucesso, a resposta foi: "É claro... os pedaços de rabo"... (mulheres). Então desandou a falar sobre o assunto. Quando todos ouvissem sua música, compraria um Rolls-Royce dourado, cobriria seus bancos com peles de leopardo e cobriria o próprio corpo com tatuagens e muito ouro. Então mostrou em seu celular o número de seguidores que possuía no Instagram: 3.245 Ainda pouco, admitiu, mas crescia a cada dia e as apresentações na periferia começavam a acontecer. Rudi perguntou se ele poderia cantar alguma coisa, o que deixou Le 4000 muito contente. Rudi tirou da mochila um pequeno gravador e o jovem advertiu-o de que o resultado não seria o desejado porque estava sem acompanhamento. Iniciou seus versos, mostrando dedos e dando passos para trás, olhando fundo nos olhos daqueles para quem cantava e mostrando uma energia que impressionava quem assistia e acabava desviando a atenção da letra da música. Além de gravar, Rudi filmou tudo com o celular.

Quando entraram no carro, o holandês parecia muito animado. Disse que estavam fazendo história, e que vimos ali um dos grandes artistas que a França, e talvez o mundo, conheceriam em um futuro muito breve, e que se sentia muito feliz em formar esse elo entre o público e o artista. A próxima parada era um pouco mais distante. Um endereço em Bobigny, cidade dormitório a noroeste de Paris. Romain colocou o endereço no GPS e esforçava-se para escutar as indicações, enquanto o entusiasmo de Rudi e sua voz possante encobriam a voz feminina que ditava as direções. Romain pediu licença e finalmente o holandês entendeu que precisaria conter o entusiasmo. A paisagem começou a mudar, os prédios haussmanianos de seis andares deram lugar a tediosos blocos de conjuntos habitacionais construídos nos anos 1960, e que hoje estavam completamente degradados. A maioria das pessoas que caminhava pelas ruas era negra ou de origem árabe. Muitas mulheres usavam véus e os adolescentes formavam grupos de vinte ou trinta, sentados nas praças ou em suas lambretas, fumando ou andando de skate. Havia também grupos de jovens dançando hip hop ao redor de imensos aparelhos de som.

Apesar de ali já não ser mais Paris, a distância do museu do Louvre era de apenas nove quilômetros. Um mundo que a grande maioria das dezenas de milhões de turistas que vêm à capital francesa nem sonham que exista. O GPS indicava que Romain deveria prosseguir por uma rua que não tinha saída. Ele parou e decidiu perguntar sobre o endereço para um grupo de jovens. Enquanto pedia a informação, Rudi tirou algumas fotos dos jovens com seu celular. Isso despertou uma imediata ira do grupo, que exigiu que ele as apagasse. Eles cercaram o carro e começaram a chacoalhá-lo. Rudi apagou as fotos e mostrou que elas não mais existiam. Foi então que o mais exaltado do grupo exigiu que ele deveria entregar o aparelho. Romain

argumentou que era o instrumento de trabalho e estavam ali para fazer uma entrevista com o rapper e grafiteiro Le Banlieusard. Assim que ouviram esse nome eles se acalmaram, pediram desculpas e um dos rapazes de lambreta pediu que o seguissem, pois os levaria até a casa do *rapper*.

Seguiram por um quilômetro de prédios iguais, o que mudava eram apenas as cores das roupas penduradas nas janelas além de alguns grafites, que pareciam ligeiramente diferentes dos de outros prédios. Afora isso todo o resto era igual: grandes estacionamentos onde sempre havia a carcaça de dois ou três carros incendiados, muitos jovens sem fazer nada, um ou dois grandes supermercados e duas mesquitas lotadas. A lambreta parou na frente de um prédio. O rapaz apontou com o dedo e foi-se embora. Os dois desceram do carro e Romain disse que a indicação que tinha era que o artista morava no oitavo andar.

Assim que desceram, perceberam que a maior parte da sujeira não era avistada do carro. Encontraram restos de móveis incendiados, agulhas e seringas, pedaços de aparelhos eletrônicos. Ao entrarem no prédio descobriram que o elevador estava estragado e teriam de subir os oito andares a pé. Os corredores estavam lotados dos mesmos jovens que não faziam nada do lado de fora. Havia também casais discutindo e uma equipe de policiais cumprindo um mandado de busca em um dos apartamentos. Toda aquela gente parecia se comportar como os grandes felinos que, apesar de nos meterem medo, têm ainda mais medo de nós. Assim que eles avançavam mais um andar, ouviam o barulho de portas sendo fechadas. Para todo efeito, para os moradores, não havia dúvidas sobre a identidade daqueles estranhos visitantes: policiais do serviço reservado.

No oitavo andar o cheiro era insuportável, grandes sacos pretos de lixo se acumulavam no corredor. A fisionomia de Rudi havia perdido todo o encanto que transmitia assim que deixaram a casa de Le 4000. Encontraram a porta de Le Banlieusard. Nela havia de tudo, desde buracos que permitiam enxergar o interior do apartamento até suásticas; desenhos onde a bandeira dos Estados Unidos era queimada e outro, em que Macron era representado com o tradicional bigode de Hitler. De dentro do apartamento vinha uma música altíssima e, por mais que batessem, ninguém respondia, até que, de tanto baterem, a porta acabou abrindo. Romain olhou e não viu ninguém. Deu dois passos para dentro da casa e, então, alguém grita. Uma mulher, vestida com o tradicional traje muçulmano assustou-se, e entrou correndo. Alguns segundos depois, um homem negro, alto e forte, com longa barba e também vestindo roupas islâmicas, entrou carregando nas mãos um fuzil automático. Romain ergueu os braços e fechou os olhos. Rudi permaneceu do lado de fora. Segundos se passaram no mais escuro silêncio. Romain abriu os olhos e explicou a situação. O homem era Le Banlieusard, que percebeu quem eram, mas não se desculpou. Com o cenho franzido convidou os dois a se sentarem. Foi quando Romain percebeu que algumas gotas de sua urina tinham escapado durante o susto. Passeou os olhos tentando descobrir manchas, sentou-se com as pernas fechadas. Rudi percebeu a tensão do momento e também que essa seria a mais difícil das visitas. Na parede, um grande retrato do Aiatolá Khomeini vigiava os dois com seu olhar cinza e sua fisionomia com cheiro de morte.

De longe eram observados pela mulher que se assustara quando Romain entrara, mas ela parecia se esconder. Le Banlieusard não exibia qualquer emoção com o rosto, uma estátua de ébano que parecia o bronze de algum escultor de segunda linha que tentou passar uma dignidade que a imagem não transmitia. O que exalava era uma tristeza originária do medo. Rudi fez uma pergunta que ficou sem resposta. Depois do silêncio e de uma grande aspirada, veio o discurso: "Diga para aqueles que te pagam que a revolução vai acontecer. O Ocidente decadente derreterá diante do fogo de Maomé...". Rudi ligou o gravador, mas foi advertido. "A glória divina está a caminho, e todos aqueles que contra ela lutarem, perecerão. Para cada um de meus soldados caídos, mil se juntarão, e nada impedirá nossa vitória..." Depois dessa frase, calou-se, e Rudi não teve coragem de perguntar mais nada. Tomou fôlego e voltou à carga. Logo nas primeiras palavras as duas veias laterais de seu pescoço inflaram-se: "Muitos de meus soldados estão na Síria e no Iraque, e não se importam em perder as próprias vidas, se com isso conseguirem matar o inimigo".

Então ele ficou de pé e caminhou pelo apartamento, Romain preferiu não acompanhá-lo com a cabeça, apenas mergulhou no silêncio mais profundo que encontrou, que sabia, seria em breve rompido por um grito

contundente. Mas ele não veio. O artista baixou o tom de voz, para algo mais compreensivo. Então voltou a sentar-se e perguntou aos dois qual era a religião deles. Constrangido, Romain não sabia o que dizer e por um instante pensou em dizer-se muçulmano, mas percebeu o risco que correria. Respondeu o mesmo que Rudi: sem religião. O artista sorriu, parecendo que escutara exatamente a resposta que desejava. Talvez os julgando dois campos sem dono, que poderiam facilmente serem cercados e legalizados em seu nome.

"Meus queridos, venham aqui, venham por favor..." Os dois se levantaram e foram até a janela. "Vejam tudo isso, o céu, as pessoas, as árvores, o sol... E então, o que me dizem?" Romain percebeu o tipo de argumento que ele estava prestes a usar, e preparou-se. "Não acham que tudo isso surgiu do nada... Há uma inteligência por trás da criação, vocês não acreditam?" Romain traduziu rapidamente o que ele dissera e depois respondeu: "Sim, claro, deve haver...". A mão pesada de Le Banlieusard pousou sobre seu ombro e Romain pode sentir um forte cheiro de condimentos, sem conseguir identificar quais eram. Também percebeu as grossas pulseiras de ouro. A segunda mão dele pousou sobre o segundo ombro de Romain, e Le Banlieusard sorriu: "Gostei de você, é um rapaz inteligente. Precisamos conversar mais...". Romain aproveitou a oportunidade: "Claro que precisamos, também gostei de você... Mas hoje viemos para nos conhecermos, ainda temos de voltar para a editora e já estamos atrasados". Le Banlieusard pareceu decepcionado e Romain indicou a Rudi a direção da porta, que pareceu não entender o que estava acontecendo.

Assim que saíram do apartamento, Romain pediu para que Rudi se apressasse. No carro, dirigiu o mais rápido que pôde para fora de Bobigny. Rudi disse que também havia achado o cara um pouco radical, mas que ele tinha um trabalho muito sólido e que tudo se resolveria com diálogo. Nesse instante Romain preferiu ter Le Banlieusard ao seu lado, ao invés de Rudi.

Quando entraram na editora, Romain já havia tomado sua decisão. Encontraram Olivier ansioso pelo resultado dos encontros, e Rudi respondeu a ele com um sorriso igual ao de uma criança de cinco anos que acabou de chegar à festa de aniversário de seu melhor amigo. Mas foi Romain quem tomou a palavra:

"Olivier, antes de mais nada gostaria de te agradecer pela oportunidade que me deu, pela confiança que sempre depositou em mim. Fica aqui também meu agradecimento à editora e a toda sua direção. As coisas mudam e mudaram para mim. Peço minha demissão..."

O silêncio de Olivier intrigou Rudi, que não havia compreendido a fala de Romain.

"Mas por quê? Você não estava gostando do projeto? Aconteceu alguma coisa?"

"Olivier, eu prefiro não falar... Acho que a mudança é positiva."

"Mas você tem alguma oferta de trabalho?"

"Não, não tenho. Só quero dar um tempo..."

"Então vamos fazer assim: começamos a reunião de novo e eu esqueço tudo o que me disse, que tal?" "Não, não dá, quero a demissão."

"Mas por quê? Gostamos tanto de você! Se cometemos algum erro, por favor, diga que corrigiremos." "Não é erro algum... É assim mesmo, as coisas são assim mesmo, o mercado exige livros como esse que vamos produzir e, quem quiser fazer outra coisa, deve sair..."

"Ah, então é esse livro! Se quiser pode voltar para onde estava. Quando te convidei achei que iria ficar feliz, achei que estava de dando uma promoção..."

"Eu sei, e sou muito grato por isso, mas é que não dá mais..."

"Romain, eu sei, lugares horríveis, e cá entre nós, sei que não é exatamente esse tipo de arte que você aprecia. Posso te fazer uma confissão? Eu também não, mas somos uma editora grande, que não pode se dar ao luxo de editar apenas aquilo que combina com nosso gosto pessoal..."

Rudi, mesmo sem entender o que era dito, compreendeu o tom confessional que havia entre os dois e pediu licença para sair da sala.

"Hoje visitamos dois caras, se todos fossem como eles eu apenas acharia que estava perdendo meu tempo, mas sendo remunerado para isso. Dois pequenos idiotas. A culpa nem era deles, também não vou dizer que era do sistema. Dois idiotas, mas se abrirmos essa porta vamos encontrar milhares, milhões deles..."

"Meu amigo, você é muito exigente..."

"Não, não sou não. Respeito gente simples, que não teve uma educação refinada, isso não é um problema. Respeito gostos populares, adoro vários tipos de bobagens que passam na televisão, não discrimino a crença de ninguém..."

"Então isso é um sim? Vamos recomeçar a reunião do zero?"

"Infelizmente, não. Como ia te dizendo, os dois pe-

quenos idiotas, o primeiro um drogado que pinta a letra 'N' em becos da periferia, o segundo um jovem semianal-fabeto que sonha com carrões e correntes de ouro e chama as mulheres de 'pedaços de rabo'. Deve haver milhares iguais a eles por aí, alguns até piores, outros melhores. O que quero dizer é que eles não são artistas, por uma razão simples: o primeiro requisito para ser um artista é ser uma pessoa. E eles são apenas esboços sociais, copiadores de tendências, repetidores de mantras. Mesmo o que neles parece original é clonado. Não digo copiado, pois a cópia possui um valor que pode... Eles são clones, e com clones não podemos perder tempo..."

"Mas vocês visitaram três artistas, então do terceiro você gostou?"

"Gostaria se eu fosse um fã de Hitler e dos fornos de Auschwitz. Aquilo é o que a humanidade já produziu de pior. Quer construir um país de fanáticos suicidas e homicidas dentro da França. E não é só isso: deseja a morte de tudo e de todos que não concordem plenamente com suas ideias. Ele disse que forma soldados que depois irão lutar pelo Estado Islâmico na Síria e Iraque. É a música dele que os carrascos devem ouvir enquanto decapitam dezenas de prisioneiros que cometeram o crime de nascerem no Ocidente".

"Romain, se é como diz, vamos excluí-lo do projeto, não sei quem sugeriu esse cara, mas esse é um erro inadmissível..."

"Acho que devem excluí-lo, sim, mas isso não me fará voltar. Agradeço mais uma vez". Romain apertou a mão de Olivier e saiu da sala, pensou em se despedir de Rudi e dos outros empregados, mas apenas caminhou até

a entrada do metrô. Nada de arrependimentos, um alívio. Novas portas que poderão ser abertas. Enquanto não chegava em casa, o entusiasmo inicial deu lugar a uma apreensão. E se não conseguisse novo emprego? Como pagaria suas contas? O vigor da mudança engoliu o medo e vários pensamentos pediram passagem. Havia vivido naquele dia experiências que normalmente levaria dois anos para experimentar. De repente, uma ideia ocorreu, algo chocante: uma Terceira Guerra Mundial estava ao alcance de suas mãos. Era só voltar na casa de Le Banlieusard dizendo que decidira se converter, ganhar sua confiança, e quando menos ele esperasse, cravar-lhe uma faca nas costas. Depois disso, escreveria com sangue na parede do apartamento: "Uma resposta do Ocidente decadente ao Islã". Filmaria tudo e colocaria na internet. Pronto, o mundo estaria definitivamente mudado.

Quando entrou em casa já havia se esquecido do mundo novo que criaria com um assassinato. Precisava contar a novidade a alguém. Seus pais iriam julgá-lo um irresponsável. Desistiu. Sobravam Alone e Svetlana. Discou os primeiros números de Alone, e desistiu. Aquela informação acarretaria consequências. Ela faria pedidos, desejaria participar das mudanças, organizar o futuro. Svetlana, bem, aquela também não seria uma boa escolha. Talvez se dissesse que estava desempregado ela perderia o pouco interesse que parecia demonstrar. Mesmo assim ligou, no quarto toque desistiu. Enquanto cozinhava seu macarrão rápido, o telefone tocou. Torceu para que não fosse ela. Mas era Svetlana. Desligou o fogão antes do macarrão ficar pronto. Contou-lhe a novidade com um tom de tristeza na voz, que, de fato, era exagerado.

Ao contrário do que imaginava, ela demonstrou-se bastante solidária. Ofereceu sua amizade. E parecia estar sendo sincera. Seria essa a primeira porta que se abria? Cedo para julgar. Marcaram encontro no mesmo bar da outra vez. Ele queria hoje, mas ela disse que só podia no dia seguinte. Depois da conversa com Svetlana, Romain sentiu uma estranha paz. Parecia que não havia nada a temer. Pegou na prateleira o velho cubo espelhado e ficou admirando-o. Sentia que cada um daqueles quadradinhos de vidro correspondia a um intervalo de tempo de sua vida, uma semana, um mês, não soube calcular, mas estavam todos lá, um ao lado do outro; todos possuíam sua importância e falta de importância. E só perceberíamos um em particular, na sua ausência. Além disso, os quadradinhos ajudavam a compor um dos lados do cubo que, somados a outros dois, formavam uma das partes que se encaixavam. Havia ainda os quadradinhos internos, que para aqueles que olhavam de fora, simplesmente não existiam. E a soma de todos formavam um objeto que possuía um significado. O que significava? Isso pouco importava, Romain estava interessado nas forças que construíam aquele objeto, nos materiais utilizados e, principalmente, na dinâmica utilizada para fabricá-lo.

Podia ser que, desde a ideia, passando pelo desejo, e depois, a construção mental, ideológica, até chegar em sua elaboração física, acontecesse também com outros objetos ou até situações. Isso mesmo, aquele poderia ser um esqueleto básico que, conforme fosse preenchido com carnes e órgãos vitais, poderia assumir a forma de uma equação matemática, uma borboleta ou uma galáxia.

Abandonou o cubo em cima da mesa e deparou-se

com uma questão filosófica: uma porção de macarrão que deve ser cozida por três minutos, se o cozimento é interrompido na metade do tempo, ainda deve ser cozida por mais um minuto e meio, ou o tempo deve ser alargado? Lembrou-se de Bergson e de suas gargalhadas, mas agora o filósofo estava acompanhado por Einstein, que em matéria de relatividade do tempo conhecia as melhores piadas. Para evitar constrangimentos, Romain jogou o macarrão fora e colocou outra porção para cozinhar. Dessa vez o tempo não seria relativo. Os dois homens mortos desapareceram como por encanto, e ele pode saborear um macarrão que parecia bem mais saboroso do que de costume.

Durante a refeição, contou mentalmente todas as experiências pelas quais havia passado. Eram muitas e muito diversas entre si, nunca vivera um dia tão diverso. Foi quando se surpreendeu com o horário, 17h30, ainda havia muito dia pela frente. Mas poderia escolher descansar e digerir tudo o que fora vivido. Devorou o macarrão o mais rápido que pôde e correu para o metrô. Entrou na loja de chás quando Shu-Hua preparava-se para fechá-la. Mesmo assim ela foi gentil e ofereceu-se para atendê-lo. Ele a convidou para jantar. Entraram no restaurante curdo às 18h30. Romain percebeu que a falta de comunicação não se devia apenas ao pouco domínio do francês, mas também a sua grande timidez. Ele tentou ser engraçado e gentil, escandia as sílabas e apontava fotos no cardápio. Ela começou a soltar-se e então percebeu que com um relativo esforço, conseguia se comunicar com ela. Romain escolheu um pouco de cada especialidade: Biryani, Kuku e Tabulé. Ela contou sua vida. Nascida em Nanjing, era engenheira de alimentos formada. Tinham a mesma

idade. Veio para a França convidada por uma amiga que era a dona da loja. A ideia era abrirem várias unidades na França e em outros países da Europa e, se tudo desse certo, Shu-Hua receberia uma participação societária.

Alguma luz do dia ainda invadia o ambiente, e réstias de um sol que se recusava a ir embora se esparramaram pelo rosto dela, transformando sua pele sedosa em uma matéria quase etérea, feita apenas da vontade que tinha de tocá-la. E foi o que fez, mentiu que um cabelo entrava em seus olhos e tocou seu rosto. Ela sorriu, e a timidez, que se preparava para dormir, acordou curiosa. Romain recuou e decidiu que contaria resumidamente o que havia acontecido hoje.

Depois que narrou sua manhã, ele percebeu que talvez tivesse falado um pouco rápido demais, pois ela sorria mesmo quando não cabiam sorrisos. Provavelmente não entendera nada. Então contou que pedira demissão. Isso ela entendeu e o efeito sobre seu comportamento foi imediato. Cobriu a boca com as mãos e depois sua fisionomia transformou-se, ela parecia estar com muita pena dele. Então ele percebeu que para um oriental a saída de um emprego tem um peso muito maior.

Lembrou-se da primeira frase de "O Estrangeiro", de Albert Camus: "Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem". Parecia tão indiferente ao emprego quanto Meursault, o protagonista do célebre romance, em relação à sua mãe. Então tentou corrigir. Já tinha outro emprego muito melhor em vista. Ela voltou a sorrir, e agora, com o sol quase indo embora, percebeu que aquela substância que a tornava ao mesmo tempo tão parecida com uma boneca de cera e tão viva não vinha do sol,

mas exalava de sua pele, levemente amarelada. E aquilo era lindo. Aquilo não existia nas mulheres ocidentais e mesmo nas orientais, era raro.

A comida chegou e, mesmo já tendo se alimentado em casa, Romain procurou demonstrar apetite. Shu-Hua também comeu bastante. Romain pediu um vinho e ela fez sinal negativo com as mãos, ele tocou novamente em seu rosto e pediu para que aceitasse pelo menos uma taça. Ela consentiu. Beberam, pediram sobremesa e quando já estavam quase terminando, ele percebeu que a barreira linguística não havia atrapalhado em nada a excelente noite que passara com ela. De fato, havia conseguido se comunicar melhor do que com Alone, que falava sua língua, mas parecia estar sintonizada em outra frequência.

Romain fez questão de pagar a conta, mas ela não aceitou, acabaram dividindo. Ele a acompanhou até a entrada do metrô e depois de despedir-se, com um beijo no rosto, a beijou na boca. Ela ficou vermelha e cobriu a boca com as mãos. Sorriu e desapareceu nas escadarias do metrô. Voltou para casa assobiando trechos da ópera *Madame Butterfly*. Mergulhou numa sequência de várias horas de programas sem importância de televisão que desfilavam por alguns segundos à sua frente enquanto o sorriso que carregava mantinha-se intacto. Iria no dia seguinte à loja de chás e a convidaria para saírem novamente. Foi então que se lembrou do encontro com Svetlana. Seria melhor deixar um dia vago para criar uma expectativa em Shu-Hua.

Dos gritos alucinados de Le Banlieusard ao sorriso amolecido de "N", da alegria ingênua de Rudi à substância mágica da qual era construída a pele de Shu-Hua, definitivamente o ser humano era um emaranhado de muitas

realidades. E todas elas eram importantes. Solidarizou-se com Le Banlieusard e suas crenças estúpidas. Por quantas humilhações, privações e violências havia aquele homem passado até se transformar naquilo que era?

Quando chegou em casa, seu cérebro era uma máquina de fliperama em Las Vegas: cores, números e uma fila de personagens exóticos esperando para jogar. A televisão acalmou-o um pouco, mas não o suficiente para que o sono chegasse. Então recorreu àquilo que para ele já foi um vício, os comprimidos para dormir. Engoliu dois de uma vez com uma grande quantidade de água. Continuou assistindo televisão, mas sentiu seus músculos relaxarem. O programa mostrava uma série de casais compostos sempre por um americano ou americana, e um estrangeiro. Os casais tinham 90 dias para se conhecerem e casarem. Caso não cumprissem esse prazo, o visto americano dos estrangeiros expiraria e eles precisariam deixar o país. Romain conheceu Russ e Paola, ele um anódino engenheiro de perfuração de Oklahoma, e ela uma bela colombiana, que desejava fazer carreira de modelo nos Estados Unidos. Durante uma sessão de fotos, Russ reclamava que suas roupas eram muito curtas e que aquilo ultrapassava a linha da decência. Ela dizia que aquele era seu sonho e que havia desistido de sua vida na Colômbia para ficar com ele.

Ódios mútuos eram cultivados a cada olhar, e regados com palavras cuidadosas, feitas para assustar, ameaçar, mas a ameaça deveria ter dupla face, poderia também ser lida como cuidado ou, até, amor. Lembrou-se de Alone, e perguntou-se se Shu-Hua não seria apenas uma Alone chinesa. E mais, perguntou-se se, na verda-

de, todas aquelas mulheres, Alone, Shu-Hua, Svetlana e muitas outras do passado e do futuro, e até mesmo Paola, a colombiana, não eram apenas representações de algo que faltava em si mesmo. Pilhas de tijolos encarregadas de tapar um buraco. Os nomes e aparências mudariam, mas, na verdade, ele apenas estaria interagindo consigo mesmo, tentando comunicar-se com uma parte de si que não possuía ouvidos, mas que costumava arder e coçar.

As pálpebras foram pesando e, quando menos percebeu, ele estava novamente dentro do restaurante curdo. Shu-Hua estava à sua frente, mas o garçom não era o velho e simpático curdo de algumas horas atrás, mas sim o rapper Le 4000, que enquanto esperava por nossos pedidos, cantava suas últimas composições no idioma curdo. Feita a escolha, ele repara na pele de Shu-Hua, aquela substância imaterial do jantar permanecia lá, assim como a memória de que havia existido um jantar igual àquele que ocorrera umas horas antes.

Quem trouxe os pratos foi Russ, o inodoro engenheiro de perfuração. O tempo ali parecia diferente, na verdade ausente. Numa mesa ao lado, Romain repara em dois homens que cochicham algo referente a eles. De vez em quando escapavam umas risadas que eram contidas com grande esforço. São eles novamente, a velha dupla, Bergson e Proust. Romain os ignora e saboreia a refeição que, com a ausência do tempo, em teoria, poderia durar toda a eternidade. Mas, de repente, como em um salto quântico, os pratos aparecem vazios. Shu-Hua pede para ir ao banheiro e Romain fica sozinho na mesa, temendo que também esse tempo possa se prolongar até o final do universo. Mantém a calma e não se deixa afetar pelos risos e piadas

que vêm da mesa ao lado. Finalmente, a eternidade derrete e ela sai do banheiro. Ou melhor, seu corpo, sai, pois a cabeça que ele sustenta é a de "N", que deseja a todo custo roubar-lhe o mesmo beijo que roubou quando a cabeça correspondente àquele corpo era a de Shu-Hua. Essa curta narrativa foi distribuída em dez horas de sono e, quando acordou, Romain sentiu um enorme alívio. O sol brilhava e lembrava-se da noite com Shu-Hua. Era uma dessas raras felicidades matutinas que só acontecem antes dos trinta anos. Com ela combinaria uma omelete, construída lentamente, ao som de muitas canções populares entoadas sem medos de vizinhos. O sabor dos ovos com tomates e cebolas, inflou suas células com uma energia que se prometia inesgotável. Lembrou-se do encontro com Svetlana, mas aquilo ainda estava muito distante, só aconteceria à noite. Precisava aproveitar cada segundo desse regozijo juvenil. Suspeitava de que essa era uma substância volátil. Interrompeu a ária "La donna é móbile..." porque ela o lembrava de mulheres e agora queria viver apenas si mesmo, sem buracos ou complementos. Talvez fosse possível ser absoluto e conseguir esticar para sempre o efeito da omelete, da felicidade e de tudo que ela costumava carregar consigo. Havia homens que tentavam prolongar a noite mais feliz de suas vidas até que os dias desistissem de nascer. A ilusão era importante, precisava de seus açúcares.

Romain chegou no horário combinado, mas preparado para esperar. Para sua surpresa Svetlana já estava lá. À primeira vista notou algo de estranho em seu rosto. Estava muito maquiada, e mesmo na boate, nunca se maquiava. Assim que a cumprimentou descobriu a razão. Por baixo da base branca ainda estava visível o roxo de

um de seus olhos. A dúvida sobre se dizia ou não algo, deixou-o calado. Ela parecia mais animada do que o normal. Queria ir ao circo no domingo, e a um restaurante russo na sexta. Parecia ainda mais bonita do que das outras vezes, mas não pela maquiagem. Havia em seu rosto, em seu colo, algo de nobre, uma bela proporção que só foi conquistada após muitas tentativas, e várias gerações anteriores contribuíram para isso. Romain se lembrou de Darwin, e Svetlana era aquele espécime perfeito, que havia sobrevivido a todas as dificuldades e se apresentava no esplendor da forma. Pegou em sua mão e reparou em um leve sorriso no canto de seus lábios. Decidiu: se ela se maquiara era para que ninguém visse o olho roxo. Respeitaria sua decisão.

Ela então o surpreendeu: não iria trabalhar hoje, queria que a levasse a um restaurante. Romain cogitou o curdo, mas lembrou-se que essa seria a terceira vez em 24 horas que o frequentaria, apesar de uma delas ser em sonho. Lembrou-se de um super-restaurante que pertencia a um amigo seu, e que só tinha ido uma vez por causa dos preços. Mas como havia decidido mudar de vida, poderia se presentear com um luxo para comemorar. Telefonou para Akiro, um japonês que apesar de morar há trinta anos em Paris, falava um francês péssimo. Conhecera Akiro quando trabalhara por alguns meses como vendedor em uma loja de discos clássicos usados. Ele ia pelo menos duas vezes por semana em busca das melhores gravações das obras de piano de Beethoven. Na época trabalhava como especialista em peixes na cozinha do L'Ambroisie, um dos mais renomados e caros restaurantes parisienses. Quando saiu de lá, abriu o seu restaurante, apenas doze lugares. Na entrada, uma pequena cortina cor de cereja dá o toque de sofisticação. Tudo muito sóbrio e caro, mas de uma qualidade insuperável. Frutos do mar preparados com simplicidade, mas, por isso mesmo, com grande maestria. Sentia-se o cheiro de sal e areia ao nos sentarmos naquelas poucas e disputadas cadeira. Por isso Romain nada disse antes de telefonar, as reservas eram difíceis. Felizmente havia um cancelamento naquela noite, caso contrário a próxima vaga seria em duas semanas.

Chegaram de táxi ao restaurante e Svetlana, assim que atravessou a cortina cor de cereja, beijou-o na boca. Era a segunda vez em 24 horas que sentia o mesmo voo noturno de borboletas, deslocando-se de seu esôfago na direção do estômago. Romain mais uma vez teve certeza de ter feito a escolha certa. Aliás, sentiu que vivia dentro de uma imensa onda de prazeres. Por onde quer que fosse, eles, os prazeres, descobririam novas maneiras para surpreendê-lo. A refeição era composta por uma sequência de pequenos pratos, todos à base de frutos do mar. Escolheram uma garrafa de Bordeaux tinto, mas, antes de ela chegar, Akiro ofereceu-lhe duas taças de Champanhe. Beberam entrelaçando os copos e Romain logo percebeu que essa atitude traria consequências futuras, só não sabia que tamanho teria esse futuro.

Comida, bebida e conversa conectaram-se como acontece com o óvulo e o espermatozoide. Dessa união nasceu uma alegria que, se só poderia ter duas horas de vida, viveu sua vida em plenitude. Trocaram piadas, receitas, histórias, dados biográficos, preferências artísticas, e muitos beijos. Durante a refeição, Romain reparou

que o celular dela não parava de indicar a recepção de mensagens e de receber algumas ligações. Mas ela fingiu que ele não existia, não demonstrou nenhuma curiosidade em saber quem a chamava. Romain encarou aquilo como um ato de respeito.

O restaurante esvaziou-se e Romain agradeceu imensamente ao amigo que ainda fez questão de oferecer ao casal uma taça de Armagnac. A conta foi cara e Romain, depois de deixar sobre o pires as duas notas de cem euros, ainda deixou mais uma de dez como gorjeta para a garçonete. Quando saíram do restaurante uma fina chuva fria molhava as ruas iluminadas que refletiam as luzes neon. Ele ofereceu-se para levá-la de táxi, mas ela pediu que apenas a acompanhasse até a entrada do metrô.

Ela beijou-o e acariciou sua nuca com as mãos. Ele a viu entrando na estação de metrô, um pouco molhada pela chuva, que também desfizera sua maquiagem. O encanto pareceu desmoronar. A felicidade foi substituída por uma piedade. Aquela bela mulher iria se enfiar em algum quartinho de subúrbio e esperar pelo próximo dia de prostituição. Depois juntaria alguns euros para enviar para sua filha na Bielorrússia. Até que daqui a uns poucos anos ninguém mais a desejaria. Não haveria mais dinheiro, apenas uma vida fria e triste em um país com as mesmas qualidades. Sentiu-se responsável por essa situação, talvez a única pessoa que conseguisse evitar um destino que já parecia escrito e apenas esperava para acontecer. Mas como faria isso? O casamento com uma ex-prostituta por piedade era um clássico do comportamento masculino que também parecia um roteiro escrito. E quase sempre terminava mal. Ao menor

desentendimento o homem tendia a usar o passado da mulher como trunfo na discussão.

Enquanto voltava para casa, lembrou-se da doce sensação de apenas 24 horas atrás, mas que a essa altura já parecia um passado distante. No metrô o telefone tocou, era Alone. Não atendeu e sentiu-se mal por isso. Ainda não resolvera sua situação com ela, e não se cansava de arrumar outros fardos emocionais, fardos esses que se fossem apenas emocionais, seriam leves, mas vinham acompanhados de muitos outros pesos. Romain percebeu que precisava escolher. Não apenas uma mulher, mas um caminho. Os trinta anos, que se aproximavam com rapidez, são uma espécie de bifurcação na vida de um homem. A certeza que tinha era de que queria continuar escrevendo, independentemente de qualquer sucesso como escritor. Se viesse, melhor; se não, sem problemas, não escrevia para os outros, escrevia porque precisava respirar.

Afora escrever, não tinha certeza de que precisava de uma companhia feminina. Elas aconteciam e tinham sua importância, mas não necessitava delas para respirar. O que mais o atraía nas mulheres não era o sexo, o carinho, nem mesmo a companhia. Era o mistério que representavam. Sua relação com Alone estava morta porque ela não escondia mais nenhum mistério. Isso poderia parecer egoísta, e, de fato, Romain tinha noção de que era. Mas a generosidade sempre foi uma qualidade muito dúbia. Oferecemos para recebermos algo em troca, nem que seja de Deus. Nesse sentido, o egoísta era alguém muito mais honesto.

Mesmo assim, como todo bom personagem literário, ou pelo menos alguém que em algum momento suspeitou ser um, ele guarda um pouco dos dois lados,

quando está sendo abertamente egoísta, esconde dentro do peito uma generosidade pura, desprovida de outros interesses. Quando, por outro lado, é generoso e aparenta desinteresses, guarda uma cobra enrodilhada no peito, pronta para inocular em outros um veneno que nasceu de seu ódio.

Por isso mesmo, os amores por Shu-Hua e Svetlana não são de todo falsos. Ele também está razoavelmente ciente que a razão de nascimento desses amores não são as qualidades intrínsecas das duas mulheres, mas sim, a mesma cratera existencial que o faz escrever. Dessa forma, enquanto se relaciona com elas, ou se relacionará, ou não, com uma delas, ou outras, estará escrevendo. Elas passarão a também serem seus personagens. Talvez apenas uma das duas exista de fato, e a outra não passe de uma sombra invertida projetada em um túnel, enquanto ele espera o metrô e escuta música no celular.

Mas pode ser, o mundo é repleto de possibilidades, e cada vez mais a ciência confirma que todas elas são tão ou tão pouco reais quanto suas concorrentes imediatas. Pode ser que ambas existam, e sejam quase exatamente como aqui estão descritas, e que as impressões de Romain sobre ambas seja aquilo que vocês leem sobre elas. O mundo é vasto e estranho.

Romain volta à televisão. As imagens desfilam, mas nada dizem. A luz colorida é sua companhia. Mas ele está em algum lugar da periferia em uma quitinete ou simplesmente em um quarto de empregada no sexto andar de algum prédio sem elevador. Ele observa Svetlana dormindo, depois passeia seus olhos sem corpo por suas coisas. O porta-retratos com a foto da filha pequena. Suas roupas

todas empilhadas em cima de uma mala. Alguns cremes e remédios sobre a mesinha de cabeceira, um ícone russo de algum santo, provavelmente presente de sua mãe. Um velho dicionário Russo-Francês, algumas revistas de moda, maquiagem, cobertores xadrezes, três pares de sapato e a conta de luz do quarto. Esse é seu verdadeiro mundo, é por esse espaço vazio que se expande seu universo. Romain tem dúvidas, não consegue entender por onde deve começar, ou mesmo se deve haver um início. Ao mesmo tempo, há o risco de, além de não conseguir retirá-la dali, ele mesmo tornar-se parte desse mundo. Não gostaria de ter seu universo minúsculo descrito por outros olhos que o perceberão pequeno. Era vaidoso, além de egoísta.

No dia seguinte, uma passada na editora, a despedida fria de colegas de trabalho com os quais nunca teve muita intimidade. Olivier estava em reunião e pediu para que sua secretária fizesse com que assinasse os papeis de sua demissão e lhe entregasse o cheque a que tinha direito. Foi surpreendido com a soma de 8.723 euros, esperava no máximo uns 3.500. Saiu dali feliz e mentalmente somou o valor ao que tinha guardado, descobriu que a soma passava de dez mil. Com o aluguel que pagava e com o resto das despesas mensais, poderia viver tranquilo por uns seis meses. Esse é o tempo médio que as pessoas levam para conseguir um novo emprego. Mas e daí? Recomeçaria tudo do zero, novos rostos e nomes, uma rotina levemente modificada, mas ao cabo de um ano, se tanto, as coisas voltariam a ser tediosas. Mas havia opção a isso? Deveria existir, mas ainda não havia encontrado.

Voltou para casa e a televisão mostrava um programa em que dois casais ganhavam cinco mil dólares

para mobiliar suas casas. Depois de mobiliadas, um júri escolheria a melhor e eles receberiam um prêmio. Foi quando uma questão apareceu: quanto havia gastado para mobiliar a sua? Sem contar com a coleção de livros e filmes. Mentalmente fez a soma. Mas na verdade o número que o interessava era outro, substancialmente menor. Quanto arrecadaria se vendesse todos seus móveis. A resposta para a primeira era mais fácil, algo em torno de 4 mil euros. Para a segunda, talvez tivesse sorte se conseguisse um terço desse valor. O que elevaria sua pequena fortuna a pouco mais de 11 mil euros. Dinheiro suficiente para passar um ano em algum país pobre. Mas a que isso serviria? É claro que ganharia experiência de vida, conhecimento sobre lugares que desconhecia, tempo e espaço para escrever. Mas seria isso suficiente? E depois, qual país? Conseguia escrever bastante em sua cidade, e julgava que a qualidade ao longo dos últimos anos apenas melhorava. A mudança poderia representar um risco, talvez a porta para um bloqueio criativo. Por outro lado, estava exatamente na idade em que se deve experimentar os riscos. Se descuidasse, essa idade passaria voando. Argumentos gritavam em sua consciência, como uma sentença que não admitia apelação. Mudou de canal para que mudassem também os pensamentos.

Talvez devesse ligar para Shu-Hua, convidá-la para sair, beberem um vinho, depois a levaria para casa, utilizaria os móveis que pensava em vender para... Ela não havia lhe dado número de telefone. Não seria difícil encontrar o número da loja, mas a comunicação já não era fácil pessoalmente, por telefone... Svetlana, não, ainda

não. Não queria se comprometer. Melhor descansar uma semana e depois sair para procurar outro emprego. Talvez, se devolvesse o dinheiro, ou apenas não descontasse o cheque, Olivier o aceitasse de volta para continuar revisando textos. Essa era uma possibilidade bastante real e, para ele, a mais assustadora de todas.

Abriu um vinho, e um livro. Fechou o livro e deixou a taça cheia. Não precisava de distrações e sim de decisões. O tempo é sorrateiro, e quando menos perceberam, mesmo aqueles que julgavam conhecê-lo como ninguém, a dupla Proust e Bergson, mesmo eles foram varridos para sempre, viraram poeira. Então Romain decidiu estar muito atento ao tempo, e até formulou um pequeno e vulgar pensamento que por um instante pareceu-lhe espirituoso: "Em relação ao tempo, não posso perder tempo". Depois foi flechado por um querubim satânico que lhe injetou uma suspeita: não estaria A Laranja Verde, seu melhor e mais maduro trabalho até então, também contaminado por essa vulgaridade simplória, que à primeira vista aparenta grandeza, mas a um olhar mais apurado, revela toda sua fragilidade? As laranjas podem nem ao menos estarem verdes, como seria natural para um escritor de sua idade? Mas, simplesmente, podres. Esse era mais um risco, essa era mais uma falta de certeza.

Era bom ser jovem e ainda não possuir certezas, era bom estar perdendo a juventude sem chegar perto delas, e seria ótimo envelhecer e morrer sem elas. Mesmo que isso doesse. E essa foi a primeira das certezas que teve. A primeira de muitas incoerências e paradoxos. Sentou-se e pegou nas mãos o velho cubo de vidro. Ele parecia diferente, menor e mais opaco. Mas isso não di-

minuía o encanto que dele exalava, ao contrário, aumentava. Fechou os olhos para sentir com a ponta dos dedos os retângulos de vidro. Quando os abriu novamente, teve uma certeza, aquilo era um símbolo. Mas do quê? Símbolos normalmente precisam de uma referência. Um sol se pondo pode simbolizar algo que chega ao fim; a lua, um coração apaixonado, que com a pouca luz emanada do céu consegue enxergar a mulher amada. Um cubo poderia representar uma visão ampliada de mundo, com vários pontos de vista, estando alguns deles escondidos, precisando de luz para serem revelados.

Mas muitas outras coisas poderiam oferecer a mesma interpretação. Ainda não havia decifrado aquele enigma, e talvez nunca conseguisse. Isso porque aquilo que poderia ser simbolizado pelo cubo corria o risco de ser algo sem nome ou forma, e que escolhera para si um objeto vago, múltiplo, pois ela ou ele mesmo, não cabiam em definições formais.

Onze mil euros. O número pareceu-lhe uma pequena fortuna. A questão novamente era o tempo. Em quanto tempo essa floresta de notas poderia ser desbastada, em uma noite regada a vinhos caros, hotel cinco estrelas e restaurante estrelado? Em um mês, viajando pela Europa de trem, dormindo em bons hotéis e comendo em restaurantes razoáveis? Em três, fazendo o mesmo percurso, mas utilizando-se de hotéis simples e restaurantes populares? Ou um ano em algum país tropical, alugando um pequeno apartamento e cozinhando em casa? Talvez esse período pudesse ser estendido para cinco anos, alimentando-se como mendigo e dormindo na rua. Carregaria cadernos de capa dura que iria preen-

chendo enquanto se fingisse de mendigo, até finalmente voltar para seu conforto europeu e contar, em frente a uma garrafa de Bordeaux, como foi sua experiência. Mentiras, mentiras, talvez fosse mais honesto tornar-se um seguidor fiel de Le Banlieusard.

O telefone tocou e quase não atendeu, esperando que fosse Alone. Pouco antes que o último toque soasse, reconheceu o número de Svetlana. Seu coração bateu mais forte. Os símbolos existem para falar das coisas de um jeito que as palavras não dão conta, então, um segundo antes de escutar a voz dela, Romain pensou no cubo. Ele que revelasse algo, que indicasse um caminho, que refletisse alguma imagem-chave, uma imagem-porta, por onde poderia entrar.

Ela queria combinar a ida ao circo no domingo. Se encontrariam no metrô Lamarck-Caulincourt, quase em frente de sua casa, e de lá seguiriam até o circo. Sua voz carregava a doçura de um algodão doce. Enquanto ela falava, imaginou-a criança, girando em uma roda gigante bielorrussa, seus belos olhos fascinados pelas alturas e cores, construindo memórias que durariam para sempre. E que não seriam destruídas nem quando aqueles olhos recebessem socos de cafetões ou clientes violentos, ou quando derramassem rios de água ao se lembrarem que sua filha estava chegando na idade em que ela fora plenamente feliz, e que ela gostaria de estar ao seu lado quando esse momento chegasse para vê-la sorrindo sem suspeitar que aquele encanto era provisório. Nem nesses dias duros, em que a cocaína tornou-a uma escrava, uma máquina de viver o que lhe fosse ordenado, nem quando dois nigerianos a assaltaram e espancaram, deixando-a caída em um chão que começava a ser coberto por flocos de neve, que assim que entravam em contato com seu rosto, avermelhavam-se. Mesmo nesses instantes aquela ida ao circo esteve presente, protegendo-a de si mesma, anestesiando as pontadas mais agudas.

A conversa durou exatamente 57 segundos, e Svetlana despediu-se em italiano: "Ciao, amore". Enquanto seu coração flutuava dentro de um paraíso multicolor, Romain lembrou-se que os estupradores nigerianos, a neve vermelha e mesmo sua ida enquanto criança a um circo, eram criações literárias suas. Muito possivelmente algo parecido poderia ter ocorrido, mas percebeu que já existiam duas Svetlanas, uma real, ou quase, como todos nós, e outra que lutava para entrar dentro de algum de seus futuros livros. Precisaria conviver com as duas, e pelo menos por enquanto, nenhuma delas poderia saber da existência da outra. Romain lembrava-se de uma criança, uma menina, mas não sabia mais de qual delas essa criança era filha. Talvez as duas possuíssem filhas da mesma idade, com o mesmo nome e idênticas.

Então, de repente, um clique: apanhou o cubo e abriu-o, reparou na maneira como ambos os lados refletiam a imagem de seu dedo. A simbologia começava a despir-se. Seu dedo indicador possuía duas imagens. Por que não Svetlana e todo o resto do universo? Após uma segunda observação, encontrou mais duas imagens do mesmo dedo nos outros dois lados do cubo. As coisas começavam a se complicar. Começaram porque logo em seguida percebeu que cada um dos retângulos que compunham a parte interna do cubo também formavam uma imagem de seu dedo. E não era apenas isso, refletiam

também os reflexos de cada imagem imediatamente à sua frente, bem como o conjunto delas. Cada pequeno retângulo de espelho conversava com todos os outros.

Ficava claro que, se aquilo fosse um símbolo, mesmo assim, poderia não possuir qualquer utilidade, porque decifrá-lo poderia ser algo muito distante. Um salto para cima tentando tocar uma estrela. Às vezes é melhor deixar essas coisas de lado e se preocupar apenas com o que é simples. Às vezes, porque em outros casos é melhor saltar em busca da estrela até perder os pés. Viver é fazer essa escolha e suportar os arrependimentos.

Romain passou uma semana arrependendo-se daquilo que ainda não havia acontecido. Quando percebeu isso, a primeira providência foi visitar Shu-Hua, na sexta-feira. Esperou-a do lado de fora da loja de chás. Ela surpreendeu-se com sua presença. Ele percebeu que aquela substância mágica que envolvia seu rosto continuava presente, independentemente da quantidade ou qualidade da luz. Ele disse que havia viajado para ver um emprego em outra cidade, mas que não dera certo. Ela lamentou fechando os olhos e pegando rapidamente em sua mão. Romain percebeu que era muito mais difícil descobrir seu estado de espírito do que com Alone. Com ela o que sentia estava escrito em grandes letras e desenhado. Com Shu-Hua a coisa era muito mais sutil. Lembrou-se das pinturas de Hokusai, nas quais os topos das montanhas sempre terminavam envolvidos por uma névoa que dificultava a visão. Mas a abstenção dos sentidos temporariamente era algo que o encantava. Não sabia se ela havia acreditado em sua história, se desconfiava dele, se estava alegre por revê-lo.

Convidou-a para tomar uma taça em um bar de vinhos. Ela aceitou. Parecia mais calada do que na outra vez, então teve de sustentar uma conversa que acabou lhe custando energias que pretendia gastar observando-a, deduzindo seu mundo interior. Gostaria de falar a verdade, pedir sua opinião. Suspeitou que sua escolha já estivesse feita, e que aquele amarelo pálido que exalava de seu rosto, e que parecia um excesso de vida que não cabia em seu corpo e contaminava aqueles com sensibilidade suficiente para enxergá-lo, de agora em diante habitaria apenas sua memória.

Essa suspeita o assustou e fez com que ele pegasse em sua mão. Ela não recusou, mas seus dedos estavam moles, não retribuíam a carícia. Parecia que para qualquer canto que olhasse enxergaria a mesma cena: seus dedos sendo gentilmente recusados pela mão de Shu-Hua. O cubo espelhado havia feito seus estragos e, de agora em diante, Romain corria o risco de procurar ao redor seus reflexos e caso não os encontrasse; julgar que aquele acontecimento não tinha importância.

Então, assim que soltou seus dedos, percebeu a contradição em que mergulhara. Admirava as montanhas nubladas, mas tornara-se um escravo da imagem. Ela sorriu. Um daqueles momentos em que o Oriente se separa do Ocidente e que pode significar tantas coisas diferentes quanto a palavra amor. Ele fingiu que seus olhos não eram puxados e leu o que estava escrito, sem interpretar palavras ou descobrir metáforas. Também sorriu e pediu mais uma taça. Ela recusou a segunda e com o dedo apontou para o relógio. Ficaram ainda mais alguns minutos no bar, o tempo para ele terminar sua taça. Mas nada

mais aconteceu, os dois estavam distantes e enviavam ao outro sorrisos furta-cor, sem significados.

No domingo, Svetlana o esperava no horário marcado. Ao contrário de Shu-Hua, seu sorriso era fácil como um *best-seller*, e da mesma forma que uma leitura comercial, proporcionou-lhe grande prazer. Ela beijou-o no rosto e após uma rápida decepção, percebeu que esse beijo era perfeitamente adequado para uma visita ao circo. Ela estava alegre, falava bastante, e Romain não conseguiu parar de se lembrar da pequena Svetlana, que com 8 anos se deliciara com o circo levada por seu pai. O tempo havia passado e trazido todas aquelas consequências. Mas agora não era hora para nós na garganta. Precisava retribuir aquela felicidade inocente que jorrava daquela mulher ao seu lado. E ela, a felicidade, brilhava em seus olhos, depois escorria por sua pele, que parecia mais branca e sedosa do que nunca.

O circo era uma imensa tenda listrada com todas as mais vibrantes cores. Havia uma imensa fila, majoritariamente de pais acompanhados por crianças, que a cada poucos segundos recebiam ofertas para comprarem desde comida até brinquedos. O caminho por onde deveriam seguir estava um pouco enlameado por conta da chuva da noite anterior, e Svetlana, que usava sapatos de saltos, segurou no braço de Romain. Ao redor da trilha ficavam os trailers do elenco e da equipe. Havia placas de vários países: Itália, Albânia, Romênia. Em poucos metros quadrados podia-se enxergar as molduras de suas vidas. Uma pequena cozinha, uma cama, muita coisa empilhada e um cheiro de comida que não apenas invadia todo o lar, como escapava pelas janelas e espalhava-se pela longa fila.

Aquilo parecia não interessar a Svetlana, que estava ali apenas pelo que haveria de belo. Mas Romain não pode deixar de reparar em um trailer específico. De dentro dele saiu um anão. Era pequeno como os outros anões que costumava ver na rua. Mas diferenciava-se deles por ser muito velho. Cabelos brancos, rugas, manchas na pele e costas curvadas. Era difícil dizer sua idade, talvez fosse menor do que aparentava. Esse anão estava vestido de cowboy, e montava um pequeno pônei, que estava selado como um cavalo grande. Eles passavam lentamente ao lado da fila, o que despertou o furor de muitas crianças e uma atenção de Romain, que deixou Svetlana sem graça. O anão e seu pônei trotavam lentamente, completamente indiferentes a qualquer interesse que despertassem. Aliás, o que se podia ler na fisionomia do velho anão era um profundo tédio, uma vontade de que tudo aquilo terminasse logo. Sendo que "aquilo" poderia significar muito mais do que apenas o espetáculo circense.

Quando o anão sumiu de vista e Romain voltou os olhos para Svetlana, ela parecia entediada. Desistiu dos comentários que faria a respeito do anão. Subitamente entendeu que aquele tipo de espetáculo, para ela, não tinha nenhum caráter sociológico ou mesmo artístico. Na verdade, ela estava ali justamente para se afastar de espetáculos como aquele, que compunham grande parte de sua vida. Ele comprou algodão doce e com algumas brincadeiras com a imensa bola cor-de-rosa, que grudava em seu rosto. Conseguiu devolver-lhe o sorriso que sumira.

A longa fila foi rapidamente debelada por um sistema profissional que envolvia várias bilheterias. Pouco antes de sua vez, Romain aceitou a oferta de um vendedor magrebino e comprou um ursinho de pelúcia que segurava entre as mãos uma faixa onde se lia "I Love You". Comprou os dois ingressos, que saíram muito mais caros do que imaginava. Mas não se arrependeu de estar ali, nem de haver escolhido estar com Svetlana ao invés de Alone ou Shu-Hua. Carregou o ursinho nas mãos até sentarem-se em suas cadeiras, que eram bem em frente ao picadeiro. Então o entregou a Svetlana.

O efeito foi devastador. Romain nunca imaginou que uma pessoa adulta pudesse ficar tão feliz com tão pouco. Duas sensações imediatamente disputaram entre si e alguns segundos depois, uma delas saiu-se vitoriosa. Temeu que ela, uma alma imatura e superficial, iniciasse com aquele presente barato um vínculo que provavelmente não conseguiria e não desejaria corresponder. Essa foi uma das teses, a derrotada. Quem venceu foi o amor, que escorreu pelos olhos dela, uma alma frágil, mas que só precisava de um empurrão para transformar em bondade e felicidade toda a feiura que a vida lhe oferecera. Uma alma frágil que poderia, se ajudada, transformar-se em uma fortaleza, dentro da qual poderia se abrigar de suas próprias dúvidas e frustrações. Pela primeira vez ele teve a exata noção da beleza daqueles olhos. As lágrimas ajudavam a dissipar os detalhes que não interessavam e o verde dos dois lagos ofereceu-se a ele. Ele poderia nadar, beber água, pescar, poderia até mesmo nomeá-lo "Lago Romain".

O espetáculo começou sem que nenhuma palavra precisasse ser dita. Eles entrelaçaram as mãos e Svetlana manchou de vermelho a bochecha de Romain. Ele não quis olhar para o lado. O apresentador estava à sua frente, e entusiasmado anunciava o programa, mas Romain não conseguia tirar da cabeça o velho cubo espelhado e as experiências que havia feito com seu dedo. Imaginava-o tão fortemente que quase conseguia enxergá-lo. Mas o cubo era maior, tinha o tamanho da jaula de uma das feras. E quando conseguiu enxergar seu interior, nenhuma surpresa. Todos os pequenos retângulos refletiam a imagem de Svetlana.

"Vamos lá..." Romain iniciou assim uma sessão de pensamentos. Desejava chegar a algumas conclusões, as perguntas estavam por toda parte, eram como os restaurantes gregos no Quartier Latin. Precisava de respostas, uma pelo menos, assim poderia suportar a chegada de novas perguntas, que não paravam de ser empilhadas à sua frente. Para chegar a uma resposta, precisava partir de uma pergunta, e elas eram muitas. Decidiu escolher a mais evidente e egoísta: "O que devo fazer de minha vida"?

Dez minutos depois havia roído todas as unhas das mãos, e se preparava para buscar algo que pudesse interromper o raciocínio — uma xícara de chá seria uma ótima desculpa. Conseguiu terminar a xícara sem que ela o conduzisse a recordações que destruiriam por completo sua tentativa de filosofar sobre a própria vida. Mesmo assim, não conseguira sair do lugar. Então decidiu abandonar o assunto e escolher outro, mais genérico. Talvez, retirando-se de cena, conseguisse enxergar mais longe. Lembrou-se de sua teoria das influências, do cubo e seus múltiplos reflexos, e de um homem com quem, ultimamente, não vinha se entendendo muito bem: Bergson, o filósofo do tempo. Seria possível unir os três em uma única teoria?

Talvez. Para Bergson, o tempo era algo muito amarrado à consciência, por isso, assim como ela, era finito. O que importava era a sequência de instantes presentes que se amarram uns aos outros e dentro da qual vivemos nossa sensação de continuidade, e a essa sensação acabamos nominando como vida. Até então, a filosofia de fundo religioso trabalhava com a noção de eternidade. Somos seres eternos, e a morte é apenas uma passagem para que o ser volte a mergulhar dentro do eterno. Ao contrário, Bergson admite a finitude da vida, por isso ressalta a importância de vivermos o instante, que ele chamou de "duração". Para ele esse é nosso único tesouro, e é através dele que construímos a memória. Bergson fala também que pouco usamos uma das mais poderosas ferramentas que possuímos, a intuição. Ela é a chave que abre as portas do tempo. Somente através dela é que conseguimos atravessar níveis de compreensão da realidade, que são vedados aos que tentam fazê-lo utilizando apenas o pensamento lógico.

Se deixarmos Bergson de lado e seguirmos adiante, buscando as sequências e consequências de seu pensamento, vamos perceber que a intuição aliada a essa "fuga do tempo" estão por trás dos processos criativos dos artistas. O cientista que usa a lógica cartesiana para descobrir aquilo que persegue finalmente encontra a tão esperada descoberta quando se deixa levar pela intuição, que provisoriamente o retira dos trilhos do tempo e o coloca em um lugar onde nunca imaginaria estar, e é onde estava aquilo que passou a vida procurando. Se examinarmos também as grandes teorias filosóficas, mesmo a de René Descartes, elas, em algum momento, deixaram de ser cartesianas para serem intuitivas.

Mas esse processo ainda é muito pouco utilizado, vivemos em um mundo dependente dos sentidos, e que pouco aceita aquilo que não pode ser experimentado por eles. Imaginem o uso da intuição e da "fuga do tempo" na educação, um sistema de ensino que, se utilizasse dessas ferramentas e com elas construísse pensadores que pudessem se libertar das amarras sensoriais, e a partir daí atravessar distâncias mentais que os outros levariam muitas vidas para conseguirem.

Os reflexos de seu dedo, e, sobretudo, aqueles imaginados, de muitas Svetlanas, pareciam pertencer a esse mundo. E nele, o que é visto, tem a mesma importância do que é imaginado. A realidade não depende do toque, ou de luz incidindo sobre um objeto. Ela atravessa o universo inteiro em uma fração de segundo, o instante, aquele único momento que se transformará em memória, ele é a realidade mais viva e pulsante que existe. Isso abre um parêntesis sobre realidades menos vivas, mas que também, ao seu modo, são reais. Mas esses parêntesis abertos permanecerão assim; outros que concluam essa ideia e os fechem.

E as influências? Onde se amarram? Dessa vez Romain apelou para uma latinha de cerveja. Bebeu-a lentamente, desviando a mente da necessidade de atingir qualquer alvo. O que já poderia fazer parte do método intuitivo. Então se deitou no sofá e adormeceu. Meia hora depois estava de volta, e com ele, uma ideia: o que era uma influência, senão uma parte de uma consciência que se desprendia de sua criadora, libertava-se do espaço, do tempo, e passava a coabitar outra consciência?

E assim como recebemos novos moradores, partes

de nós vai morar em outros lugares, ou seja, passam a serem refletidas em outros retângulos de espelho.

Romain ficou contente ao perceber como as coisas se relacionam, mas sabia que esse era o primeiro passo de uma maratona. Não sabia se teria fôlego para completar a prova. De qualquer forma, decidiu aproveitar enquanto suas pernas ainda estavam fortes e não lhe faltava ar. Havia uma força social, altamente sensorial, e que desde que a história começou a ser escrita, domina e comanda o mundo. É por ela e em nome dela que se fazem as guerras, as lutas pelo poder, dinheiro; é em nome dela que tentamos conquistar a mulher amada, comprar nossos carros, ler livros para acumular conhecimento. Essa força, até hoje, dominou a humanidade em todas as esferas. Mas ela, além de não ser a única, é uma força menor do que a outra, aquela da intuição.

E a explicação disso pode ser simples. A força intuitiva baseia-se nos mecanismos que constroem a realidade. O comportamento de partículas e todas as outras leis físicas que, mesmo que ainda não sejam completamente conhecidas pela ciência, formam o livro de regras do funcionamento do universo. Por outro lado, a grande força social que comanda nossa civilização tem como base as sensações experimentadas por nossos corpos, o que a transforma em algo bem mais atraente a curto prazo, mas superficial e descartável a longo. Todos os conceitos que hoje em dia se tornaram sagrados para o cidadão universal — democracia, Estado, direitos civis —, tudo isso deriva desse contrato que, antes de ser social, é sensorial.

Mas, ao mesmo tempo em que o mundo sensorial oferece prazeres, ele carrega consigo o contrário disso: as

dores são inevitáveis e estão amarradas ao envelhecimento. A história do homem social é a história da luta do indivíduo contra o tempo. É a história de uma derrota contada a cada novo nascimento. A esperança é uma folha de papel atirada dentro de uma fogueira, que levará uma fração de segundo até ser destruída pelas chamas: esse é o espaço da vida humana. Esse instante tem o tamanho do olhar da mãe para o filho assim que lhe é mostrado pela primeira vez. Assim que deixam a maternidade as chamas já transformaram o papel em memória, e passará o próximo século, se viver bastante, lamentando que já não é mais uma folha de papel que flutua intacta sobre a fogueira.

Romain já ultrapassara a marca dos primeiros cem metros da maratona, faltavam agora 42 quilômetros e 95 metros. Feita a divisão, sensoriais versus intuitivos, ele percebeu o risco que suas conclusões corriam: uma bifurcação em que um caminho leva ao desastre e o outro ao paraíso. Talvez o grande erro filosófico dos últimos 2.500 anos. Para evitar isso, abriu uma segunda latinha de cerveja, marca 1666. Ficou olhando para o número 1, sendo perseguido por três números 6. Descobriu ali uma mensagem cifrada: a plenitude, representada pelo número 1, dividia-se espalhando certezas e perdendo as virtudes de quando era uma, sendo representada pelos três algarismos número 6, coincidentemente o número da besta no imaginário cristão. Mas, assim como algumas frases célebres de Oscar Wilde, o enigma poderia ser lido do final para o começo. A divisão, representada pelos três algarismos bestiais, perseguia a perfeição representada pelo algarismo uno. Velho Testamento de um lado, Novo do outro.

O dualismo é o mais eficiente dos perseguidores. Quando achamos que dele conseguimos escapar, encontramos um espelho onde a imagem espantada do perseguidor nos contempla. Se as bifurcações acontecem, é preciso escolher um caminho em detrimento de outro. E sempre, depois de algum tempo, alguém descobre que parte da verdade está na estrada não escolhida. Há aqueles que dizem que nenhuma estrada é absoluta, e que devemos optar pelo caminho do meio. Mas nele, também, parte da verdade fica para trás. Ele apenas nos força a aceitar que a verdade é inalcançável. Que ela habita a uma distância tão grande, que mesmo se viajássemos a velocidade da luz, quando chegássemos lá, já não mais seríamos aqueles que a buscaram.

Romain decidiu que por hoje aqueles quase duzentos metros percorridos em sua maratona filosófica já estavam de bom tamanho. Ligou a televisão, para que uma ou duas horas de programação imbecil massageassem suas coxas cansadas. Não conseguiu terminar a segunda lata de cerveja. Logo se cansou, desligou a televisão, mas não sentia nenhum sono. Sabia que era nesses momentos vagos que a melancolia costumava vir à tona. Não a queria por perto. Voltou às reflexões filosóficas, apenas para manter-se longe de qualquer gota de tristeza. A pergunta que fez a si mesmo foi: feitas essas primeiras observações, como poderia utilizá-las para melhorar A Laranja Verde? Talvez livros fossem como casas que, depois de terminadas, só no que podemos mexer são em detalhes insignificantes. Grandes modificações implicam em um novo livro. E, talvez, fosse isso o que devesse fazer: desapegar-se do antigo, aprender com os erros e partir para o novo. Ideias não lhe faltavam. Na verdade, esse era o maior problema: elas surgiam a cada instante, e cada uma delas julgava--se mais importante do que a outra. Ainda não era tarde e sentiu uma vontade grande de falar com Svetlana. Então se lembrou que ela deveria estar na boate. Aquilo o entristeceu, e por um instante pensou em ir até lá. Talvez ela gostasse de vê-lo, mas e se estivesse ocupada, ou então, se mesma sozinha, fosse obrigada a fazê-lo consumir bebidas que custavam dez vezes o preço normal? Era melhor esquecê-la por enquanto e telefonar amanhã no final da tarde. Esquecê-la por enquanto ou para sempre? A lógica dizia que o correto seria nunca mais vê-la. Então Romain caminhou pelo apartamento, foi até a sacada e Paris pareceu-lhe triste; o vermelho dos neons eram lágrimas amarradas a gotas de sangue. Ao último raciocínio emendou uma frase em voz mais alta do que o horário permitiria: "Isso já não é mais possível".

Então o telefone tocou, era Alone. Nessa hora Romain preferiria estar recebendo um telefonema de Le Banlieusard convidando-o para cerrar fileiras no Iraque com o Estado Islâmico. Ele não atendeu, mas arrependeu-se. Era melhor contar-lhe toda a verdade: não podia mais viver sem uma prostituta bielorrussa que lhe arrancara 1.100 euros, mais seu relógio, e que provavelmente trabalharia mais alguns anos como puta até ser chutada dali e ter de voltar com umas poucas economias para seu país, onde sobreviveria como manicure ou algo do gênero até morrer abandonada pela filha, em uma manhã fria e cinzenta de um futuro com a mesma temperatura e cores.

Em seguida, ou ele ou Alone desligariam o telefone. Mas ele ligaria novamente para dizer que a parte final da história seria modificada. Assim como fazem os escritores, que se arrependem do final de seus livros, ou aqueles que têm poderes intuitivos sobre o tempo e, prevendo um muito provável desfecho, encaminham-se na direção oposta. Isso mesmo! E seria ele, Romain, o agente de mudança da vida da puta russa (russa, bielorrussa, para Alone as duas coisas não tinham diferença). Ele pedira demissão da editora e juntara mais algum dinheiro que compunham a soma de 11 mil euros, curiosamente dez vezes mais do que ela havia extraído dele quando se conheceram. Mas havia ainda o relógio, talvez um símbolo. Ela então multiplicaria por 10 o tempo que lhe roubaria? Isso não importava. Agora quem iria ouvir seria Alone, e as coisas não precisam ser tão exatas assim quando não somos nós, e sim qualquer outro, a quem nos referimos.

O importante era que ela soubesse que, de alguma maneira, iria investir até o último daqueles 11 mil euros na puta estrangeira. E que isso, se ela não havia percebido, representaria o final completo de qualquer relação com ela. Não responderia mais suas mensagens, não atenderia telefonemas, se algum árabe a ameaçasse de morte, sugeriria que procurasse a polícia ou se mudasse de cidade.

Chegou a discar os dois primeiros dígitos, mas desistiu quando percebeu que não tinha todas as respostas para dar, e mesmo que a relação deles fosse uma múmia, que há muito não respirava, precisava dizer algo, identificar culpas... Foi quando notou que, apesar de se achar imune ao pensamento judaico-cristão, ele ainda pulsava sob sua pele. E talvez fosse a principal razão a fazê-lo desprezar a razão, e entregar-se a Svetlana. Maria Madalena merecia ser perdoada. Ela mesma iria arrepender-

-se de seus pecados e retornar ao caminho da virtude, e a melhor maneira de fazer isso seria unir-se a um cristão.

Esse devaneio pareceu-lhe bastante sólido e difícil de ser rebatido. Então a filosofia voltou à tona: diante de uma possível confirmação dessa suspeita, só havia duas atitudes a serem tomadas: ou ele eliminava de vez qualquer resquício judaico-cristão que circulava por sua corrente sanguínea, ou então assumia essa condição sem tentar negá-la ou escondê-la.

Em uma rápida pesquisa, descobriu que Maria Madalena era santa e, justamente, a protetora dos pecadores arrependidos. Mas, nessa bifurcação, não pairavam dúvidas: Romain desejava a liberdade, nada dever a ninguém, sem culpas, sem santos ou deuses e, sobretudo, sem Deus. Aceitava sua condição de micróbio do universo e até encontrava nela a semente para muita poesia.

Os minutos passaram e tornaram uma visita a Svetlana algo inviável. Entretanto, sua imaginação a acompanhava: com quem ela estaria? Poderia ligar, mas se estivesse ocupada não atenderia. Mas se não atendesse, uma série de outras portas seriam abertas e só se fechariam quando, com o sol nascendo, o sono o levasse embora. E mesmo assim, as portas poderiam continuar abrindo-se e fechando-se durante o sono.

Tentou desviar o pensamento, lembrou-se de Shu-Hua e da substância mágica que envolvia seu rosto. Mas desde a ida ao circo no domingo, aquela substância parecia haver perdido parte do encanto. O cubo. Ele poderia ser um bom companheiro em momentos como esse. Com ele em mãos, reparou novamente nos reflexos, que se espalhavam por muitos cantos. Uma ideia refletiu ali e depois em seu sorriso. E se escrevesse um livro que fosse

como aquele cubo? Cada parte um todo, e todas elas, as pequenas imagens, além de cada uma das outras, também conjuntos delas, o todo — e por que não o todo sendo apenas uma parte? Como o multiverso, muitos universos grandes como o nosso sendo apenas mais um, em um rio sem fim de novos universos, ou nosso universo sendo um átomo em universos de grandezas inconcebíveis.

O livro deveria contemplar o universo quântico, com os inexplicáveis comportamentos de partículas, e estender-se até o mar eterno, que também é rio, onde movimento e ausência de movimento acontecem simultaneamente, e onde repousam e navegam universos de todos os tamanhos, consistências, níveis de desenvolvimento e consciência, comprometimentos ou não com o tempo e infinitas outras características que existem em alguns e são completamente desconhecidas em outros. Mas não é só isso: esse livro deverá contemplar as relações entre todas essas realidades, entre consciências de todos os pesos e profundidades, deverá explorar a fundo cada uma das riquezas e descobrir sombras e influências entre os mais distantes pontos existentes. Mesmo aqueles que ainda não pertencem àquilo que conhecemos como espaço.

Era a terceira vez em poucos dias que Romain apaixonava-se, e assim como acontecera com Shu-Hua e Svetlana, ele não temia desfechos negativos. Amava dentro do instante, e isso era suficiente. Sorria para si mesmo. Um segredo originado no cubo e guardado dentro de si mesmo. Seu mapa do tesouro secreto. Poderia passar a vida procurando e nada encontrar. Mas qual o problema? Nenhum. Mesmo assim seria vitorioso. Foi até a varanda e deu uma boa olhada para os prédios parecidos com o seu. Imaginou de que maneira as vidas aconteciam naquele instante dentro daqueles milhares de apartamentos. A mediocridade comandava o mundo, o instante era vivido de maneira banal e não era consciente de si mesmo e de sua relação com o já e o ainda não acontecido. E ele poderia sonhar em escrever algo sobre como tudo o que é, de fato, é. Sem preocupações realistas, apenas banhando sua consciência nas águas do tudo. E mesmo se apenas escutasse o distante ruído delas, sem nada ver ou compreender. Mesmo assim, derramou duas lágrimas e uma frase: "Vou... já estou... é tudo exato... um grande fardo doce... privilégio".

Romain sentou-se no chão e chorou como nunca. Depois, com as luzes apagadas, permaneceu em silêncio, sentindo as lágrimas secarem. A noite fria foi cortada por uma brisa que moveu o topo das castanheiras e sacudiu as plantas de muitas sacadas. Um silêncio raro se espalhava pelas ruas próximas, e dois pombos dormiam confortavelmente alojados em esculturas de sílfides que seguravam nos ombros colunas de pedra. O relógio de parede indicava com seus ruídos que, de alguma maneira, para cada individuo era peculiar o tempo, esse mistério transferia-se de um lugar para outro. Indiferente a tudo, e ao mesmo tempo, ciente de tudo, duas brasas ardentes queimavam o chão do apartamento. Eram dois restos de uma erupção que permaneciam vivos, gerando calor, luminosidade, e por que não, em breve, novos vulcões. Se alguém nesse instante entrasse no apartamento e acendesse as luzes, as brasas instantaneamente desapareceriam, mas o invasor perceberia que elas se localizavam no exato lugar onde estão os olhos de Romain.

Assim que acordou, Romain anotou em um cader-

no aquilo que se lembrava sobre as ideias que tivera a respeito do novo livro que pretendia escrever. Seu entusiasmo não arrefecera, ao contrário, sentia que tudo estava ao seu alcance, o universo conspirava em favor de seus mínimos desejos. Depois se lembrou de momentos não muito distantes no tempo em que sentira exatamente o contrário. Aquele ser frágil, após alguns acontecimentos, transformara-se nessa máquina de viver, que era como se sentia naquela manhã.

Era muito bom ser jovem, mas melhor ainda era, jovem, haver construído um objetivo ambicioso e deliciar-se com cada tijolo que seria colocado em suas paredes. Precisava do contato humano. Ainda antes do almoço ligou para Svetlana, ela não atendeu. Lembrou-se que normalmente ela dormia até às duas da tarde. Pensou em Shu-Hua, mas dessa vez precisava de alguém que o entendesse perfeitamente, pelo menos no idioma que falava. Alone era carta fora do baralho. Pegou um caderno, caneta e foi almoçar no restaurante curdo. Depois da refeição, sentou-se em uma praça e tentou organizar as ideias de ontem: deve haver uma espécie de fio secreto e invisível, que amarra todas as realidades. Esse fio se adapta às especificidades de cada universo, transforma-se nele, e muda sempre que ele, o universo, muda. A ciência sempre imaginou que havia uma variável que cumpria esse papel de unir tudo o que existe. Mas nunca a considerou mutável, é por isso que as contas nunca fechavam no final.

A teoria quântica nunca pode ser amarrada à teoria da relatividade, e quando aconteceram tentativas de fazer isso, existiu a necessidade da criação de dimensões apenas para fazer com que as engrenagens se encaixassem. Não que aquelas 11 dimensões não existam de fato cada uma delas, e o número 11 é tão real quanto o 1.100 (número que, aliás, conheço bem), poderiam ser desdobradas em outras 11, e assim por diante até o infinito. O jogo de reflexos real não cabe em palavras, e nem mesmo em números. Os reflexos precisam ser intuídos e não compreendidos. Nossas mentes precisam aprender a saborear comida com o olfato. Se tudo o que nos desperta desejo e curiosidade precisar ser devorado e digerido, nossa capacidade de processamento e aprendizado da realidade torna-se muito pequena. Ao mesmo tempo, podemos, em apenas um instante, imaginar que devoramos todos os bois que existem e já existiram no planeta. O mesmo vale para a compreensão da realidade: precisamos de grandes atalhos, caso contrário, nosso limitado cérebro, a incipiente tecnologia, e o infinitamente curto espaço de tempo de que dispomos não serão suficientes para nada. Continuaremos tentando destruir montanhas com espadas ou arremessar pedras na lua. Essa é a origem dos mitos. Ela está ligada a um pensamento que considera que, no ventre daquilo que é desconhecido, existem embriões que se parecem conosco. Mas eles não se parecem. Eles podem nem ao menos ter uma aparência. Os universos e as realidades escondidas são mais estranhos e mutáveis do que aparentam.

A mudança também é um reflexo, e espalha-se deixando rastros que têm muitas e nenhuma aparência. E cada uma dessas forças também possui o seu exato oposto, e cada exato oposto, suas sombras e consequências. Além disso, para nós, seres conscientes, com muitos graus diferentes de consciência, há uma bifurcação que fica evidente: o mundo físico e o mental. E, ao contrá-

rio do que possa parecer, não há qualquer supremacia de um sobre o outro. O que há é complemento, oposto e reflexo. E a consciência, que estando ciente da própria existência, e percebendo que ainda há um longo caminho evolutivo pela frente, deve atentar para essa pluralidade, e afastar-se dos dogmas limitadores. Para o homem que deseja, nas palavras de Sócrates, "elevar-se sobre seus móveis", cabe estar atento ao mundo que nasce quando nossos olhos se fecham. Ali está a porta de entrada para os atalhos. Mas não basta viver no mundo dos sonhos, é preciso trazê-los para a vigília, adaptá-los, traduzi-los para a linguagem dos acordados. Não há paraísos ou infernos, todos carregam dentro de si essas duas possibilidades. Podemos arrastar pesadelos para o meio-dia, e vivenciá-los com direito a todos os sustos e surpresas.

Somos todos tão tolos, mas apenas os tolos curiosos sobreviverão.

Romain encheu quatro páginas de seu caderno com essas reflexões e depois passou mais duas horas pensando, sem nada anotar. Quando percebeu eram quase seis da tarde, uma boa hora para ligar para Svetlana. Ela atendeu, foi atenciosa, mas a alegria do circo desaparecera. Parecia carregar um fardo pesado. A muito custo aceitou encontrar-se com ele no mesmo café de sempre, ao lado da boate. Enquanto a esperava, ele pensou em todas as possibilidades: ela poderia ser casada, ou ter um namorado. Poderia simplesmente não querer mais vê-lo, poderia estar grávida, ter alguma doença transmissível, ter de voltar para a Bielorrússia. Poderia precisar desesperadamente de dinheiro e como havia se afeiçoado a ele, ficava constrangida em pedir. Poderia não estar afeiçoada a ele,

mas ter percebido que ele não tinha muito dinheiro e por isso não queria levar nada adiante.

Cada uma dessas possibilidades acabava baseando-se em alguma atitude dela, mas depois outra palavra ou atitude acabava desmentindo-a. E elas foram se alternando, até que percebeu que as primeiras possibilidades começavam a reaparecer. Iniciava-se um segundo turno de temores. Foi nesse instante em que ela apareceu. Estava linda, mas excessivamente maquiada. Fazia força para demonstrar uma alegria que não existia. Ele ofereceu uma bebida, comida, ela nada quis. Teria de trabalhar até tarde. Foi quando percebeu algo que o lembrou de Shu-Hua, aquela substância mágica, feita de cor e profundidade que costumava envolver o rosto da chinesa, parecia presente também em Svetlana. Mas a substância era pesada, escura, um fardo quase impossível de carregar.

Romain notou que meias-palavras, meias-verdades e sombras de nada adiantariam, precisava de luzes que iluminassem diretamente os dois. Estava claro: essas luzes também criariam sombras, mas essas sombras não precisariam ser descritas aqui. E mais do que tudo, Romain precisava falar: "não, não vou mais interpretar. Não precisa fingir nada. Se está triste pode chorar. Não aguento mais perder tempo com... Não sei, a gente, eu, você, o mundo todo, perdemos muito tempo com bobagens, a felicidade não é uma coisa tão difícil assim e, depois, se não der para sermos felizes, não vamos nos tornar infelizes por causa disso, né?"

Ela entrelaçou os dedos com os seus, como fizera no circo.

"Minha vida é muito difícil, eu não aguento mais, mereço coisa melhor..."

"O teu olho... Aquele dia..."

"Aquele romeno sujo para quem você deu o dinheiro... no final da noite... tentou me atacar, disse que não, e..."

"Tenho dinheiro, não muito... Mas... Não tenho nada que me prenda a Paris, nenhum compromisso, nada..."

"Você merece uma boa moça..."

"Você é uma boa moça."

"Eu sou uma puta."

"Era, não é mais."

Ela sorriu. Sua alma parecia careada, puída, uma beleza prestes a se romper e revelar o conteúdo medonho que escondia.

"Meu horário, preciso entrar..."

"Você não vai entrar ali. Se for, vou junto e mato o romeno..."

Essas palavras sopraram vida na fisionomia de Svetlana. A substância que envolvia seu rosto clareou-se, não ao ponto de parecer-se com aquela de Shu-Hua, mas havia uma mistura de vermelho com um verde viscoso. Ela sorriu, e nesse instante ninguém diria que algum dia aquela bela mulher iria envelhecer e morrer.

"Eu te agradeço, querido, mas esse não é um problema seu, é meu."

"É nosso... Seu passaporte, eles estão com ele?"

"Não, tá comigo no meu quarto, por quê?"

"Esse era meu único medo. Bom, então tá tudo resolvido! Preciso de uns dois ou três dias para vender umas coisas, devolver meu apartamento, e pronto, partimos..."

Ela abriu um grande sorriso incrédulo, parecido com

o das crianças que são surpreendidas pelo presente com o qual sonhavam .

"Partimos para onde?"

"Pra onde você quiser! Ou então fazemos melhor: vamos até uma estação de trem, e lá escolhemos, ou então fechamos os olhos e apontamos para uma destinação... O que acha?"

"E vamos viver do quê?"

"Eu tenho algum dinheiro. Quando acabar podemos trabalhar, serviço temporário, estações de esqui no inverno, *resorts* no verão, damos um jeito... E então, a única coisa que preciso é de um sim..."

Romain voltou a escrever a respeito de seu futuro livro: o livro não deve ser escrito em nenhuma pessoa específica, mas em todas. Isso não significa que deve ser escrito parte em primeira, parte em terceira pessoa, mas quem descreve deve ser um pouco de todos nós, e também o contrário de cada um. Narradores possuem sombras, que normalmente ficam escondidas entre parágrafos, mas exercem influência sobre os destinos de personagens. Em meu livro as sombras devem ficar aparentes, dificultando e confundindo a leitura dos parágrafos seguintes. As certezas de narrador e personagem devem ser amolecidas por suas influências. Além disso, ninguém deve merecer confiança; tudo o que o livro conterá é objeto em constante mudança, como neve derretida que se transformará em chuva. Por isso, todos os dogmas apresentados, e não há razão para escondê-los, são apenas a casca de uma semente, que poderá encobrir qualquer realidade. E mesmo aquilo que é originado pela semente não é aquilo que aparenta.

O livro não deve responder a qualquer pergunta.

Mas isso não significa que algumas tentativas de respostas não possam aparecer. O placebo é importante, e não há livro escrito sem que haja placebo. A espera por uma planta que não germinará é uma boa parte da história humana. Não há livros sem humanidade. Mesmo que não haja mulheres ou homens, a humanidade estará presente. As meras tentativas de fuga e quebras de parâmetro, sem que haja nenhuma razão concreta para quebrá-los, resultam em má literatura. E mesmo em grandes livros, nada é, de fato, quebrado. A história está lá, e precisa ser contada para aqueles que desejam ouvi-la, para que saibam que não estão sozinhos no mundo, e há gente que vive as mesmas dúvidas que eles.

O telefone tocou interrompendo os pensamentos. Olhou o número antes de atender. Era Svetlana: "Escute apenas, depois te explico. Não posso falar agora. Preciso que esteja hoje às seis da tarde no mesmo café de sempre. Preciso que você leve um martelo. Isso mesmo que ouviu, um martelo. Depois te explico".

Disse isso e desligou. Ele passou meia hora com o telefone ainda nas mãos tentando interpretar o telefonema. Pensou em dar um tempo e telefoná-la em busca de pistas. Ela havia sido clara e não parecia estar brincando. Mas o martelo o inquietava. Atacaria alguém? Às vezes criamos fantasmas, atribuímos a eles aparências, rotinas e hábitos e, quando os encontramos, eles derretem instantaneamente e se transformam em uma janela que bate, ou em um gato que passeia pelo telhado. Ela poderia simplesmente precisar pregar algo em seu apartamento.

O dia demorou a passar e Romain fez de tudo para não ser engolido pelo monstro das suposições. Tentou voltar ao caderno com ideias sobre o livro, mas a concentração havia ido embora. Em uma caixa de ferramentas encontrou seu martelo. Imediatamente imaginou-se em frente a um comissário de polícia, que lhe mostrava aquele martelo dentro de um saco plástico transparente. A ponta de ferro tinha alguns fios de cabelos grudados e o cabo parecia manchado por um líquido vermelho escuro. Então o comissário lhe perguntaria se conhecia alguma Helena. Assim que negasse lhe mostraria uma fotografia: a de Svetlana. Helena era seu verdadeiro nome, e ele estava sendo acusado de cumplicidade em um assassinato.

Precisou dissolver imediatamente esse episódio, caso contrário as dúvidas sobre ir ao encontro começariam a se avolumar. Guardou o martelo dentro de uma sacola plástica e ficou esperando o horário de partida. Ele demorou, e durante esse período ainda recebeu duas visitas do mesmo inspetor, que tinha o rosto de Lino Ventura, ator que nos anos 1960 e 1970 interpretou muitos papéis de policial no cinema francês.

Chegou ao café vinte minutos antes do horário marcado, preparado para uma longa espera. Pensou em cerveja, mas pediu café. Na noite anterior, quando fez o convite a Svetlana, ela nada respondera, parecia nem ao menos considerar a hipótese que ele propunha. Ele mesmo, agora, já não tinha certeza de que aquele convite havia sido algo muito inteligente. Ainda mais agora, quando as ideias para o novo livro começavam a alinhar-se. Talvez lhe entregasse o martelo, tomariam um café juntos, interpretaria o papel do homem bom, que não tem interesses, e ela, talvez, retribuísse o afeto fornecendo-lhe sexo a preço de

custo. Tudo parecia perfeito. A única peça que se recusava a encaixar-se no quebra-cabeça era o martelo.

Ela chegou no exato horário marcado. Parecia alegre, sem maquiagem, Romain conseguiu enxergar restos de sua fisionomia de menina. Eles ainda estavam lá. Várias camadas se sobrepunham, como em uma escavação arqueológica. Viu a pré-adolescente, a adolescente, a jovem adulta na faixa dos 22 anos, a mulher que se aproximava dos 30, mas viu também páginas ainda não escritas, esboços da mulher de 40, algumas linhas da de 50, e até uma sombra frágil de uma velha pouco antes de morrer. Todas elas estavam lá, pedindo para existirem. Mas, por enquanto, a mulher de quase 30 é quem está no comando.

Ela beijou-o no rosto, próximo aos lábios, e a primeira palavra que pronunciou foi: martelo. Ele entregou-o e ela guardou em uma sacola. Romain exigiria explicações, mas ainda sentia no canto dos lábios a força de seu beijo. Então, sem saber o que dizer, fez uma pergunta que detestava escutar, que todas as vezes que alguma mulher lhe fazia, chateava-o e diminuía o interesse em relação a ela. A pergunta era: como foi o seu dia? Lembrou-se de uma vez que respondeu assim: por que deseja saber como foi esse específico dia, e não tem nenhuma curiosidade sobre os outros milhares que o antecederam?

Mas ela não pareceu abalar-se com a questão, pelo contrário, entrelaçou seus dedos aos dele e pelo ar que tomou, fez parecer que iniciaria uma minuciosa descrição. Mas a resposta não foi longa: "tratei de devolver meu quarto e vender as coisas que não vou mais precisar". Romain procurou não demonstrar, com sua fisionomia, nada do que sentia internamente, técnica que aprimorou bastan-

te durante a curta convivência com os artistas da periferia. Depois, ainda sem dizer uma palavra, lembrou-se de que a culpa era inteiramente sua, e que mais importante do que a fisionomia, seria a tonalidade de voz que seria empregada na primeira palavra que pronunciasse.

"Quer dizer que..."
"Sim "

Ele a beijou, e durante o beijo, teve de dividir-se entre o prazer que experimentava, e um plano para escapar dessa situação.

Ela disse que estava com fome e queria comer alguma coisa, mas não naquele lugar. Atravessaram a rua, ela sugeriu um bistrô genuíno. Nada de turistas, e com muitos pratos feitos à moda antiga. Enquanto ela olhava o cardápio, o telefone dele vibrou: era Alone. Sem que ela percebesse, desligou o aparelho. Depois, ficou contemplando sua beleza e admirando o interesse em escolher um prato especial, que marcaria um reinício de vida. Foi então que Romain começou a amolecer. Pediu uma garrafa de Bordeaux. Não precisava de planos para enrolá-la, preferia mergulhar na mesma piscina feita de cores e prazeres.

Beberam uma taça, e Romain pediu para que ela escolhesse logo o prato porque senão chegaria atrasada na boate. Não havia mais boate. Ela se demitira. Estava livre. Romain sentiu-se como se estivesse em uma estação e, enquanto assistia à partida de um trem, que desconhecia o destino, enxergava pela janela uma mão. Não sabia a quem pertencia essa mão, que por estar enluvada, não revelava nem ao menos o sexo do proprietário. E ela sinalizava para que ele entrasse, que viesse participar daquela viagem. Ele então ignora seus compromissos, horários e até mesmo

quem é, e embarca naquele trem que desconhece para onde vai, apenas para obedecer a uma mão misteriosa.

Pediram dois bifes Bourguignon que, misturados ao tinto, trouxeram uma quase felicidade. Ele ainda desviava dos assuntos práticos, ela deixou-o livre, mas seus poderosos olhos verdes pediam sutilmente para que ele começasse a desembrulhar o presente. Depois de um grande gole, rasgou os papeis que encobriam o mistério: "Então, vamos mergulhar no mundo"?

Nesse instante, a mulher de quase 30 e todas aquelas que a sucederiam desapareceram. Romain só conseguiu enxergar infância e juventude misturadas, brilhando e sonhando, escorrendo por olhos que, naquele momento, pareceram eternos. Respondeu à pergunta, como fariam todas elas, as crianças, as adolescentes, umas falando com as vozes das outras, ainda confusas e muito ansiosas; "Sim, vamos mergulhar... Sim, vou, você, tô tão feliz, é a primeira vez que... Não sei...".

Ele decidiu poupá-la, beijou-a, depois do beijo, por uns bons minutos só se ouviram os ruídos da refeição. Ela parecia estar recobrando o fôlego, chamando de volta a mulher de quase 30. E ela não demorou a vir: "é uma chance que tenho de não ser mais o que era, de me tornar algo diferente...". Romain percebeu que para aquela ocasião só existia uma frase, e pronunciou-a: "é uma chance para nos tornarmos algo diferente...". Quando olhou para o lado, quem Romain viu foi a menina de 7 anos que acabara de receber de aniversário o presente com o qual sonhava. Ele sabia que em casos como esse, a única atitude a tomar é compartilhar da alegria infantil, fingindo que ela durará para sempre. E foi o que fizeram.

Depois do jantar, saíram do restaurante de mãos dadas e Svetlana pediu que ele a acompanhasse até um lugar. Ela voltou até perto da boate e, assim que avistou um Renault Twingo branco, sacou o martelo e começou a quebrar os vidros. O alarme do veículo disparou, mas ela ainda teve tempo de desferir algumas marteladas na lataria. Ela o puxou pela mão e eles correram por três quadras. Entraram em uma estação de metrô e sentaram-se em uma pequena lanchonete. Ela pediu um refrigerante e, enquanto recobrava o fôlego, explicou que aquele era o carro do romeno. Que aquele homem era um lixo humano. Já lhe batera várias vezes e ela desconfiava que uma compatriota sua tinha sido assassinada por ele. Não tinha provas, mas sua amiga simplesmente desaparecera. E a família dela dizia que perdera o contato com ela. Devolveu-lhe o martelo, mas ele pediu que ela guardasse em sua sacola.

Antes de despedirem-se, ela lhe disse que só continuaria por mais dois dias com seu quarto e então precisaria devolvê-lo. "Não se preocupe, vamos dar um jeito. Ou você vem pro meu apartamento, ou então partimos antes disso." Quem beijou Romain foi a moça de 15 anos que descobre no amado a perfeita harmonia do universo e o único caminho para a felicidade.

Dentro do vagão do metrô, Romain percebeu que ele mesmo criara vínculos que não desejava criá-los, e que seriam extremamente difíceis de serem desfeitos. Mas, como seus vínculos anteriores estavam todos se desfazendo, talvez a experiência pudesse ser interessante. Na verdade, poderia fazer exatamente o mesmo: perder-se pelo mundo, sozinho, o que aumentaria sua mobilidade, as possibilidades de novas experiências e

diminuiria os custos. Mas agora não tinha jeito, precisaria encher-se de entusiasmo, sugar um pouco do entusiasmo dela e seguir adiante.

Chegando em casa, recorreu a um velho globo dos tempos de estudante. Girou várias vezes de olhos fechados apontando com o dedo, Malásia, Brasil, Nicarágua, Uganda, esses foram os destinos escolhidos pelo acaso. Na verdade, com o dinheiro que tinha, não poderia se dar ao luxo de ficar em hotéis por muito tempo, principalmente na Europa. Abriu seu armário e encontrou a velha mochila que já usara em algumas viagens. Talvez devesse comprar uma para ela, e também uma barraca para poderem acampar sempre que fosse possível. E aquela ideia de, quando o dinheiro acabasse, trabalharem em serviços temporários, aquilo não era assim tão fácil. Talvez a melhor maneira fosse ela sair por uma noite, e voltar com duas notas de cem euros. Enquanto isso, ele descansaria e assistiria televisão em um pequeno hotel à beira-mar. Esse seria um belo capítulo biográfico para um escritor: ser sustentado por uma puta em algum balneário paradisíaco.

O que diria a seus pais? Trabalho no exterior, pesquisa para algum jornal ou editora. Uma ou duas ligações por mês e a questão familiar estaria resolvida. Tudo se encaixava perfeitamente. Talvez essa viagem lhe reservasse as doces surpresas que tanto esperava. Agora foi ele quem olhou para o espelho e viu o menino de dez anos que acaba de saber que passou de ano e as férias apenas começaram. Precisava ser prático, tratar de vender seus móveis e devolver o apartamento. A mochila e Svetlana, suas companheiras de agora em diante. Seus originais e alguns livros guardaria na casa dos pais. Para escrever,

um caderno de capa dura; o novo livro nasceria à moda antiga. E Alone, lhe diria alguma coisa? Talvez fosse melhor apenas se livrar do celular que continha Alone dentro. Feito isso, ela desapareceria, e dentro de mais algumas semanas, encontraria outra pessoa e o esqueceria.

Mas por onde começaria? França? Outro país? Deveria haver uma direção pela qual seguiriam? Haveria um objetivo ou um sentido na viagem? Romain lembrou-se de um documentário que assistira sobre uma imensa ilha feita de dejetos plásticos, muitas vezes maior do que a França, que se formou no Oceano Índico. Garrafas, sacos plásticos, lixo de toda a ordem é levado para lá pelas correntezas. Ele e Svetlana eram duas garrafas PET, prontas para serem jogadas no oceano, uma viagem sem rumo que poderia terminar em um imenso depósito de lixo flutuante.

Acordou cedo e foi se ocupar da venda de seus móveis. Conseguiu um pouco menos do que esperava e decidiu guardar a televisão, juntamente com seus porta-retratos, na casa dos pais. Avisou o proprietário de que precisaria deixar o apartamento imediatamente; um emprego no Líbano, foi o que disse. Antes das três da tarde já tinha tudo resolvido. Decidiu passear por Paris, talvez pela última vez em muito tempo. Caminhou pelo Boulevard Saint-Michel, onde encontrou Félix, seu antigo professor, trocaram algumas palavras e Romain, que nem era tão íntimo dele, contou-lhe sobre a aventura que estava prestes a iniciar. Sentaram-se para um café. Romain não escondeu nada, a profissão de Svetlana, os propósitos ou a falta deles, a vontade de escrever seu melhor livro, esperava a opinião isenta de um homem

mais velho. Talvez uma reprimenda, ou pelo menos o conselho de que deveria ir com menos sede ao pote. O que veio, depois de um silêncio constrangedor, foi apenas uma palavra: inveja. Aluno e professor se despediram, e Romain continuou a caminhada até o Jardim de Luxemburgo. O dia estava frio, mas exalava uma beleza de causar inveja. E foi essa palavra, pronunciada por seu professor, que iluminou e pintou de cores ainda mais vivas tudo o que acontecia ao redor. Os pequenos veleiros a controle remoto, que singravam as águas de uma das fontes do Jardim, nunca encontrariam as ilhas de lixo do Oceano Índico. Nunca ultrapassariam as curtas margens de pedra da fonte arredondada. Terminados os domingos, suas águas repousariam silenciosas e escuras.

Essa era, também, uma maneira de viver: uma casa no campo ou em uma cidade pequena, um trabalho tranquilo, mesmo que repetitivo, a devoção à rotina. Talvez Félix estivesse cheio das águas da fonte do Jardim de Luxemburgo, não suportasse mais pequenos barcos sem tripulação ou risco, mas principalmente, e daí veio o silêncio e o tom melancólico na voz, julgava ser tarde para ele, um oceano agitado, os riscos dos mares e o cheiro de vida que de lá exalam. A tarde foi caindo e os últimos pais se ocupavam de recolher os barcos dos filhos.

Romain olhou no relógio e percebeu que, se se apressasse, poderia chegar na Galeria Vivienne antes de Shu-Hua sair. Entrou na galeria faltando cinco minutos para as seis da tarde. Ela atendia um freguês e Romain decidiu esperar do lado de fora. Reparou na atenção que dispensava ao homem que comprava seus chás. Talvez, se ele a convidasse para comer em um restaurante cur-

do, ela também aceitasse, e se a beijasse de surpresa na entrada do metrô, nada diria, não se revoltaria. Aquela substância mágica que costumava envolver seu rosto podia não passar de coisa de sua cabeça. Mas, mesmo que existisse, agora se transformaria em memória. Caminhou alguns passos para longe da vitrine.

Aquele encontro não teria sentido. O que diria? Saiu apressado da galeria, sua vida mudara. Se tivesse escolhido Shu-Hua teria águas pacíficas, talvez não como as da fonte do Jardim de Luxemburgo, mas como as de um lago tranquilo, que aceita sem reclamar todas as noites que o encobrirão. Assim que deu os primeiros passos para fora da galeria, seu telefone tocou. Sem mesmo olhar para o número, já sabia quem era. Os sinais estavam ficando mais claros, os símbolos começavam a se desenhar: primeiro Félix, dizendo que o invejava, depois Shu-Hua ocupada, atendendo outro homem, e agora Svetlana, aparecendo no exato instante em que deixa para trás outra possibilidade de destino. Não havia mais volta. E essa frase nem sempre é tão ruim quanto parece.

Ela estava com 12 ou 13 anos, uma alegria que em breve derreteria as ondas de rádio que a transmitiam. Queria encontrá-lo no dia seguinte. Ocupava-se de vender alguns móveis velhos pelos quais recebeu quase nada. Estava preocupada com o frio, que parecia aumentar a cada dia. Teria apenas mais uma noite em seu quarto, depois, outra pessoa o ocuparia. Romain disse que precisariam fazer algumas compras: uma mochila para ela, algumas roupas de frio, uma barraca. Essa última palavra pronunciou como se estivesse pisando em ovos, com medo de que ela se assustasse. Ao contrário,

a alegria apenas aumentou, e a menina de 12 anos deu lugar a uma de 9. Ela perguntou qual seria a primeira parada. Ele respondeu que iriam viajar amanhã, então ainda era muito cedo para se preocupar com esse tipo de detalhe. Ela pareceu levar a resposta a sério, o que por alguns segundos deixou Romain um pouco preocupado.

Voltou para o apartamento para viver a última noite de sua velha vida. Tentou pensar em uma primeira parada, mas acabou concordando consigo mesmo e entendendo Svetlana: era muito cedo para isso. Depois, colocou sobre a cama tudo o que iria levar, suas roupas cabiam dentro da mochila, mas tentaria improvisar um lugar para o cubo. Deveria ser bem no centro da mochila, protegido por roupas de um jeito que, por mais que fosse jogada de um lado para o outro, o cubo permanecesse intacto. Conseguiu. O cubo era o centro, protegido de todas as intempéries. Também improvisou um saco plástico para abrigar seu caderno e canetas e adicionou uma luz que se prendia a uma bandana, em caso de querer escrever à noite.

Decidiu que levaria também um livro consigo. Apenas um, que depois de lido, poderia ser abandonado pelo caminho. Após muita indecisão, escolheu *La Vouivre*, de Marcel Aymé. Não havia lido, mas conhecia a lenda das Vouivres, uma espécie de sereia dos pântanos franceses. Essas figuras mitológicas eram belas mulheres imortais, que tinham por hábito se banharem em lagos e deixavam nas bordas seus vestidos e um grande rubi vermelho de valor inestimável, que costumavam carregar na cabeça. Quando alguém o encontrava e o pegava para si, era imediatamente atacado por centenas de cobras que o devoravam. Havia várias versões dessa lenda, algumas

diziam que os cabelos da Vouivre eram feitos de cobras, outras que ela emitia um som que despertava a ira das serpentes. Essas lendas populares foram interpretadas por folcloristas, escritores, psicanalistas, muita coisa foi escrita sobre o significado oculto por trás da história. A explicação mais clássica fala da cobiça por dinheiro e de suas inevitáveis consequências. Mas há outras, sobre o tesouro que representa a condição de ser um mortal, diante do tédio da eternidade.

Romain esboçou um sorriso. Poderia usar Svetlana como Vouivre, deixá-la banhando-se nua em algum lago de uma região rural e pouco visitada por turistas, encontrar algum falso rubi do tamanho de uma laranja e depois filmar tudo e postar em sites de compartilhamento de vídeos. Depois o sorriso murchou, outra ideia abriu asas escuras sobre a anterior: não seria Svetlana, a sua maneira, uma Vouivre? O rubi, em seu caso, pertencia aos outros. Ele mesmo havia pago 1.100 euros em pedras preciosas. E agora, mesmo com a história invertida, era chegada a hora das serpentes, então ela desapareceria dentro de algum lago até vir à tona novamente, em busca de um novo rubi.

Bobagens. Enfiou o livro dentro da mochila e percebeu que não poderia se dar ao luxo de criar problemas inexistentes. O telefone tocou, Svetlana queria combinar horários para o dia seguinte. Ficaram de se encontrar em frente a uma loja de equipamentos para *camping*. Ela anotou o endereço e depois de uma pausa disse uma frase que Romain custou a interpretar: "Estou muito orgulhosa de você". Então desligou. Romain achou que uma frase dessas poderia facilmente ser pronunciada por uma Vouivre,

no momento anterior àquele em que ordena o ataque de suas serpentes. Mas agora já estava dentro do barril e o rio se aproximava das grandes quedas, as coisas mudariam rapidamente. E foi o que aconteceu.

Pela manhã encontrou-a sorridente diante do endereço combinado. Ela arrastava uma imensa mala de rodinhas. Compraram a mochila, algumas roupas e a barraca. Depois foram almoçar em um restaurante russo. Ela sorria muito e fez questão de ser fotografada diante de quase todos os itens da decoração. Em seguida foram até o apartamento de Romain e arrumaram tudo: parte das roupas dela e a mala com rodinhas precisaram ser abandonadas dentro do apartamento quase vazio, com um bilhete: favor doar aos pobres.

Então Romain abriu a porta e disse: "Nossa viagem começa agora". Svetlana disse que já eram cinco da tarde e que seria melhor partirem no dia seguinte. Ele puxou-a pela mão e quando percebeu, ambos estavam dentro de um táxi com destino a Gare de L'Est. Ela sorria e apertava sua mão, uma criança que acompanha o pai em uma volta na montanha russa. Desembarcaram e contemplaram o imenso painel indicando partidas e chegadas. "O cardápio é todo seu, escolha que serei teu servo..." Ela lia em voz alta o nome das cidades, sem possuir qualquer referência sobre os lugares, o que não era um problema. Mas o tempo começou a escorrer rapidamente sem definição, e Romain aceitaria qualquer destino que não fosse dormir naquela estação de trem. Portanto, interrompeu a leitura e sugeriu um lugar bonito e não muito longe, assim não precisariam passar a noite viajando. Ela aceitou de bom grado e os dois embarcaram no trem com destino a Provins, uma cidade medieval a 90 quilômetros de Paris.

A hora e meia que separam as duas cidades transcorreu em uma alegria iniciada por Svetlana, mas que logo contaminou Romain. As duas páginas haviam sido viradas e o que vinha pela frente prometia aventura e encantamento. Desembarcaram com o dia claro, mas com um frio maior do que aquele de Paris. Passearam a pé pela cidade, conheceram os muros medievais, o centro histórico, e foi ali que ela sugeriu que jantassem, mas antes queria beber uma garrafa de vinho. Antes de pedirem a comida, beberam duas e mais duas garrafas durante a refeição. Muitos brindes, taças entrelaçadas, olhares simpáticos dos vizinhos de mesa, porque fisicamente formavam um belo casal. Quem os visse, jamais diria que naquela tenra idade já tiveram de virar páginas que, principalmente no caso dela, precisaram ser interrompidas, pois faltou energia àquele que as escrevia. A refeição avançou noite adentro, mas foi Romain quem sentiu primeiro o cansaço. Sugeriu que procurassem um hotel para passarem a noite.

Ela continuava tão animada quanto no primeiro minuto, e mesmo com as mochilas pesadas quis ter a visão noturna das muralhas iluminadas. Mesmo sob o efeito do álcool, o frio estava cortante, e alguns flocos de neve caíam, quase sem serem testemunhados por ninguém. A cidade estava deserta, a maioria dos turistas dormia, e na manhã seguinte embarcariam para conhecer os castelos do vale do Loire. Os muros estavam iluminados e a pedra escura ganhava uma aparência de sonho. Romain desejou estar mais sóbrio para que pudesse refletir sobre as muitas gerações que contemplaram aquelas muralhas, a maioria delas, agora, dormia como os turistas, mas tal-

vez sonhassem, e nesses sonhos encontrassem memórias, instantes vividos ali, sensações e, talvez, durante o sonho, sentissem o estranho sopro de um vento chamado tempo.

Ao lado das muralhas havia um espaço de um metro de terreno, e depois uma íngreme descida de uns 15 metros de profundidade que formava o fosso, hoje vazio, que servia em outras épocas para proteger a cidade de ataques inimigos. Svetlana disse que não queria dormir em hotéis, mas acampar ali mesmo. Romain, que sóbrio seria irredutível, acabou cedendo após uma pequena insistência. Eles precisariam ser cuidadosos e armar a barraca na estreita faixa de terra que ladeava o muro. Ele tremia de frio e desejava terminar a armação o mais rápido possível. Ela tinha a coordenação prejudicada e deixou cair algumas estacas no escuro. Abaixou-se para pegá-las, escorregou e rolou morro abaixo.

Nem um ruído além do debater-se de seu corpo foi ouvido. Romain conseguiu enxergá-la, no fundo do fosso, imóvel. Durante um segundo imaginou-a morta e as possíveis consequências disso. A bifurcação abria-se, abandonava-a ali, e pegaria o primeiro trem de volta para Paris? Ou descia, chamava salvamento, alegava que havia sido um acidente? Mas havia as câmeras de segurança, as testemunhas no restaurante. Provavelmente não teria como escapar de uma condenação, crime passional. O romeno deporia contra, alegando que ele frequentava o bordel e era pessoa violenta, pois havia destruído seu carro. A loja de chás teria sido uma melhor escolha. Um segundo depois, um estrondoso ruído encerrou seu raciocínio: a gargalhada vinha do fundo do fosso.

Ele desceu correndo e beijou-a, depois a estapeou,

então beijou-a novamente, ela nem reclamou da violência, apenas continuou gargalhando. Quando os risos diminuíram, exigiu que acampassem ali embaixo mesmo. Ele obedeceu e, com muita dificuldade, conseguiu descer com as duas mochilas e a barraca. Montaram a barraca e foi só depois de entrarem dentro que Romain percebeu que, se dormisse ali, provavelmente morreria de frio. Exigiu que ela o acompanhasse até um hotel. Ela não quis e adormeceu rapidamente. Ele precisou retirar todas as roupas das duas mochilas e com elas construir uma espécie de ninho, que os envolvia e conservava o calor. Enfiou as mochilas vazias uma em seus pés e a outra nos de Svetlana.

Acordaram somente com o barulho dos turistas fotografando as muralhas. Alguns, ao perceberem que havia gente dormindo no fundo do fosso, fizeram questão de documentar o momento em que saíam da barraca.

Outros dois dias se passaram. Foram muito parecidos com o primeiro. Almoço, seguido de passeio por Provins, visita à cidade medieval, ao jardim de rosas e a um pequeno museu histórico. Depois iniciava-se a bebedeira, que apenas terminava com a difícil descida do fosso medieval, onde permanecia armada a barraca em que dormiam. No final da tarde de ontem descobriram que poderiam tomar banho na estação ferroviária e, enquanto esperava sua vez, Romain inaugurou seu caderno:

É claro que não queria começar essas páginas falando de mim. Mas é o que está ao meu alcance por enquanto. Até agora não dispus de nenhum momento de paz, onde consequisse concentrar-me para colocar algumas ideias no papel. Portanto, isso serve mais como desabafo do que qualquer outra coisa. A palavra "desabafo" normalmente relaciona-se com algo pejorativo. O que agui, não é o caso. Esses últimos três dias, talvez sejam os mais divertidos de minha vida. Nenhuma obrigação, nada de horários, muitas risadas, bebida... Uma felicidade sem tamanho que parece que nunca vai acabar. E esse, talvez, seja o problema. Sinto que, se dependesse de Svetlana, passaríamos o resto de nossas vidas nos embriagando e dormindo em uma barraca fria, montada no fundo esvaziado de um fosso de uma muralha medieval. Juro que, se não fosse pelo livro que pretendo escrever, e também pelo dinheiro, que muito antes do previsto, pode acabar, eu até que aceitaria. Mas preciso pensar no próximo passo. A vida aqui não é barata, os almoços acompanhados de vinho, não saem por menos de 100 euros, fora os jantares e as garrafas que compramos para beber caminhando pela cidade. O frio também tem atrapalhado bastante. Na verdade, todas essas barreiras práticas poderiam ser superadas, mas há uma que me assusta mais: a imensa felicidade de Svetlana. Ela parece haver se transferido para uma infância que não permite a menor ausência de uma alegria que, quando, de fato, for embora, irá transformá-la no exato oposto da pessoa que hoje convive comigo. Temo por ela. Na verdade, temo mais por mim mesmo. As pessoas são assim, perfeitas umas para as outras até que um pequeno interesse atrapalhe o caminho e transforme o parceiro em apenas uma pedra que deve ser desviada, ou implodida.

Preciso confessar uma outra coisa bastante estranha: talvez eu seja o único homem no mundo que convive com uma prostituta, ou ex, há três noites dormindo ao seu lado e sem ter feito sexo com ela. Na primeira noite atribuo a ausência ao cansaço, mas nas outras, ela ficou contando piadas até que eu adormecesse. Talvez essa infância em que viva a engoliu por completa, e sexo não faça parte de seus interesses. Ou então, como sexo sempre foi seu trabalho, não iria querer trabalhar enquanto estava se divertindo tanto. Mas isso é o que menos incomoda. Respeito seu sofrimento e posso confessar que, enquanto ela não contrariar nenhum de meus desejos mais profundos, continuarei a amando. Isso mesmo, já a amo.

Romain contemplou-a saindo do banheiro, cabelo ainda molhado, vestido verde e óculos escuros. Uma felicidade transparente fez com que a beijasse. Ela sorriu, e ele reconheceu nesse sorriso a atitude de uma irmã. Mas aquilo também era bom. Ela ficou sentada onde ele estava, vigiava as mochilas enquanto Romain foi tomar

seu banho. A ducha quente e o banheiro só para si criaram um ambiente acolhedor. Talvez, se tivesse trazido o caderno, pudesse escrever algumas palavras. Ou então deveria memorizá-las. Iniciou seu raciocínio em uma bifurcação: a vida poderia ou não fazer sentido. Só havia essas duas possibilidades. Se não fizesse, o que vinha vivendo nos últimos três dias era algo perfeitamente coerente e poderia prolongar-se por anos. Se, por outro lado, a vida fizesse algum tipo de sentido, aquele comportamento era apenas uma miragem no deserto, que cria uma excitação naqueles que a veem, mas, depois, essa mesma expectativa se transforma invariavelmente em grande decepção. Romain sempre fora inclinado, e já discutira bastante com Félix, seu ex-professor, a acreditar que a vida não possuía sentido algum. Que não passamos de incipientes terminações nervosas, que desenvolveram uma protoconsciência, e apenas lutam por seus prazeres e sobrevivências. Mas agora era sua própria vida que precisava escolher uma opção, e percebeu que uma vida sem sentido também não necessitava contar histórias e, por consequência, escrever livros. Bifurcações também podiam ser miragens: tudo o que existe também existe dentro de seu exato oposto. Portanto, possuir ou não um sentido passa a ser algo irrelevante e, é claro, imensamente importante ao mesmo tempo. O livro precisaria e iria nascer, o resto era superstição. O movimento era a única verdade sublime, e não parava de desviar destinos. Mesmo dentro de casas de repouso havia velhos que mal andavam e pouco raciocinavam que, sem se darem conta, continuavam mudando de trajeto. Eles precisavam sair de Provins.

Na manhã seguinte estavam na estação de trem. Como sabia que ela contemplaria as opções, e não conseguiria decidir, fez uma pergunta que sabia irresistível: você gosta de vulcões? Ela sorriu e isso foi suficiente para Romain comprar as passagens. Iriam para Clermont-Ferrand. A pouca distância dali ficavam uma série de montanhas que eram vulcões extintos, entre eles, o mais conhecido, o Puy-de-Dôme. Assim que embarcaram, ela adormeceu com a cabeça encostada em seu ombro. Romain ficou contente por poder ter momentos só para si. Com movimentos sutis, para não acordá-la, conseguiu abrir a mochila e tirar de lá seu caderno e uma caneta:

Ela dorme em meus braços, e nós vamos visitar um vulcão adormecido. Não seria ela, também, um vulcão que encobre toda a lava incandescente atrás de um sorriso, que sem aviso pode destruir tudo e todos ao seu redor? Não posso me esquecer da teoria das influências: ela, aos poucos, me transformará em uma prostituta, e eu espalharei pelo universo infinitas imagens da puta em que me transformei. Mas e ela, será transformada no quê? Em uma tentativa de escritor, em uma personagem literária, ou nas duas coisas simultaneamente?

Enfio o trem inteiro dentro do cubo e começo a observar os reflexos. Minha consciência não consegue compreendê-los. Avanço para o nosso vagão, localizo-me, caderno na mão e ombro ocupado pela cabeça de Svetlana. As imagens se multiplicam em um túnel sem fim, depois são distorcidas por retângulos irregulares do cubo que, se distorcem a imagem, por que não farão o mesmo com o tempo? É estranho, mas algumas das imagens que enxergo parecem mais realistas do que outras. O que me faz acreditar que elas, as menos realistas, são os reflexos da luz sobre nossos corpos, e as outras,

aquelas que parecem realidade, são frutos de algum esforço mental que tenta reproduzir a realidade como ela é. Mas as fronteiras não são claras, os retângulos vítreos também misturam seus conteúdos. Tanto físicos quanto ideológicos. Há prostitutas bielorrussas que dormem sobre meu ombro, com todas as personalidades possíveis. Há tantos "eus" emprestando os ombros para elas que não acharia correto chamálos todos de "eu", pois podem ser pessoas muito diferentes de mim, personalidades que atravessam para outros retângulos, esticando seus destinos, espalhando suas ideias ou as misturando às de muitas outras Svetlanas, que dormem e sonham que estão dentro de um cubo com muitos reflexos, e essa deve ser uma das sensações mais desesperadoras que uma pessoa pode experimentar: não sabem a qual dos corpos parecidos que veem, pertence sua consciência.

O cubo envidraçado talvez seja o único lugar onde o universo mostra quem é, e como funciona. O livro, o meu futuro livro, ainda sem nome, deve possuir uma linguagem feita dessas múltiplas imagens em transformação, muda o que é visto, mas também, e principalmente, as relações entre imagens. As influências, que são movimento, dissipam, constroem, intuem, e o núcleo vivo de tudo o que existe espalha novas realidades, alimenta enredos de sonhos, e promove encontros que serão vividos.

O livro começará no exato instante em que todos os outros livros já escritos terminaram. Prosseguirá por parágrafos não escritos e entrelinhas nascidas ao acaso, reflexos influenciados por mudanças de luz.

Percebo aqui o perigo que corro. Poderia passar o resto de minha vida projetando o esqueleto do livro. Adicionando uma costela, reforçando a proteção ao cérebro, aumentando o comprimento da tíbia. Entretanto, não é assim que a evolução funciona. Se dependêssemos de um engenheiro, ainda hoje continuaríamos sendo uma porção do caldo primordial, que por bilhões de anos ferveu sobre a superfície do planeta e, caso não permitíssemos que a prática nos fizesse evoluir, prosseguiria sua missão de caldeirão, por muitos outros bilhões.

Então aqui se unem os primeiros átomos, formando a primeira molécula, que dará origem a todo o resto: No Nó Nos Noz

Ela despertou assim que chegaram a Clermont-Ferrand, dessa vez aceitou a sugestão de ficarem em um hotel. Procuraram vaga, mas havia uma grande convenção de biólogos na cidade e os hotéis estavam lotados. Conseguiram vagas em um hostel: quartos coletivos, ela no beliche de baixo, ele no de cima. Svetlana notou o incômodo de Romain quando um rapaz começou a puxar conversa. Ele nada disse, e assim que as luzes do quarto se apagaram, ligou a luz que se prendia a sua bandana e começou a escrever. Da cama de baixo, ela observava as réstias de luz projetando-se levemente no teto do quarto, sentia o sutil movimento da cama impulsionado pelo movimento se seu punho, e enxergava por entre a escuridão um acumulado de mochilas, sacos de dormir e corpos enrolados em cobertores. E foi nesse ambiente estranho, cheio de ausências, e meias-luzes que Svetlana, que gastara todo seu sono dentro do trem, pela primeira vez em muito tempo, refletiu sobre a vida que vinha levando.

Culpados? Poderia os achar às dezenas, mas de que isso serviria? Todos eles, um

pouco menos culpados do que ela mesma. E o futuro? Conhecia velhas prostitutas em sua cidade natal e a mera recordação de seus destinos costumava a levar às lágrimas em outras ocasiões. Mas não hoje. Agora ela queria uma pista de como não se tornar igual a elas. Por isso, decidiu: nada de emoção em excesso. A razão era o único jeito de arrumar saída. Sabia que o plano clássico das prostitutas quase nunca funcionava: guardar a maior parte dos ganhos para a velhice. Elas todas acabam gastando o dinheiro para conseguir suportar a vida que levam. A outra opção clássica: casamento. Difícil, mas não impossível. Mas mesmo que através do casamento conseguisse a estabilidade financeira e emocional, estaria refém de alguém que, a qualquer momento, e por uma mínima razão, poderia lhe jogar na cara que ele a salvara, ele a construíra com restos que encontrara em uma lata de lixo. E então, novamente, ela precisaria se anular, porque acabaria acreditando nas acusações e no mérito daquele que a salvara. A verdade era que prostitutas eram como sequestradores: sempre terminavam mal. Não era uma leitora assídua, mas gostava de ler, principalmente quando o assunto lhe falava de perto. Lera "A Dama das Camélias" e "Manon Lescaut". É claro, aquilo era ficção e a época era outra, mas a essência não mudou ou mudará. Não havia escapatória: aquele dinheiro carregava um peso que o desvalorizava. Ser prostituta é viver andando de bicicleta sobre uma corda bamba a vinte metros de altura: atrai-se a atenção de muita gente, mas, ao longo dos dias, as quedas são certas. Conforme os anos passam a corda vai perdendo altura, e atraindo menos atenção. Os tombos tornam-se menores, mas ninguém mais se importa se você consegue ou não atravessar os dois pontos separados pela corda.

Ficou contente por, em pouco tempo, conseguir eliminar a maioria das possibilidades com as quais mui-

tas de suas colegas perdem anos sonhando. Mas o que lhe restava? Partir do zero. Isso mesmo. Curar as feridas, resistir às tentações e trabalhar em algum serviço mal remunerado. Talvez tentar retomar os estudos. Conhecia também a profissão clássica que as ex-prostitutas costumavam seguir: enfermeiras. Para ela, essa não servia. Não sabia ainda o que desejava. O mundo estava mudando e havia muita gente vivendo bem através da internet. Mas aquilo parecia ter algum parentesco com a prostituição: ganhos fáceis que dependiam de fatores superficiais e sorte. Talvez a educação, professora de crianças. Elas costumavam adorá-la.

A luz vinda da cama de cima finalmente apagou-se e os movimentos cessaram. Então o pensamento de Svetlana voltou-se para Romain e para esse périplo sem sentido que iniciaram. "Um bom homem, tão perdido quanto eu. Talvez mais iludido. Sua verdade é uma parede feita com tijolos empilhados, mas sem cimento para uni-los. A qualquer momento pode desmoronar. Algum rio com leve correnteza decidiu nos levar, e nenhum dos dois resistiu. Mas não vamos longe; mais umas curvas e um dos dois engata em algum galho ou encalha em um banco de areia."

Então, quando a noite se preparava para ir embora, Svetlana adormeceu. Flutuou durante umas poucas horas por um riacho. Estava sozinha, e aquele passeio foi bastante agradável. Nas margens virgens, havia uma mata densa e cheia de animais que nunca tinha visto, nem sabia o nome deles. Um, uma espécie de macaquinho sem rabo e com grandes olhos castanhos, saltou de uma árvore sobre seu corpo e continuou descendo o rio com ela, sem incomodá-la.

Os dois acordaram, arrumaram as malas e pegaram um ônibus para o Puy-de-Dôme, o vulcão extinto. Ao chegarem ao destino, havia ainda uma caminhada de uma hora para a ascensão do pico. Caminharam devagar por causa do peso das mochilas. A vista ficava cada vez mais bonita à medida que subiam e, quase chegando ao topo, enxergaram a cordilheira dos Puys, com cerca de outros oitenta vulcões extintos. O dia estava frio, mas sem uma nuvem no céu. Alguns balões e parapentes sobrevoavam as montanhas.

Ao chegarem ao topo deram de cara com um vizinho de cama na noite anterior e que havia iniciado uma conversa com Svetlana. O rapaz a cumprimentou e Romain a arrastou para o outro lado do topo da montanha, onde havia uma estação meteorológica e uma antena de televisão. Descansaram, e Svetlana adormeceu nos braços de Romain, que só a acordou depois que o rapaz foi embora. Então caminharam até as ruínas de um templo galo-romano dedicado a Mercúrio. Fizeram um piquenique entre aquelas pedras que conheciam dois mil anos de aventuras humanas e que estavam à beira de uma vista magnífica. Todo o vale espalhava-se à sua frente. Só o que se ouvia era o vento, a única cor era o verde, manchado por tons escuros de pedra. Romain imaginou como deveria ser contemplar um céu estrelado ali. Entretanto não faltavam placas indicando que era proibido acampar no topo do vulção.

O dia transcorreu sem que o tempo ousasse participar daquele evento. De repente, anoitecia. Teriam de descer. Um guarda assoprou seu apito e os poucos turistas foram expulsos mais pelo frio que pela autorida-

de. Os dois se olharam e não precisaram trocar palavras. Esconderam-se atrás das paredes velhas como a civilização. Mais um apito longo e depois o silêncio completo. Teriam a montanha apenas para eles. Na verdade, o vale inteiro: oitenta vulcões, um céu estrelado e um templo galo-romano. A vida às vezes surpreende, e normalmente essas coisas custam muito pouco dinheiro. Foi o que Romain disse a Svetlana.

Pensaram em acender fogo para se esquentarem, mas desistiram, pois poderiam chamar a atenção. Teriam de se virar com a barraca, sacos de dormir e roupas. O frio lá no alto deveria ser bem maior do que na cidade, mas valeria a pena. As primeiras estrelas surgiram junto com uma grande lua cheia que manchava com uma luz irreal as paredes escuras das ruínas do templo. Depois veio outra camada de estrelas e então o rio leitoso da Via Láctea espalhou seus 100 mil anos-luz de comprimento e poesia por todo o céu.

Os olhos verdes de Svetlana, iluminados por aquelas luzes vindas do céu, pareciam fazer tudo ter valido a pena: não apenas a desistência do emprego, a viagem, mas também o *Big Bang*, o crescimento do universo, a origem da vida. Tudo seguia pelo bom caminho. E a paz só não era ainda maior porque o frio cobrava seu pedágio. Poucas palavras foram ditas, mas uma delas, pronunciada por Svetlana, *mágico*, fez com que Romain se lembrasse de Sándor e de seu cubo, e das promessas que havia feito para si mesmo sobre o livro, talvez o maior dos livros. Sabia que precisava beber daquele instante, mas não iria aprisioná-lo em uma garrafa para dissolvê-lo em palavras e sorvê-lo posteriormente. Aquilo era importante demais

para ser reaproveitado. Precisaria ser usufruído por completo, sem preocupação com sobras ou ganhos. A literatura, no fundo, era uma vida recriada e congelada, que deve ser aquecida no micro-ondas individualmente. Agora era hora do banquete. O universo os servia e o restaurante estava reservado apenas para os dois. Cruzaram os dedos e, porque não dizer, pelo menos naquele instante, as almas.

Finda a refeição, que não contou com alimentos, Svetlana disse que, mesmo sendo bielorrussa, não estava mais aguentando aquele frio e iria entrar na barraca. Romain, que também não suportava mais, percebeu que não poderia desperdiçar a oportunidade de permanecer mais alguns minutos sozinho diante daquele universo, que parecia naquele instante querer mostrar para ele todas as estrelas que existem. Ele trouxe seu saco de dormir para fora da barraca, usou a mochila como travesseiro e mergulhou na grande piscina de sonhos. Estrelas cadentes atravessavam a abóboda, demonstrando que havia movimento lá em cima. Talvez fosse alguém interessado em conversar. Romain aceitou o convite e mergulhou no mar. Sua consciência precisava de liberdade e abandonou o corpo. Rumou para bem alto, primeiro o topo do Puy-de-Dôme tornou-se do tamanho da ponta de uma agulha, depois o planeta, da espessura de um fio de cabelo. Uma felicidade sem igual fez com que ele perdesse qualquer resto de medo.

Atravessava anos-luz em frações de segundo. Saiu da Via Láctea apenas para conseguir enxergá-la de longe. Depois voltou, sentiu o calor do sol sobre seu espírito, passeou pela tediosa superfície de Mercúrio, dançou entre os anéis de Saturno e imaginou como seria a música digna

do universo. Talvez não precisasse de notas musicais. Então continuou dançando, sempre no sentido anti-horário. Percebeu que algo estranho acontecia, o tempo andava para trás. Aproximou-se da Terra e fez uma experiência. Depois de duzentas e poucas mil voltas no sentido contrário à rotação terrestre, parou. Não estava longe do lugar onde, deitado no alto do vulcão, contemplava o céu—talvez uns duzentos e poucos quilômetros e também uns duzentos e poucos anos atrás. A localização: a Vendeia, oeste da França. Assistiu ao famoso genocídio de dezenas de milhares de contrarrevolucionários.

Então continuou mais algumas milhares de voltas na contramão do mundo e do tempo. O nascimento das cidades europeias, os feudos, a peste, as cruzadas. Cansado, rumou para longe, outros mundos a bilhões de anos luz, atravessou explosões de supernovas que fizeram com que seu espírito, que, aliás, também era físico, apenas com uma densidade diferente da de seu corpo, quase derretesse. Nesse ponto, dentro de uma explosão de supernova, qualquer ideia ou noção de consciência passa a imitar a maior força do universo. Então Romain passou a ser apenas calor e luz. Mas como nada é para sempre, nem mesmo a eternidade, que corre o risco de, de repente, descobrir dentro dela o nascimento de bordas, o calor e luz voltaram a possuir uma consciência, que logo se amarrou novamente à personalidade de Romain.

Mas essa experiência com supernovas não pode ser comparada ao que viveu quando decidiu entrar dentro de um buraco negro. Na verdade, a entrada não foi propriamente voluntária. Apenas aproximou-se da borda para tentar enxergar o que havia dentro e, quando menos per-

cebeu, tudo já havia acontecido. Ao contrário do que aconteceu com a supernova, a consciência não desapareceu, mas alterou-se. As ideias alongaram-se e perderam suas estabilidades. É estranha essa definição, mas tudo o que envolve buracos negros é assim. As ideias se formam e precisam de palavras mentais para existirem, mas mesmo essas palavras tiveram suas sílabas separadas e depois suas letras, e cada haste de cada letra, seguiu em um caminho, todas afastando-se das outras. Mas o mais inacreditável era que isso acontecia sem a presença do tempo, ou então com alguma versão dele, completamente desconhecida do lado de fora dos buracos negros.

Isso mesmo! Há vários tempos vagando pelo universo, cada um deles tem seu próprio estatuto e suas respectivas consequências. O que há dentro dos buracos negros, se realmente há, porque lá as coisas, de fato, não existem — pelo menos da maneira como existem fora deles —, é um tempo que, assim como a consciência, ou qualquer coisa que entre dentro deles, estica-se e se contrai. Sim, é um tempo relativo, mas ao contrário da relatividade conhecida na Terra e no resto do universo, que se relaciona ao posicionamento do observador, essa relatividade se relaciona a si mesma. Sim, o tempo movimenta-se conforme seus desígnios internos. Assim como um homem que, pela manhã, escolhe a roupa que vai vestir e o que vai comer no café da manhã.

Com suas ideias alteradas e esticadas, sua consciência e autoconsciência, da mesma forma, marejadas pelo mundo esdrúxulo dos buracos negros, de repente, sem que percebesse, Romain foi cuspido para fora. Estava do outro lado do universo. A tessitura espaço-tempo havia sido rasgada, e ele assoprado longe como um náufrago que se segura a uma tábua, e só depois de muitas horas vai se lembrar do que aconteceu, quando as correntezas o fizerem aportar em uma praia. E essas areias eram a fronteira do universo observável, o último reduto com luz antes da escuridão completa, mas, diante do buraco negro, aquele distante ponto perdido entre as últimas constelações lhe pareceu tão acolhedor quanto o útero materno.

E dali foi trazido de volta para a Terra, mais especificamente para o alto do Puy-de-Dôme. Svetlana o acordava, primeiro preocupada, depois muito sorridente. Ele dormira ao relento, dentro de seu saco de dormir, e seus cílios tinham congelado. Quando ela foi retirar o gelo que os cobriam, eles se quebraram em suas mãos.

Dessa vez foi Svetlana quem decidiu o próximo destino. Queria se afastar um pouco do frio e desejava ver o mar. Embarcaram para Marselha, cidade que seria uma boa conexão para passos futuros. Muitos barcos partiam de lá, poderiam descobrir ilhas e seguir adiante pelo mar. Decidiram de comum acordo, pelo menos temporariamente, aposentar a barraca. Também escolheram a privacidade. Um hotel simples, mas com o mínimo de conforto. Na primeira noite passearam a pé pela orla, jantaram acompanhados por apenas uma garrafa de vinho. Voltaram para o quarto e foram dormir. Romain acariciou o rosto dela, mas não obteve nenhuma reação além de um leve apertar de sua mão. Desistiu, e ela logo adormeceu. Ligou a luz do abajur e iniciou a leitura de *La Vouivre*.

Na manhã seguinte, ambos perceberam algo parecido. As coisas tinham mudado. Isso mesmo, as cores pareciam mais sóbrias, os sorrisos menos agudos e os espaços entre as frases mais longos. A temperatura, comparada à de Clermont-Ferrand, era bastante agradável e o céu azul apenas rivalizava com a cor do Mediterrâneo. Pela manhã passearam de barco. Pouco se falaram, mas Romain reparava em Svetlana, em como estava bem vestida, em como era bonita e sofisticada. Poucos que a vissem naquele momento acreditariam o que fazia há apenas alguns dias. Ele percebeu como o

piloto do barco, mesmo disfarçadamente, não tirava os olhos dela. Mas dessa vez aquilo não o incomodou. Tiraram algumas fotos da paisagem e uma foto juntos, que o piloto tirou. Romain imediatamente leu nos olhos daquele homem mediterrâneo, que deveria estar acostumado a seduzir passageiras com sua pele bronzeada e seu sotaque sulista, que ele identificara ali um típico casal em crise, e que, se tivesse a oportunidade de trocar algumas palavras com ela, conseguiria incluir em seu cotidiano (no dela) tedioso um pouco de uma aventura fugaz que, durante algum tempo, ela poderia chamar de vida.

Mas não existiu essa oportunidade. O passeio terminou bem a tempo de a fome chegar. Escolheram um restaurante à beira-mar. Frutos do mar frescos e preparados de maneira simples. O almoço foi agradável, ambos sorriam e se sentiam bem. Mas os alaranjados e vermelhos berrantes não voltaram. Essas cores pareciam ter sido derramadas ao longo da subida do Puy-de-Dôme; já no alto da montanha empalideceram. As lagostas foram acompanhadas por uma garrafa de vinho branco, leve. Depois, ela quis caminhar na orla. Ele preferiu um café e dar sequência à leitura de *La Vouivre*. Às vezes, entre uma página e outra, olhava para o mar azul e encontrava a minúscula figura de Svetlana, distante, um ponto esverdeado, afastando-se pelas areias.

Na segunda noite ela estava mais falante. Contou o que sentira enquanto caminhava pela orla. Uma paz rara, que só se lembrava de conhecer na infância, quando entrava em férias da escola, e havia todo um verão pela frente para ser vivido. Estava feliz, mas seu corpo e seus olhos não contavam a mesma história. Estavam se-

cos, sem tristezas, mas sem a mesma vida que por eles escorria há alguns dias. Aquilo era estranho, e a conversa continuou por mais meia hora. Ela contou um pouco de sua infância, parecia sempre desviar da adolescência, mas dizia sentir saudades dos dias de criança. Nesse ponto, Romain demonstrou sentir um sono que não existia.

A conversa murchou e os dois dormiram. Na manhã seguinte foram visitar o Parque Borely, um lindo lugar construído no século 19, uma mistura de jardim botânico com jardim japonês. Passearam e fizeram um piquenique com queijos, presuntos e vinho rosé. Ela parecia introspectiva, mas depois de um gole, levantou a taça na direção do sol de inverno e perguntou se ele conhecia cor mais bonita do que aquela. Os dois fizeram a experiência de posicionar a taça contra os raios de sol e sugar, do que viam, a beleza daquela mistura de tonalidades. Romain percebeu que uma frágil lágrima escorria de um de seus olhos. Sem saber se fora originada pela luz do sol, ou de alguma emoção encontrada naquele instante, preferiu não tocar no assunto. O dia acabou-se aos poucos, o Parque Borely foi invadido por sombras e elas desenharam contornos ao redor das pedras do jardim japonês. Eram sombras longas, que pareciam querer dizer alguma coisa. Romain não quis decifrá-las, mesmo quando Svetlana, em silêncio, apontou para uma delas. Jantaram no mesmo restaurante à beira-mar do dia anterior, mas agora, pela primeira vez desde o início da viagem, acompanharam a refeição apenas por água mineral.

A noite no quarto foi silenciosa, ele envolvido com a leitura de *La Vouivre* e ela respondendo mensagens no celular. O dia seguinte amanheceu nublado, as cores mediterrâneas agora pareciam misturadas a uma tonalidade prata presente nas paisagens de Camille Corot. O frio aumentara e ventava muito. Acordaram tarde e para não perderem o dia, Romain pesquisou algo para fazerem. A melhor opção parecia uma visita ao Castelo de If. Uma fortaleza construída em uma pequena ilha no meio da baía. Havia barcos partindo a cada meia hora e a visita guiada durava cerca de quarenta minutos.

Enquanto o barco carregado de turistas se aproximava do castelo, Romain estranhou a construção de uma fortaleza no meio do oceano. Segundo o pouco que lera sobre o lugar, nunca houve uma explicação convincente sobre a necessidade de construção daquele castelo. Um pouco como a aventura que iniciara com Svetlana há alguns dias: difícil de ser explicada. Depois olhou para o lado e viu um bando de turistas com suas máquinas fotográficas e pequenas mochilas. Ele e Svetlana não eram turistas, estavam ali por outras razões, não sabia exatamente a razão pela qual ela embarcara nessa viagem, mas tinha algumas ideias a respeito de sua própria razão. Sentiu-se deslocado e leu no rosto dela uma sensação parecida. Parecia esforçar-se para parecer confortável, mas aquele passeio parecia ter tanto sentido quanto a construção de um castelo no meio do mar.

Um guia turístico, que repetia as palavras da mesma forma que uma linha de produção enfileira objetos idênticos, explicava que em algum tempo do passado, que Romain não conseguiu memorizar, algum rei havia trazido para ilha um rinoceronte. Imediatamente ele se lembrou de um de seus filmes favoritos, *E la nave va*. O rinoceronte permaneceu toda a vida naquele estreito pedaço de terra

cercado de mares azuis por todos os lados. Ele esperou que essa informação despertasse algo em Svetlana, mas ela permaneceu completamente alheia a essa curiosidade.

Uma fina garoa começou a cair sobre a ilha, o que apressou o fim da visita. A viagem de barco foi realizada no mais rigoroso silêncio. Romain pensou em perguntar-lhe se algo a estava incomodando, mas logo percebeu que também algo o incomodava, mas se fosse perguntado não conseguiria responder o que era. Comeram sanduíches na praia e quando ele a convidou para irem a um café, ela disse que estava com um pouco de dor de cabeça e preferia ir para o hotel descansar.

Ele permaneceu na orla, observando a garoa que começava — tentava virar chuva e depois desistia. Ele lamentou não haver trazido seu caderno, então apenas observou o mar, que mudava de cor conforme as nuvens eram sopradas para longe. Observou também seu ritmo, a maneira como uma onda maior era sucedida por outras menores, e como após algumas ondas pequenas a grande voltava aparentemente sem nenhuma razão. Havia lógica naquilo? Talvez, mas Romain não quis descobri-la. Sentiu a brisa vinda do mar e detectou em seu cheiro uma exata mistura entre vida e morte. Sentou-se na areia e viu alguns barcos de pescadores desaparecendo no horizonte. O homem sendo devorado por algo imensamente maior do que ele. Tudo aquilo parecia inevitável: o mar, os ventos, as gotas finas que caiam do céu, a areia, tudo parte de um absoluto impossível de ser detido.

Por outro lado, havia o rinoceronte enclausurado em uma pequena ilha. Uma montanha de músculos que nada podiam quanto ao poder das águas, e que entregou sua vida à reclusão, sem ao menos tentar rebelar-se. Não seria essa, de maneira alegórica, a história do homem sobre o planeta? Ao invés da água, o tempo. Nada queria decifrar, preferia se afastar de conclusões. Deitou-se na areia e sentiu que estava molhada. Não queria se resfriar, mas precisava de mais alguns instantes ali. O dia indo embora, as cores mudando, o sol escondido, as ruas vazias, o mar indiferente a tudo. Localizou no horizonte umas manchas escuras que pareciam ser chuva em alto mar. Sempre que via isso julgava um desperdício — água doce sendo misturada à salgada, sendo dissolvida e desaparecendo. A noite perdeu os pilares que a sustentavam e desceu sobre Marselha, e com ela uma ideia melancólica floresceu: que fim teria sido dado ao rinoceronte? Enterrado na ilha, jogado ao mar, ou transportado em um navio até algum cemitério de animais? Isso não tinha nenhuma importância, assim como muitas outras coisas, muitas delas, consideradas importantes por muita gente.

Mas havia coisas que considerava importantes, e pelas quais sentia vontade de lutar. Entretanto, essa noite, sentia que tudo derretia, o mundo inteiro. E, se fosse assim, para que se incomodar com algo se tudo acabaria misturando, fervendo, e depois virando fumaça? Sabia que o grande boxeador é aquele que nos maiores momentos de dificuldades, quando os golpes estão atacando sua cabeça e estômago ao mesmo tempo, e sente-se prestes a cair, reúne suas últimas forças e lança um golpe que pode demolir seu adversário. Talvez não fosse um grande lutador, mas era a hora de descobrir. Lembrou-se da teoria das influências, dos reflexos dentro do cubo, das miríades de possibilidades de com-

binação, dos símbolos, de todas as teorias científicas e de todo o material emocional e ilustrativo que possuía para iniciar seu livro. Agora só precisava estabelecer um enredo, utilizar-se do cubo e suas consequências para construir um esqueleto formal e ter bastante força de vontade para prosseguir e defender-se do desânimo, que em fases iniciais de obras, costuma atacar.

Respirou fundo e gritou para o mar, que pareceu um pouco menos cinzento. Conseguiu enxergar alguns amarelos vindos dos refletores que iluminavam a praia. Uma bela cidade com 2.600 anos de vida. Ouantas dores e alegrias já não tinham derretido por ali? Muitas, mas as suas não seriam as próximas; guardaria suas ilusões em uma geladeira portátil que garantiria que não derretessem até que se transformassem em dois torrões de pedra sólida. Era isso mesmo: ninguém estava livre desses ataques de desânimo. Se a arte consiste em inspirar, ninguém escapa da expiração. A juventude faz com que se pense que, finda a inspiração, ela estará perdida para sempre, mas é tudo parte do processo circular que comanda a queda das folhas no outono e os tracejantes cometas solitários iluminando o universo. Romain levantou-se e caminhou pela praia. Uma brisa gelada veio do mar, mas isso era bom sinal: precisava movimentar-se, esfregar as mãos e braços, manter-se ativo. A paisagem começava a influenciá-lo. Os reflexos, se pudessem ser vistos por alguém, espalhavam-se por várias camadas de realidade. Renascia em si, aquele que emendava realidades, que forçava encaixes, que descobria em um programa vagabundo de televisão o símbolo que faria com que leitores encontrassem camadas encobertas em seu livro,

e neles mesmos. Não podia desperdiçar momentos, não podia desperdiçar a si mesmo. Não tinha esse direito. O artista tem vínculos invisíveis com as próximas gerações, e não possui o direito de rompê-los.

Imaginou a praia de Marselha daqui a duzentos anos. Alguém, de uma maneira ou outra, consumindo os pensamentos que coletou e organizou-os em um livro. Aquele hipotético homem ou mulher, experimentando os gostos e sentindo um pouco dos medos e alegrias que viveu. Aquilo não deixava de ser uma espécie de renascimento, e essa era a única maneira de distinguir-se dos outros homens que estão por toda parte e que morrem como moscas. E como moscas, são esquecidos. Quem se lembra de velhas moscas?

Era claro que a eternidade era uma ilusão, que ninguém, nenhum artista, cientista ou homem notável de qualquer época, seria recordado para sempre, mas isso não importava. Precisava fazer seu máximo, aquilo que estava ao alcance de seus braços. Precisava escrever aquele livro, com todos os reflexos que imaginou, com os meios-tons e os derretimentos de luzes, precisava mostrar como as influências modificam os personagens e como parte da vida deles acontece através do que o outro vivencia. Ainda não possuía o enredo, por uma razão muito simples: possuía muitos. Precisava escolher, lapidar, até que as madeiras numeradas começassem a se encaixar e retirar do chão o que antes estava apenas no papel. Ver a casa ganhando suas formas, presenciar a luz sendo acesa e a sombra dos primeiros moradores manchando as paredes brancas com uma vida, que também pertence às sombras.

Se o enredo era uma preocupação menor, havia outra, que normalmente considera-se secundária, que pesava sobre os ombros desses ainda frágeis instantes de entusiasmo: o título. Sempre tivera dificuldade para nomear suas obras, desde pequenos poemas da adolescência até romances. Acabava conseguindo, mas o arrependimento era certo. A única vez em que não se arrependeu do título foi com *A Laranja Verde*. Arrependeu-se do conteúdo, mas essa era outra história. Então um raio caiu: poderia corrigir dois erros com apenas um acerto. Destruiria os originais de *A Laranja Verde*, e nomearia o novo livro com o título que acabara de enviuvar.

O entusiasmo voltou, e aquele homem triste e desanimado de uma hora atrás já não existia mais. Romain percebeu então, que a fragilidade humana não se restringia aos momentos alegres, que de uma hora para outra podem ser destruídos por um vento pessimista. Os momentos tristes também estão sujeitos a tempestades de entusiasmo. Na verdade, qualquer sentimento, ideia, desejo ou plano, tudo é muito menos sólido do que aparenta. Mas essa não era hora para filosofar; era tempo de comemorar e planejar. Não queria voltar para o hotel imediatamente — na verdade, seus novos planos nem permitiriam uma volta ao hotel naquele horário.

Como Marselha não era Paris, não encontrou a quantidade de opções abertas em uma noite de domingo. Teve de se contentar com um pequeno restaurante de *kebabs*. Não tinha muita fome, mas pediu um sanduíche e um café. Precisava de tempo para pensar, decidir, pesar prós e contras e encontrar justificativas para suas decisões. Havia o livro e o compromisso que pensava poderia

existir com as gerações futuras. Poderia, pois suas tentativas corriam sério risco de naufrágio. Por outro lado, havia sua própria vida. Precisava viver para continuar gerando material para ser escrito. Sua vida que, de uma maneira surpreendente, unira-se à de Svetlana. Talvez essa união, assim como o livro, também sumisse dentro de um mar escuro sem deixar destroços, mas isso também já não importava mais. Os dias vividos não seriam esquecidos, e outros poderiam vir pela frente.

A comida, que em geral não apreciava, agora tinha um gosto especial. Esparramou *ketchup* pela bandeja plástica e mergulhou as batatas fritas no monte vermelho, da mesma maneira que mergulharia, em breve, na vida. Assim que terminou de comê-las, tomou uma decisão: nada sobre os méritos, somente sobre os prazos. O que quer que decidisse, aconteceria naquela noite. Sua espinha gelou assim que o sanduíche terminou, mas refugiou-se na xícara de café, ainda quase cheia. Sorveu-a lentamente, o que pareceu irritar os árabes que ali trabalhavam, e que começaram a empilhar as cadeiras sobre as mesas vazias. Quando saiu da loja ainda eram dez da noite, sentou-se em um banco de praça e percebeu que o sul da França não estava completamente imune ao inverno.

Decidiu que voltaria ao hotel. Não queria começar sua nova vida, que se iniciaria com a decisão, doente. Quando entrou no quarto as luzes estavam apagadas e Svetlana dormia. Encarou isso como uma pista da vida, que tentava se comunicar com ele. Com o maior silêncio possível abriu sua mochila e retirou de lá sua luz que usava na cabeça. Com ela abriu o caderno, que continha algumas observações dos primeiros dias de viagem e também

as oito letras que considerava o início do novo livro. Acima delas escreveu em letras de forma A LARANJA VERDE. Depois tentou por algum tempo colocar mais algumas palavras ali. Aquele não era o momento. Distraído, esbarrou no caderno que caiu no chão.

Foi nesse instante que Svetlana acordou, abriu os olhos sem que ele percebesse e logo em seguida os fechou, permanecendo acordada. Ele então apanhou o caderno no chão, colocou-o dentro da mochila e de lá retirou o cubo. Sua luz de cabeça iluminou o objeto, que espalhou reflexos e imagens, dentre elas parte do quarto e várias imagens de si mesmo com a luz na cabeça. Elas pareciam se comunicar, e a luz, localizada no topo da cabeça, pareceu-lhe outro símbolo que deveria ajudá-lo na decisão a ser tomada. Mesmo movendo o cubo em várias direções não encontrou nenhuma imagem de Svetlana.

Suspirou fundo, e sua garganta foi entupida por um nó, que durante alguns segundos, desceu até seu estômago. Depois a dor foi diminuindo aos poucos. Retirou os sapatos, e na ponta dos pés recolheu suas roupas que estavam sobre uma cadeira próxima da cama. Sem dobrá-las, apenas as enfiou dentro da mochila. Svetlana escutou tudo e continuou fingindo que estava dormindo. No banheiro recolheu seus pertences de higiene pessoal e enfiou dentro da *necessaire*. Svetlana derramou duas lágrimas em silêncio.

Para recolher os chinelos, que estavam sob a cama, precisou rastejar. As lágrimas ainda estavam vivas sobre o travesseiro quando ele se lembrou de seu celular e do carregador, que estavam na mesinha de cabeceira. Lentamente, pé ante pé, chegou até lá, quando se aproximou,

prendeu a respiração, mas ela sabia exatamente onde ele estava e o que iria fazer. Pensou em se levantar, perguntar, mostrar aquelas lágrimas ou então fabricar outras. Tudo inútil. Ele, assim como ela, apenas estava lutando pela própria sobrevivência. E isso lhe parecia a única coisa que homens e mulheres sabem fazer.

Na ponta dos pés, saiu do quarto e encostou a porta sem qualquer barulho. Do lado de fora, com a ajuda das luzes do corredor, retirou o cinto onde guardava seu dinheiro, dividiu o monte de notas em dois e enfiou uma das metades embaixo da porta. Depois, ainda enfiou mais três notas de 100 euros. Então abriu a mochila e retirou o caderno e uma caneta, rasgou uma página e pensou em escrever-lhe algumas palavras, uma justificativa, uma mentira, uma despedida. A página permaneceu em branco, jogada em frente à porta do quarto. Na recepção pagou o hotel até o meio-dia do dia seguinte. Quando entrou no táxi, foi sua vez de colocar em liberdade lágrimas que há muito não suportavam viver encarceradas. Chegou a uma estação de trem deserta. Ainda faltavam mais de três horas para a partida do próximo trem com destino a Paris. Marselha era afogada por uma tempestade que passaria despercebida da maioria dos habitantes. Ele sentou-se em um banco não muito distante do guichê de vendas de passagem que ainda estava fechado.

De repente percebeu o perigo que estava correndo. Svetlana poderia acordar com os trovões, perceber que ele não estava, que havia levado todas suas coisas e deixado dinheiro para ela. Então se sentiria usada, humilhada, julgaria que ele a havia incentivado a sonhar, para depois, apenas por um capricho, destruir seu sonho. Então, qual

seria o primeiro lugar em que ela pensaria em vir? Justamente aquele em que estava. Foi até a entrada da estação tentando descobrir se havia algum lugar aberto onde ele pudesse esperar e só voltaria para a estação quando o guichê estivesse aberto e pudesse embarcar. A cidade estava inundada, os bueiros não conseguiam engolir a água caída do céu. Não havia ninguém nas ruas, apenas os melancólicos restos dos vermelhos das placas publicitárias que refletiam sobre o asfalto escuro.

Escolheu o banheiro masculino, esperaria ali até que não corresse mais riscos. Não havia ninguém ali, e talvez permanecesse assim pelas próximas duas horas. Sentou-se confortavelmente em um vaso sanitário, fechou a porta do cercado, abriu sua mochila e de lá retirou, La Vouivre — faltavam umas vinte páginas para terminar o livro. Por meia hora esqueceu quem era e onde estava. No final do romance, Arsène morre devorado pelas serpentes ao tentar salvar a jovem Belette que, por sinal, também morre. Ou seja, a cobiça pelo rubi acaba destruindo duas vidas. A história se repete, a vida está sempre procurando novos atores para encenar sempre as mesmas velhas peças. Não seria Svetlana a Vouivre, ele mesmo Arséne e seu livro, Belette? Não estaria a vida gritando para que voltasse para aquele quarto? Ela talvez nem percebesse sua ausência. Quando acordasse, ele estaria novamente ao seu lado? E mesmo se percebesse, ele diria que a amava, não poderia viver sem ela, e no último instante se arrependera da maior bobagem de sua vida. As palavras existem justamente para isso: evitar que a história seja sempre a mesma. Podemos arranjar as palavras em ordens diferentes e modificar os sentidos de histórias

Retirou o cubo de dentro da mochila, abriu-o em busca de reflexos que lhe inspirassem uma decisão. A luz branca e opaca do banheiro parecia não refletir nada. Encontrou seu rosto, que pareceu mais velho e feio do que o normal. Guardou o cubo, decepcionado. Imaginou-a acordando pela manhã, e descobrindo a traição, o dinheiro apenas aumentaria sua tristeza: confirmaria que ela continuava e continuaria sendo uma prostituta, que havia recebido pelos dias em que o acompanhara. Ela finalmente se daria conta de que qualquer sonho não passaria de ilusão, e que sua vida estava perdida, como a de muitas outras mulheres iguais a ela que, de agora em diante, só o que poderiam fazer seria envelhecer. Então teria duas opções, e por ambas, ele, Romain, seria responsável: se atiraria do quinto andar daquele quarto, ou então continuaria vivendo, encontrando a cada dia que passa novas rugas e menos clientes.

Então, uma parte sua resistiu ao vírus da culpa. Ela lhe arrancara 1.100 euros, não satisfeita com isso, levou também seu relógio. O organismo reagiu bem e a culpa diminuiu. Ele lhe deixara, por baixo, uns 3.500 euros, dinheiro que ela jamais ganharia durante esse curto período se continuasse trabalhando na boate. A culpa agora veio de outro lado. Talvez uns oitocentos euros tivessem sido suficientes.

Seu telefone tocou, teve certeza de que era ela. Antes de verificar o número reparou no horário, eram 4h48, estranhou a coincidência, pois sabia que estatisticamente é esse o horário em que as pessoas mais se matam no mundo. Era Alone. Mas por que ligaria naquele horário? Estaria prestes a se matar? Pensou em atender, mas de-

pois decidiu que não iria mais se responsabilizar por decisões alheias. Depois dessa frase mental, perguntou-se se havia mesmo se responsabilizado por decisões alheias. Chegou à conclusão que não. Aquela frase era um falso reflexo de uma imagem apenas imaginada, e por isso incapaz de materializar-se em um espelho.

Talvez quisesse comunicar a morte de algum parente ou apenas chorar e reclamar, exigir sua presença perto dela, terminar formalmente o namoro. Se atendesse não melhoraria a situação dela, mas com certeza pioraria a sua própria. Foi nesse instante que o primeiro passageiro entrou no banheiro. Permaneceu incógnito dentro do cercado apenas ouvindo os ruídos. Talvez devesse sair, e se ela viesse e fizesse um escândalo, apenas se lembraria do dinheiro que havia enfiado sob a porta e dos 1.100 euros, então ganharia confiança e responderia aos insultos com altivez.

Preferiu a segurança do banheiro e um ataque certeiro ao bilhete no primeiro minuto que estivesse disponível. Abriu o caderno, mas não quis ler o mínimo diário que escrevera durante a viagem. Svetlana era página virada, começava a transformar-se em memória. Afora o diário, o caderno contava apenas com as oito letras com as quais iniciara seu novo livro, e o título *A Laranja Verde*. Todo o resto eram páginas em branco que pediam para serem preenchidas.

Tentou começar a escrever, mas os ruídos aumentaram, e de agora em diante aumentariam ainda mais. Já que não conseguia concentrar-se para escrever, tentou planejar o livro, desenhando esquemas, personagens, fluxos de consciência, mudanças de foco narrati-

vo. Imediatamente rasgou a página e atirou-a no cesto de papéis. Aquele livro não poderia seguir esquemas; aconteceria como acontece o nascimento do sol todas as manhãs: cada um diferente do outro, com suas pequenas ou grandes particularidades.

Alguém tentou entrar em seu cercado. Mexeu na maçaneta e depois se abaixou para ver se encontrava pés. Por um instante temeu ser Svetlana. Desenhou a cena, ele sendo retirado à força do vaso sanitário, com as calças abaixadas, e depois apanhando dela que, antes de ser retirada dali pela polícia, o humilharia de todas as formas possíveis. Mas ela não veio. E ele descobriu que era normal as pessoas tentarem abrir a porta do cercado quando não percebiam que havia alguém ali dentro. Aturou mais três tentativas de invasão em silêncio, apenas contando com a presença sólida de seus próprios pés.

Ainda faltavam uns bons minutos para as bilheterias abrirem, mas decidiu que sua presença ali poderia gerar desconfiança de algum frequentador que alertaria à direção da estação. Saiu do banheiro com o coração pesado. Pouca gente ainda circulava pela estação. Dirigiu-se às bilheterias, mas logo percebeu que aquele era o último lugar em que deveria ficar. Descobriu um canto, no segundo andar, onde conseguia manter um olho na porta de entrada e outro na bilheteria. Se Svetlana entrasse, poderia permanecer escondido até que ela fosse embora.

O grande relógio da estação parecia sem fôlego. Os minutos eram bebês prematuros que não teriam força para completar a volta que continha longos sessenta segundos. Seu coração pulsava a cada vez que uma mulher entrava. Algumas pessoas começaram a fazer fila diante

da bilheteria ainda fechada. Ele ficou em dúvida se perderia mais tempo esperando na fila desde já, ou indo para lá apenas quando ela abrisse. O painel anunciou o primeiro trem do dia para Paris. Partiria às 6h39.

Faltavam cinco minutos para as seis horas quando desceu. Esperou uns dez minutos até comprar sua passagem. Seu coração esteve próximo de uma parada quando, ainda na fila, uma mão tocou seu ombro, querendo avisar que ele havia deixado seu cachecol cair no chão.

Quando entrou no trem, que ainda levaria muitos minutos para partir, seus nervos foram pisoteados pela entrada de cada nova passageira. Lembrou-se do banheiro, um bom refúgio. Mas temeu encontrá-la confortavelmente sentada em sua poltrona quando retornasse. Esse medo não possuía justificativa lógica, como, aliás, a maioria deles, mas paralisou-o completamente.

Os agentes ferroviários pareciam excepcionalmente bem humorados, principalmente para um trem que partia àquela hora. Desconfiou que faziam parte de um complô, cujo objetivo seria destruir seus nervos atrasando indeterminadamente a partida do trem.

O local ao seu lado foi ocupado por um daqueles executivos que passam todo o percurso conectados a *laptops* e falando em voz baixa em fones de ouvidos. O bloqueio do assento vizinho acalmou-o um pouco. Ainda permaneceu alguns minutos com os olhos fixos na janela tentando enxergar alguma figura atrasada, correndo na direção do trem. Finalmente, e muito lentamente, o trem começou a se mover. Romain sorriu e acabou encontrando o rosto do executivo, que não correspondeu a sua demonstração de alegria. A velocidade aumentou. Svetlana

não poderia correr tanto. A página estava definitivamente virada. Em três horas e meia chegaria a Paris e não teria mais um teto. Mas isso não o inquietava.

Pediu licença ao executivo para acessar o porta-bagagem, abriu a mochila e encontrou o cubo. Agora, com a luz controlada do trem e mais um pouco de luminosidade que vinha das janelas protegidas por uma película escura, ele parecia dar sinais de vida. Pequenos reflexos voltavam a brotar. Mas não era o cubo que procurava. Com caderno e caneta na mão, armou a mesinha de trabalho que havia diante de sua poltrona, e começou a escrever.

A cada vinte minutos parava e mexia os dedos, depois abria e fechava as mãos, uma olhada pela janela, e voltava ao ataque. As páginas foram sendo viradas enquanto o trem engolia a França. Vilarejos, regiões agrícolas, castelos, nada merecia sua atenção. Ele era um mergulhador do Ártico, que entrara no mar por um buraco cavado no gelo e se perdera. Seu único interesse era descobrir como sairia dali. A saída tinha capa dura da cor azul.

Os descansos rarearam e diminuíram a duração. Seu rosto deixou de lado a paz advinda da não presença de Svetlana e, conforme o trem avançava na direção de Paris, ganhou traços obsessivos: a língua molhava o lábio de baixo, os olhos quase não piscavam, os músculos do rosto pareciam anestesiados. Ele foi virando as páginas até que teve de parar. Algo no tendão do braço direito. Dois minutos de massagem resolveram, pelo menos temporariamente, o problema. Continuou, com ainda mais velocidade, até que o trem começou a diminuir a sua.

Estavam chegando. A periferia conduziu-o a lembranças sobre *rap* e poemas ruins. Precisaria parar de

escrever. Contou as páginas do caderno. Eram 16. Depois o fechou, e assistiu à lenta aproximação da Gare de Lyon. O executivo ao seu lado finalmente fechou o *laptop* e retirou os fones de ouvido. Algumas pessoas apressavam-se retirando suas bagagens e acotovelando-se próximas às portas de saída.

Romain havia encontrado a saída do mar Ártico e agora descansava tranquilamente sobre a calota de gelo. Apenas se recordava daquilo que havia visto. Os passageiros começaram a esvaziar o vagão. O dia estava frio, mas ensolarado, e o executivo precisou se proteger da luz e talvez das cores com seus óculos escuros. Romain deixou todos saírem e esperou em sua poltrona. Com o trem vazio, pegou sua mochila e foi embora, deixando sobre a mesinha de trabalho o caderno azul.

Trinta segundos depois estava de volta. Olhou para o caderno por um longo minuto. Depois decidiu que ele não possuía brilhos e reflexos suficientes. Então abandonou o vagão de mãos vazias.



Vencedor na categoria ROMANCE



